

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SOCIOECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA ADMINISTRAÇÃO

Ana Clara de Borba Granzotto

Carolina Vivan

OS CONVÍVIOS *SLOW FOOD* DA GRANDE FLORIANÓPOLIS:
uma caracterização organizacional

Florianópolis

2016

Ana Clara de Borba Granzotto

Carolina Vivan

**OS CONVÍVIOS *SLOW FOOD* DA GRANDE FLORIANÓPOLIS:
uma caracterização organizacional**

Trabalho de Curso apresentado à disciplina CAD 7305 -
Laboratório de Gestão: Trabalho de Curso como requisito
parcial para a obtenção do grau de Bacharel em
Administração pela Universidade Federal de Santa
Catarina.

Enfoque: Monográfico

Área de concentração: Organizações e Sociedade

Orientador(a): Prof. Dr. Renê Birochi

Florianópolis

2016

Catálogo na fonte elaborada pela biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina

Granzotto, Ana Clara de Borba; Vivan, Carolina

OS CONVÍVIOS SLOW FOOD DA GRANDE FLORIANÓPOLIS: uma caracterização organizacional / Ana Clara de Borba Granzotto, Carolina Vivan ; orientador, Renê Birochi – Florianópolis, SC, 2016.

95 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio Econômico. Graduação em Administração.

Inclui referências

1. Administração. 2. Convívio. 3. Slow Food. 4. Lei dos Requisitos Adequados. 5. Isonomia. I. Birochi, Renê. II. Universidade federal de Santa Catarina. Graduação em Administração. III. Título.

Ana Clara de Borba Granzotto

Carolina Vivan

OS CONVÍVIOS *SLOW FOOD* DA GRANDE FLORIANÓPOLIS: uma caracterização organizacional

Este Trabalho de Curso foi julgado adequado e aprovado na sua forma final pela Coordenadoria Trabalho de Curso do Departamento de Ciências da Administração da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, __ de _____ de 2016.

Prof. Martin de La Martinière Petroll, Dr.
Coordenador de Trabalho de Curso

Avaliadores:

Prof^ª. Renê Birochi, Dr.
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª. Maurício Serva, Dr.
Avaliador
Universidade Federal de Santa Catarina

Mariana Moritz, Ma.
Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina

A todos aqueles que
dedicam-se a tornar o
mundo um lugar melhor.

AGRADECIMENTOS

A todos os nossos professores, que ao longo da graduação nos mostraram cada faceta da administração. Em especial, ao nosso querido orientador Prof. Renê Birochi, que frente aos nossos devaneios, desconstruiu conceitos, fez as perguntas corretas, riu das nossas piadas e com carinho nos inspirou a ser profissionais e, principalmente, pessoas diferentes.

Agradecemos também aos colegas de curso pelos debates em sala, solidariedade nas horas de estudo e pelo bom-humor que fez da graduação um parque de diversões do conhecimento. Neste trabalho, agradecemos especialmente ao colega do Programa de Pós-Graduação Alexandre Lage - o Lelé, por todas dicas, indicações e correções que nos ajudaram ao longo da nossa pesquisa.

Aos associados do Movimento *Slow Food*, por todas as horas dedicadas à nós, pela abertura, sinceridade e disponibilidade que tornou a pesquisa ainda mais próspera. Obrigada por fazer a revolução!

Agradecimentos especiais das autoras

Enfim, aqui chegamos. Digo *chegamos* pois uma trajetória tão rica não poderia ter sido feita sozinha.

Aos primeiros, e sempre presentes, os meus pais. *Mamis* que sempre me ensinou o valor da ética e a ponderar cada lado de uma situação. O meu pai que sempre me mostrou que as coisas podem ser feitas, independentes de tempo e espaço, com vontade de viver. O meu irmão, que me mostra que a dádiva não tem limites e me ensina a arte da paz. Muito obrigada à vocês, pela paciência em ouvir todo o meu discurso em cada nova descoberta e pelo apoio incondicional em cada uma das minhas decisões.

Um agradecimento especial à família da Madrinha. Vocês estavam lá no dia 1, me acolheram como filha e irmã. Muito obrigada por me dar um lar e fazer com que a vida fosse mais leve.

Não sei dizer como eu seria se não tivesse conhecido vocês, caras amigas do OKiverito. Muito obrigada por cada desconstrução, pelos tabus quebrados, os temas debatidos, as risadas sinceras, as noites felizes e momentos de amor. Sabemos que nós viemos para mudar o mundo.

Aos meus garotos, *Casually on Fridays*. Com vocês eu discuti administração, a vida adulta, os países do mundo e os mais loucos sonhos. Arthur, você é um dia ensolarado com cheiro de felicidade. Dani, você é o irmão gêmeo, o sócio e o tesouro mais bem guardado que eu conheço.

Brubs, muito obrigada pela força poderosa, pela paciência com as minhas manias, por tantas e tantas risadas boas *after lunch*, e pela cumplicidade que só as melhores amigas tem. To you dear Rosanna, my marketing girl, who shows me that we are able to dream higher, go for it and have some delightful fun on the way.

E à você Carolzinha, por surpreender ao ser a melhor parceira de TCC já vista no departamento. Muito obrigada por tantos ensinamentos, pelas conversas, viagens, e principalmente, pela sincronicidade de pensamentos e jeito de ver a vida.

Obrigada pela torcida, pelas vibrações, pela paciência, pelo amparo e pela força que cada um de vocês, de um jeito único e especial, me ajudou a chegar aqui. Eu amo vocês.

Ah, e obrigada Universo, por sempre conspirar a favor.

Ana Clara de Borba Granzotto

Agradecer: até isso vocês me ensinaram meus pais. E assim, eu sou só gratidão pela existência de vocês do jeito que são, Rozangela e Raif. Muito obrigada pelo o amor incondicional e pela atenção aos meus anseios e sonhos, além do incentivo à experiência de tudo aquilo que pulsa dentro de mim.

Meu muito obrigada à cada membro de minha família, em especial para aqueles que vivem da agricultura e desfrutam com naturalidade de muitos conceitos abordados nesta pesquisa, vocês me inspiram. Eu sou muito feliz em compartilhar com vocês as alegrias de comer uma fruta direto da árvore ou ver o céu com uma quantidade de estrelas inimaginável na cidade.

Agradeço também, à todos aqueles que viveram comigo às incontáveis experiências e mudanças que a UFSC me proporcionou ao longo dos cinco anos, agradeço de coração à cada um de vocês. Ao YOLO, que desde o início da graduação se fez presente, não tenho dúvidas de que vocês todos irão longe, vejo muito potencial em cada um de vocês.

Em especial, expresso minha gratidão à vocês: Arthur, Livia, Marcela e Vitor - e ao nosso grupo que não pode ser nomeado. A nossa sintonia há de ter vindo de outras vidas, tão

diferentes e iguais ao mesmo tempo, meu muito obrigada pelo bom humor, pela multidisciplinaridade dos assuntos e pela facilidade de ser eu mesma com vocês. Agradeço também à você Luiza, pela presença na vida e nos trabalhos da faculdade, com toda a energia e leveza de uma leonina que eu tanto admiro. Afinal, “não preciso de heróis, eu tenho meus amigos”.

Meu muito obrigada à você Ana, cujo bom-humor e paciência fez das madrugadas e dias inacabáveis de análise de dados, leves e divertidos. Sou muito grata universo pela oportunidade inesperada de viver essa experiência transformadora com você, pela complementaridade energia, conhecimentos, anseios e sonhos.

Carolina Vivan

*"O preço de qualquer coisa é a quantidade de vida que você troca por isso."
(Henry David Thoreau)*

RESUMO

O *Slow Food* é um movimento italiano, que surgiu em 1986, após os protestos contra a abertura de um restaurante do *McDonald's* na famosa *Piazza di Spagna*, em Roma. Ele se expressa dentro de um conjunto de movimentos sociais que atuam no sistema agroalimentar contemporâneo enfatizando formas alternativas de produção e comercialização de alimentos, questionando assim o processo de racionalização e padronização alimentar. O *Slow Food* considera que os modelos agroindustriais vigentes, baseados na produtividade a qualquer custo, resultam na perda cultural e da naturalidade do alimento. Os Convívios são as células locais da filosofia *Slow Food*. São formados por grupos de ativistas do movimento que tem como objetivo a vivência dos valores 'Bom, Limpo e Justo' por meio da convivialidade entre pessoas em torno de um alimento ou prática gastronômica. Tais agrupamentos desenvolvem-se a partir de uma lógica substantiva, característica dos sistemas sociais baseados em valores não-econômicos. Como aporte teórico, foi utilizado o livro “A Nova Ciência da Organização” de Alberto Guerreiro Ramos (1989), uma vez que o autor traz uma diferente perspectiva do funcionamento de organizações alternativas. A principal questão investigada neste trabalho é o entendimento das características organizacionais dos Convívios da Grande Florianópolis, segundo o aporte teórico. Além disso, procura-se a partir da descrição do Movimento *Slow Food*, como um sistema organizacional baseado em valores e da descrição dos Convívios *Slow Food* da Grande Florianópolis, analisar tais Convívios pela lente teórica da Lei dos Requisitos Adequados (tecnologia, tamanho, cognição, espaço e tempo) e a teoria da delimitação de sistemas sociais (economia, isonomia e fenonomia), de Guerreiro Ramos. O trabalho busca responder estas questões a partir de uma pesquisa exploratória baseada em análise documental, observação não-participante e entrevistas semi-estruturadas com membros dos Convívios *Slow Food* da Grande Florianópolis. Os resultados da pesquisa demonstram que os Convívios *Slow Food* possuem traços marcantes de uma Isonomia, trazendo como principal motivação de seus membros a ideologia do movimento. Outro ponto de conclusão foi a relação de interdependência entre os requisitos encontrados. Apesar disso, como resultado controverso, o acúmulo de responsabilidades em um líder acaba por enfraquecer os laços de uma organização onde todos teriam funções equivalentes. Como conclusão, percebe-se que apesar da grande aderência entre teoria e prática, ocorrem divergências entre os tipos ideais de sistemas sociais e a organização estudada.

Palavras-chave: Convívio, *Slow Food*, Lei dos Requisitos Adequados, Isonomia.

ABSTRACT

Slow Food is an Italian movement that emerged in 1986 after protests against the opening of a McDonald's restaurant on Rome's famous Piazza di Spagna. It expresses itself within a set of social movements that work in the contemporary agri-food system and emphasizes alternative forms of food production and commercialization, thus questioning the process of rationalization and food standardization. Slow Food believes that current agroindustrial models, based on productivity at any cost, result in cultural loss and naturalness of food. The *Convivia* are the local cells of the Slow Food philosophy. They are formed by groups of movement activists whose objective is to live the values 'Good, Clean and Fair' through the conviviality between people around a food or gastronomic practice. Such groupings develop from a substantive logic, characteristic of social systems based on non-economic values. As a theoretical basis, the book "The New Science of Organization" by Alberto Guerreiro Ramos (1989) was used, since the author brings a different perspective on the functioning of alternative organizations. The main question investigated in this work is the understanding of the organizational characteristics of the *Convivia* of Greater Florianópolis, according to the theoretical references. In addition, it is sought from the description of the Slow Food Movement, as an organizational system based on values and the description of the Slow Food *Convivia* of Greater Florianópolis, to analyze such *Convivia* through the theoretical lens of the Law of Adequate Requirements (technology, size, cognition, space and time) and the theory of delimitation of social systems (economy, isonomy and fenonomy), by Guerreiro Ramos. The paper seeks to answer these questions based on an exploratory research based on documentary analysis, non-participant observation and semi-structured interviews with members of the Slow Food *Convivia* of Greater Florianópolis. The results of the research demonstrate that the Slow Food *Convivium* have marked traits of an Isonomy, bringing the movement's ideology as the main motivation of its members. Another point of conclusion was the relationship of interdependence between the requirements found. Nevertheless, as a controversial result, the accumulation of responsibilities in a leader ultimately weakens the ties of an organization where all would have equivalent functions. As a conclusion, we can see that despite the great adherence between theory and practice, there are differences between the ideal types of social systems and the organization studied.

Keywords: *Convivium*, Slow Food, Adequate Requirements Law, Isonomy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O Paradigma Paraeconômico.....	43
Figura 2 – Convívios do <i>Slow Food</i> no Brasil.....	65
Figura 3 – Modelo de Análise.....	75
Figura 4 – Modelo de Funcionamento Ideal.....	101
Figura 5 – Modelo de Funcionamento Real.....	102

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quadro Teórico Paraeconomia.....	48
Quadro 2 - Quadro Teórico Paraeconomia X Requisitos Adequados.....	53
Quadro 3 – Resumo dos Resultados.....	91

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Entrevistados.....	73
-------------------------------	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA E APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA.....	17
1.2 OBJETIVOS.....	22
1.2.1 Objetivo Geral.....	22
1.2.2 Objetivos Específicos.....	22
1.3 JUSTIFICATIVA.....	22
1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO.....	23
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	25
2.1 AS ORGANIZAÇÕES DO ALIMENTO.....	25
2.1.1 Agricultura Empresarial.....	26
2.1.2 Agricultura Alternativa.....	30
2.1.2.1 Agroecologia.....	33
2.1.2.2 Agricultura Familiar.....	37
2.2 A PERSPECTIVA SUBSTANTIVA DAS ORGANIZAÇÕES.....	38
2.2.1 Economia Substantiva.....	38
2.2.2 A Nova Ciência das Organizações.....	40
2.2.2.1 Paraeconomia.....	41
2.2.2.2 Lei dos Requisitos Adequados.....	48
2.3 QUADRO TEÓRICO PARA ECONOMIA X REQUISITOS ADEQUADOS.....	52
3 OBJETO EMPÍRICO	54
3.1 O MOVIMENTO SLOW FOOD.....	
3.1.1 Os valores do movimento.....	58
3.2 AS ESTRATÉGIAS DO MOVIMENTO.....	61
3.3 OS CONVÍVIOS.....	64
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	68
4.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA QUANTO À SUA NATUREZA E ABORDAGEM.....	68
4.2 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA QUANTO AOS SEUS OBJETIVOS.....	69
4.3 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA QUANTO AOS PROCEDIMENTOS TÉCNICOS UTILIZADOS.....	69
4.3.1 Unidades de Análise e Técnicas de Coleta de Dados.....	70
4.3.2 Modelo de Análise.....	74

5 RESULTADOS.....	76
5.1 A ORIGEM DOS CONVÍVIOS SLOW FOOD DA GRANDE FLORIANÓPOLIS....	76
5.1.1 Convívio Mata Atlântica.....	77
5.1.2 Convívio Engenhos de Farinha.....	78
5.1.3 Convívio Diamante.....	79
5.2 LEI DOS REQUISITOS ADEQUADOS.....	79
5.2.1 Tecnologia.....	80
5.2.2 Tamanho.....	82
5.2.3 Cognição.....	84
5.2.4 Espaço.....	87
5.2.5 Tempo.....	89
5.3 OS CONVÍVIOS COMO ISONOMIA.....	91
5.3.1 Motivação e Voluntariado.....	92
5.3.2 Carisma e Liderança.....	93
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
REFERÊNCIAS.....	104
ANEXOS.....	109

1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo estão dispostos a contextualização do tema e da problemática estudada, o objetivo geral e o seu desdobramento em objetivos específicos, a justificativa em termos de importância e a contribuição acadêmica da pesquisa, e, por fim, a estrutura do trabalho.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA E APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

As transformações ocorridas na sociedade ao final do século XIX e início do XX, na esteira da expansão econômica e do surgimento do capitalismo industrial, trouxeram novas dinâmicas relacionadas à organização do trabalho e a questões sócio-econômicas como um todo.

As mutações ocorridas desenharam novos conflitos sociais e os mecanismos de acumulação de capital já não são alimentados pela simples exploração da força de trabalho, e sim pela manipulação de complexos sistemas organizacionais e pelo controle da informação e dos processos (MELUCCI, 1980).

No que se refere a situação econômica global atual, o mercado agrícola configura-se como pano de fundo quanto à alimentação da humanidade. Cada vez mais controlado pelos principais produtores e formadores de preços, as disputas comerciais fazem do mercado de alimentos, assim como de outros, um foco de obtenção de superlucros por meio de superproduções (CARNEIRO, 2003).

A modernização da agricultura brasileira corrobora com o cenário exposto anteriormente, uma vez que foi intensificada a partir da segunda metade do século XX, dentro de uma configuração produtiva e mercadológica do alimento. (BOSSETTI, 2013). Nesse sentido, Carvalho (2007), aponta que a tendência à crescente artificialização da agricultura tem se transformado em um ramo da indústria, portanto, subordinando a natureza aos interesses do mercado e do lucro.

Ainda na mesma perspectiva, Deb (2004 apud. Petrini 2012) constata que a ciência agrícola e florestal moderna criou uma simplificação e uma homogeneização da natureza para minimizar os processos incertos e assegurar uma produção eficiente de mercadorias

comerciáveis, pela intensificação de poucos produtos cultivados, à custa da perda de uma diversidade genética magnificente, que era resultado de milênios de experimentos.

Como reflexo da mercantilização do alimento, o impacto social ocorre na difusão da riqueza que, segundo Petrini (2009) está vinculada à relação do custo da comida combinada com a ignorância sensorial, pois a mesma tem levado a critérios e resultados antieconômicos: “quanto mais barato é o produto, mais consumido ele é, não importando que prive do prazer nem se prejudica a pessoa, o ecossistema e os trabalhadores que o produzem” (PETRINI, 2009, p.101). Entre as consequências disso, estão os escândalos alimentares e os graves problemas de saúde pública, como no caso da encefalopatia espongiforme bovina, da gripe aviária e das adulterações alimentícias de toda espécie que, diariamente, ganham espaços na crônica e colocam os consumidores em uma condição de desamparo (GENTILE, 2016).

Ainda na esfera social do alimento, Carneiro (2003) coloca a rotinização entediante da vida cotidiana provocada pela cultura do fastfood, as flutuações dos horários das refeições e do simbolismo nelas investido, é o rico material reflexão antropológica. Além disso, o fim das refeições em família leva à erosão do próprio conceito de "refeição" numa sociedade em que nas casas vigora o império dos microondas e no trabalho, na rua ou na diversão expandem-se as práticas da "alimentação rápida", fenômeno que surge na fronteira difusa entre os bares e restaurantes e que simboliza esta nova relação com os horários e os rituais da comida (CARNEIRO, 2003).

Em relação à alimentação rápida, Ortigoza (1997) contextualiza o sistema o *fast food*, como homogeneizante, uma vez que o rigor da formatação é o que garante a padronização; e a padronização, por sua vez, é a garantia da qualidade dos produtos e serviços. Como resultado, a inovação principal do *fast food* foi o conceito de "rapidez", por exemplo na nova *loja* de hambúrguer pode se obter uma refeição completa em "quinze segundos"

O *fast food* foi, assim, a aplicação do taylorismo, ou seja, da divisão e racionalização do trabalho, à preparação de refeições servidas em restaurante, provocando um fenômeno de produção e consumo em série, homogeneizante e padronizante, já chamado "gastroanomia". (CARNEIRO, 2003). Ortigoza (1997) critica o *modus operandi* da lógica econômica mundial quando aponta que ele “invade mentes, corações e privacidades, e através do dinamismo e da força tecnológica derruba fronteiras e nacionalismos” (ORTIGOZA, 1997 p. 9).

Diante do cenário exposto, percebe-se um padrão hegemônico de atuação das organizações em torno no alimento. Entretanto, a partir dos anos 70 e 80, com a tomada de consciência sobre tais contextos, movimentações sociais começam a emergir no sentido oposto ao da mercantilização da vida.

Os ditos "novos movimentos sociais" relacionam-se ao âmbito político ou de microprocessos da vida cotidiana. Entre as temáticas estão a luta pelos direitos das mulheres, defesa ecológica, formas de produção alternativas, mercados mais justos, entre outros. Assim, a partir da busca por novas definições a participação na vida coletiva se torna parte da constituição de identidades e biografias pessoais (OLIVEIRA, 2013).

Esses sistemas sociais possuem características organizacionais próprias, uma vez que possuem como força motriz valores que vão além do econômico. A motivação de seus membros é orientada pela causa, onde a ação empreendida é compensadora em si mesma e resulta na auto realização. Como consequência, as formas de organização do trabalho, por exemplo, dão-se por diversas vezes na forma de atividades voluntárias, onde aquela não é a principal ocupação de seus membros. Desse modo, as maneiras pelas quais o grupo se orienta são diferentes das organizações pertencentes ao mercado, uma vez que a eficiência não é o parâmetro de sucesso para as atividades realizadas (RAMOS, 1989).

A forma da estrutura interna também difere no que diz respeito à imposição de normas e regras. Dado que a relação de comprometimento é voluntária, as regras por muitas vezes são mínimas, e quando necessárias, formadas por um consenso. Além disso, a tomada de decisão, governança e relações interpessoais articulam-se no que tangência a equidade entre os membros ou pela deliberação de atribuições por aptidões e afinidades (RAMOS, 1989).

Entre esses movimentos sociais anteriormente citados, surge na Itália em 1986, um movimento contra o sistema *fast food*, o movimento *Slow Food*. Fundado por Carlo Petrini, o que hoje é tido como um movimento mundial, pode ser considerado além de uma nova ideologia alimentar, uma proposta de um novo estilo de vida. Ele questiona o processo de racionalização e padronização alimentar que busca a produtividade a qualquer custo, principalmente quando ela resulta na perda das tradições culinárias, da naturalidade e do sabor do alimento (OLIVEIRA, 2014).

O movimento *Slow Food* possui em seus princípios e ações, uma possível alternativa para tratar a problemática apontada nesta pesquisa, uma vez que visa por meio de alimentos

bons, limpos e justos a valorização das esferas biológica, econômica e social. É autodenominado como “um movimento de ecogastronomia que acredita no direito universal ao prazer da alimentação e na importância da convivência” foi e continua sendo um movimento que busca atuar numa lógica contrária do processo de industrialização.

No *Slow Food*, o alimento é visto como ponto central das organizações sociais e humanas, buscando transformar através das suas estratégias três eixos principais: a promoção da educação do gosto, salvaguarda de agrobiodiversidade e cultura alimentar e encurtamento de cadeias aproximando produtor e consumidor.

O desenvolvimento das atividades do *Slow Food* ocorre por meio dos Convívios, grupos de membros responsáveis pelas ações e expressões do movimento. Quando um indivíduo associa-se ao *Slow Food*, automaticamente ele escolhe o Convívio com que mais se identifica e também o mais próximo do local em que mora. A base das atividades contemplam os princípios do movimento, por meio de reuniões periódicas, compartilhando o prazer da convivência em torno de alimentos da culinária local, da construção de relacionamentos com os produtores, de campanhas em prol da proteção e valorização dos alimentos tradicionais, etc.

Atualmente existem 1500 Convívios do *Slow Food*, em 132 países, compostos em sua totalidade por mais de 100.000 membros. No estado de Santa Catarina especificamente, existem seis Convívios, três deles na região litorânea, um na região norte e dois na região oeste do estado. Sua forma de organização é declarada como "auto gestonária" mas orientada por um líder, seus membros exercem atividades voluntárias e não possuem um local de convivência fixo, funcionam como nós da rede *Slow Food* e articulam com a comunidade local.

A partir do exposto, conforme as distintas formas de organização, é possível perceber que as mesmas respondem de maneiras diferentes à diferentes estímulos. Assim, entende-se que as recentes técnicas de administração são incapazes de conduzir o indivíduo para a auto-realização, e representam um modelo mais sutil de continuação de um sistema de controle, normas e prescrições, que caracterizam as organizações economista.

Assim, no sentido de reformular as construções teóricas, Guerreiro Ramos, sociólogo brasileiro, foi um dos autores que dedicou parte de sua pesquisa para o entendimento desta outra composição social. O resultado de estudos foi uma nova teoria organizacional,

desenvolvida para uma alternativa compreensão organizacional e prática da gestão administrativa (SERVA, 1996).

Em seu livro *A Nova Ciência das Organizações – uma Reconceituação da Riqueza das Nações*, de 1981, Guerreiro Ramos teve como objetivo “contrapor um modelo de análise de sistemas sociais e de delineamento organizacional de múltiplos centros ao modelo atual centralizado no mercado” (RAMOS, 1989 p. XI). Assim, reúne em sua última obra estudos que visam contrapor a lógica utilitarista das teorias organizacionais do modelo vigente, desenvolvendo seu pensamento a partir de uma nova forma de conceber a teoria das organizações, a “abordagem substantiva da organização”

Dentre os conceitos abordados, o autor estabelece a “lei dos requisitos adequados”, quando afirma que, nos múltiplos sistemas sociais coexistentes, quem determina os requisitos de planejamento são, dentro de um processo dinâmico e dialético de sua concretização social, seus membros (RAMOS 1989, p.156). No entanto, em termos especulativos, o sociólogo estabelece um conjunto composto por cinco dimensões principais que constituem a configuração basilar dos sistemas sociais. São elas: tecnologia, tamanho, cognição, espaço e tempo.

A partir da análise de tais dimensões é possível identificar padrões de comportamento organizacional e assim delimitar os diferentes sistemas sociais pertencentes ao, que o autor chama de, paradigma paraeconômico.

Uma vez que os Convívios *Slow Food* percorrem caminhos distintos da tradicional teoria da administração, é necessário que se façam estudos a respeito de sua definição e/ou do entendimento de suas características enquanto sistema social.

Nesta perspectiva, o trabalho irá se desenvolver a partir da seguinte pergunta de partida: quais são as principais características organizacionais dos Convívios da Grande Florianópolis, do Movimento *Slow Food*, segundo o aporte teórico de Guerreiro Ramos?

1.2 OBJETIVOS

Com base na problemática anterior e com o intuito de orientar as investigações desta pesquisa, desenvolveram-se objetivos, geral e específicos, descritos a seguir.

1.2.1 Objetivo Geral

Caracterizar os principais traços organizacionais de três Convívios do Movimento *Slow Food* da Grande Florianópolis, segundo a teoria da delimitação de sistemas sociais e da Lei dos Requisitos Adequados de Guerreiro Ramos.

1.2.2 Objetivos Específicos

- a) Descrever e analisar os Convívios *Slow Food* da Grande Florianópolis;
- b) Analisar os Convívios estudados em relação à Lei dos Requisitos Adequados (tecnologia, tamanho, cognição, espaço e tempo), de Guerreiro Ramos ;
- c) Analisar os Convívios estudados em relação à teoria da Paraeconomia, a delimitação de sistemas sociais (economia, isonomia e fenonomia), de Guerreiro Ramos.

1.3 JUSTIFICATIVA

O desenvolvimento deste trabalho justifica sua **importância** em diferentes escalas, pois a busca por novas formas de gestão estão cada vez mais evidentes, pois se configuram para a melhoria da qualidade de vida dos seres humanos. Assim, questões relacionadas a outras perspectivas organizacionais além da vigente - funcional - vem despertando reflexão e interesse por parte das pessoas, seja no que se refere ao trabalho, seja no que se refere ao consumo. Portanto, ao apresentar características de organizações que têm outros objetivos além do mercado, pretendemos contribuir para o conhecimento do leitor sobre a existência desses grupos, bem como eles se comportam em relação ao tecnologia, tamanho, cognição, espaço e tempo.

O critério de **Originalidade** no desenvolvimento desta pesquisa é observado no fato de que não existem trabalhos elaborados na área de Administração referentes aos Convívios *Slow Food* de Santa Catarina, existindo apenas estudos relacionados às áreas de Antropologia Social e Ciências Humanas. Além disso, praticamente não existem trabalhos que utilizem a Lei dos Requisitos Adequados como lente de análise de uma investigação, no âmbito de organizações - relacionados ao tema alimentar, não encontramos nenhum.

O tema do trabalho apresenta grande **Oportunidade** de contribuição e relevância pois, ao analisar as características dos objetos - mesmo que de forma essencialmente exploratória -

acreditamos que é possível que o leitor reflita sobre o assunto e perceba as oportunidades que emergem junto com as formas alternativas de gestão. Além disso, as contribuições deste trabalho pretendem abrir caminhos para estudos posteriores no tema.

O critério de **Viabilidade** da elaboração deste trabalho é percebido primeiramente na receptividade intrínseca que o *Slow Food* - por ser um movimento social - expressa por meio vontade de expansão dos seus princípios. Além disso, os Convívios mostraram abertura em relação à um estudo exploratório na área de Administração. Outro ponto é a proximidade local com os grupos - região da Grande Florianópolis - e a relação que a UFSC apresenta com o movimento, por meio do projeto de extensão "Alimentos bons, limpos e justos: ampliação e qualificação da participação da Agricultura Familiar brasileira no movimento *Slow Food*", o qual nosso professor orientador deste estudo, Renê Birochi é coordenador geral do projeto.

Em relação a **Motivação** deste estudo, alguns fatores representam a inquietação das autoras perante ao assunto abordado, principalmente no que diz respeito a questão da racionalidade mercadológica vigente na maior parte da sociedade - por consequência, muitas vezes - dos processos organizacionais. Esta racionalidade, na concepção das autoras, não contempla outros aspectos de grande valia, como o das relações interpessoais, a auto-realização do indivíduo e as questões políticas e sociais. Existe, portanto, uma vontade muito grande das autoras de convidar o leitor - a partir da reflexão sistêmica - a compreensão e até mesmo a experimentação de atividades além daquelas funcionais.

1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO

A estrutura deste trabalho foi desenvolvida a partir de seis capítulos, sendo eles: Introdução, Fundamentação Teórica, Objeto Empírico, Metodologia, Análise dos Dados e Considerações Finais. O trabalho foi escrito nos padrões da Associação Brasileira de Normas e Técnicas – ABNT - e dos Trabalhos de Conclusão do Curso de Administração da Universidade Federal de Santa Catarina.

O capítulo introdutório do estudo apresenta a problemática e o contexto da pesquisa, a definição dos objetivos propostos, bem como a justificativa e as motivações das autoras. O segundo capítulo, é referente ao aporte teórico do trabalho, os conceitos expostos estão relacionados ao objetivo geral da pesquisa. São eles: Organizações do alimento (Agricultura Empresarial e Agricultura Alternativa), Economia Substantiva, Paraeconomia e a Lei dos

Requisitos Adequados.

Já o terceiro capítulo é referente ao objeto de estudo. Assim, em um primeiro momento descrevemos o movimento *Slow Food*, seus valores e estratégias para, posteriormente aprofundar-se no objeto desta pesquisa, os Convívios *Slow Food*. O quarto capítulo é referente aos procedimentos metodológicos empregados no estudo, classificando a pesquisa quanto à sua natureza, à sua abordagem, aos seus objetivos e as técnicas utilizadas nas coletas de dados. O quinto capítulo apresenta aos resultados das análises e o relacionamento entre esses e a Lei dos Requisitos Adequados, de Guerreiro Ramos.

Por fim, o sexto e último capítulo apresenta as considerações finais do trabalho, neste momento as autoras escrevem as conclusões do estudo, respondendo a pergunta e aos objetivos da pesquisa. Além disso, relações entre as características abordadas são expostas, bem como sugestões para os estudos acadêmicos futuros.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O princípio da fundamentação teórica é a contextualização das concepções que permeiam um estudo. Refere-se à articulação de conceitos tratados para explicar e tornar compreensível determinado fenômeno empírico. Nesta pesquisa, a fundamentação teórica é composta pela abordagem das organizações do alimento, subdivididas em Agricultura Empresarial e Agricultura Alternativa, Economia Substantiva, além das teorias de Paraeconomia e da Lei dos Requisitos Adequados, de Guerreiro Ramos.

Estes tópicos são relevantes para o aprofundamento do tema geral do trabalho, pois auxiliam o leitor no entendimento da motivação para o estudo empírico em relação às características organizacionais dos Convívios *Slow Food*, bem como o estudo em si.

2.1 AS ORGANIZAÇÕES DO ALIMENTO

Ao longo da história da agricultura brasileira, a distribuição desigual da propriedade da terra foi algo marcante e instituinte de conflitos agrários (BOSETTI, 2013). Nesse sentido, Martins (1986) lembra que o acesso e a exclusão da terra foram os elementos delineadores de uma diferenciação social, que demarcou a trajetória de dois grupos distintos na história política e social do Brasil: de um lado os latifundiários e, de outro, os camponeses.

Silva (1996) explica que a forma como eram feitas as declarações e registros das propriedades, a partir da Lei de Terras de 1850 favorecer a apropriação destes bens por parte dos segmentos rurais mais abastados. Nesse sentido, Bosetti (2013) aponta que

a dicotomização da agricultura brasileira em dois grupos antagônicos foi juridicamente legitimada: de um lado, uma parcela relativamente pequena de grandes proprietários que, ao controlar grande parte das terras, adquiriram considerável importância política; por outro, uma parcela relativamente grande de pequenos proprietários, posseiros, parceiros, foreiros, entre outras categorias, cujo acesso à propriedade da terra era restrito e submetido às relações de trabalho não capitalistas (BOSETTI, 2013 p. 8-9).

Diante desse cenário, esta parte do estudo consiste em apresentar dois modelos de produção do alimento resultantes das situações abordadas anteriormente: o agronegócio e a agricultura alternativa.

2.1.1 Agricultura Empresarial

Segundo a tese de Mendonça (1997), os projetos de agricultura produtivista remontam, pelo menos, ao final do século XIX. Neste período houve uma intensa mobilização por parte dos segmentos menos favorecidos da elite agrária, especialmente proprietários não ligados ao núcleo cafeeiro, para transformar a agricultura brasileira.

Muller (1989), argumenta que, desde o início da década de 1960, as relações entre agricultura e indústria foram sendo alteradas, dando início a um processo de inter-relação setorial desde a produção até a comercialização dos produtos. A este conjunto de inter-relações, este autor atribui o conceito de Complexo Agroindustrial – CAI – para referir-se aos vários complexos rurais existentes nos diferentes setores produtivos da agricultura (MULLER 1989 apud BOSSETTI 2013).

A consolidação dos complexos agroindustriais, conforme Delgado (1985) deu-se a partir da centralização do capital industrial, dos grandes e médios proprietários rurais e, sobretudo, do Estado.

[...] são dois momentos históricos distintos no processo de modernização da agricultura. O primeiro refere-se ao aumento dos índices da tratorização e do consumo de fertilizantes de origem industrial. A utilização de forma ampla de bens, baseada na importação de bens de capital, modificou o padrão tecnológico da agricultura brasileira. Depois, a demanda de insumos e máquinas era satisfeita via importação. O segundo fenômeno refere-se à industrialização da produção agrícola com o surgimento, no final da década de 50, das indústrias de bens de produção e insumos (DELGADO, 1985, p. 35).

Em relação ao âmbito tecnológico, o impulso desenvolvimentista da agricultura, a Revolução Verde se configurou como um marco significativo. O termo Revolução Verde designa, de acordo com Goodman et al. (1990, p.34), “a internacionalização do processo de produção através do controle e modificação dos processos biológicos de produção que determinam o rendimento, a estrutura, a maturação e absorção de nutrientes pela planta e sua compatibilidade com os insumos industriais”.

Gómez (2006) fundamenta a questão como

o discurso da Revolução Verde estava repleto de uma perspectiva ocidental sobre a ciência, o progresso e a economia, que deviam promover-se (impor-se, se for preciso) nos países do chamado Terceiro Mundo. Em consonância com a teoria da modernização, que era o modelo de desenvolvimento próprio desses anos [...] a Revolução Verde identificava no Terceiro Mundo uma série de carências que deviam ser satisfeitas, à base de aumentar quantitativamente os bens e os serviços. Ao mesmo tempo, essa febre produtivista, que em teoria beneficiaria os países pobres,

servia tanto para aumentar a produção de matérias-primas baratas, destinadas às agroindústrias do denominado Primeiro Mundo que as beneficiavam, incrementando seu valor, como para aumentar a produção de maquinário e insumos químicos desses países ricos que vendiam para os países pobres (GÓMEZ, 2006 p. 185).

Nesse sentido, Graziano Silva (1998) aponta que essas transformações ocorreram por meio do reconhecimento de que o destino dos produtos agrícolas era a agroindústria e não mais diretamente os consumidores. Assim, o agronegócio pode ser entendido historicamente como uma consequência da própria modernização capitalista da agricultura. Esta foi paulatinamente submetendo a atividade agrícola à industrial e, com a globalização da economia, parece ter ocorrido uma intensificação nesse processo.

O conceito agronegócio - bem como sua implementação - foi criado nos Estados Unidos pelos economistas John H. Davis e Ray A. Goldberg (1957). De acordo com Araújo, Wedekin e Pinazza (1990)

[...] pela definição de Davis e Goldberg, o “agribusiness” é “a soma total das operações de produção e distribuição de suprimentos agrícolas; as operações de produção nas unidades agrícolas e o armazenamento, processamento dos produtos agrícolas e itens produzidos com eles”. Dessa forma, o “agribusiness” engloba os fornecedores de bens e serviços à agricultura, os produtores agrícolas, os processadores, transformadores e distribuidores envolvidos na geração e no fluxo dos produtos agrícolas até o consumidor final. Participam também desse complexo os agentes que afetam e coordenam o fluxo dos produtos, tais como o governo, os mercados, as entidades comerciais, financeiras e de serviços (ARAÚJO; WEDEKIN; PINAZZA, 1990, p.3).

No que se refere a relação entre o Brasil e Agronegócio, suas origens, aconteceram durante a década de 1960, quando diante das questões macroeconômicas e das políticas externa e interna, havia dois caminhos que se colocam como possibilidades de intervenção do Estado na agricultura: a reforma agrária e a modernização da agricultura. Tentando contornar essas duas questões, a opção política dos governos da Ditadura Militar caminhou com passos mais firmes em relação à segunda (BOSSETTI, 2013).

Atualmente o país é um dos líderes mundiais na produção e exportação de vários produtos agropecuários, em 2015 o setor respondeu por 31,2% do total do país. Outro indicador do avanço do agronegócio é o crescimento de sua participação no PIB, segundo o IBGE em 2015 correspondeu a 23% do total brasileiro.

Esse modelo de produção, como reforça Carvalho (2007) tem sua matriz tecnológica orientada para a artificialização da agricultura, com o plantio de monoculturas voltadas para o mercado externo e o uso intensivo de fertilizantes químicos sintético e sementes transgênicas.

Nesse sentido, conforme o Dossiê da Associação Brasileira de Saúde Coletiva, a ABRASCO (2015), a estratégia de justificar a necessidade dos agrotóxicos é exercida por meio da imposição da racionalidade tecnocrática sobre a opinião pública. Esse artifício se baseia na ideia implícita de que toda técnica destinada a solucionar o desafio alimentar no mundo é moralmente justificável e, portanto, deve ser aplicada (ABRASCO, 2015).

No Brasil, segundo o INCA - Instituto Nacional do Câncer, a venda de agrotóxicos saltou de US\$ 2 bilhões em 2001 para mais de US\$ 8,5 bilhões em 2011. O mesmo relatório afirma que

desde 2009, o país é o maior consumidor mundial dessas substâncias, com uma média de um milhão de toneladas por ano, o equivalente a 5,2 kg de veneno por habitante. Para se ter ideia, a média dos EUA em 2012 era de 1,8 kg por habitante. Na última década, o mercado de agrotóxicos do país cresceu 190%, ritmo mais acentuado do que o do mercado mundial no mesmo período (93%) (INCA, 2011).

Outro ponto relacionado à agricultura empresarial é a transgenia. O Brasil, ocupa o segundo lugar entre os países que mais cultivam variedades geneticamente modificadas¹ de grãos e fibras do mundo, perdendo apenas para os Estados Unidos, segundo relatório do Serviço Internacional para Aquisição de Aplicações em Agrobiotecnologia (2015). Albergoni & Pelaez (2007) defendem a ideia de que o desenvolvimento da biotecnologia dos transgênicos foi impulsionado pela redução dos ganhos das empresas com os insumos convencionais. Nesse sentido, Bossetti (2013) aponta que

as entidades, cujos projetos políticos de desenvolvimento rural estão alinhados à perspectiva produtivista, procuraram defender os transgênicos em nome do aumento da produtividade e da promessa de diminuição do uso de agrotóxicos, por sua vez, as entidades politicamente críticas ao modelo produtivista enxergaram os transgênicos como mais uma ferramenta de dependência dos agricultores para com as indústrias, bem como pela intensificação dos riscos ambientais (BOSSETTI, 2013 p.153)

Além dos agrotóxicos e dos transgênicos - e com relação intrínseca ao uso desses - está outra característica do agronegócio, a monocultura, ou seja, a produção de apenas um

¹ Organismos Geneticamente Modificados (OGM) - eles são, segundo definição do Ministério da Agricultura, todo e qualquer organismo que teve seu material genético (DNA) modificado por meio de técnicas aplicadas pela engenharia genética em laboratório.

único tipo de produto agrícola por ambiente. A monocultura, segundo o Dossiê da ABRASCO (2015)

é responsável pelo desequilíbrio ecológico em territórios brasileiros pois as altas taxas de produtividade por hectare, baseadas em regimes intensivos de adubação e irrigação, repercutem na perda de biomassa dos biomas, com redução da cobertura vegetal nativa e consequente desequilíbrio dos ciclos biogeoquímicos, condições climáticas e perda da sociobiodiversidade (DOSSIÊ ABRASCO, 2015).

A partir do exposto até o momento, é possível perceber o avanço do agronegócio não ocorre de maneira harmônica. Seu desenvolvimento é marcado por muitos paradoxos, entre os quais o aumento da insegurança alimentar e da desigualdade social, dos conflitos no campo e da destruição ambiental (CAMPOS e CAMPOS, 2007).

Neste sentido, o modelo do agronegócio, impacta na qualidade de vida e saúde dos consumidores. Segundo o Dossiê da ABRASCO (2015), a expansão do consumo dos agrotóxicos está correlacionada ao aumento do consumo de medicamentos; essa correlação é dupla e se dá de forma direta e indireta: diretamente, pelo aumento dos casos de intoxicação; indiretamente, porque o aumento do emprego dos agrotóxicos é um fenômeno intrinsecamente relacionado à expansão dos sistemas agroalimentares globalizados e à correspondente mudança nos hábitos alimentares da população, com o incremento do consumo de comida ultraprocessada, altamente calórica e portadora de ingredientes químicos maléficos à saúde.

No que se refere a mudança de hábitos alimentares, a padronização dos alimentos gerada pela monocultura tem trazido a diminuição da valorização da biodiversidade e por consequência do cultivo de outros tipos de alimentos. Assim, as escolhas do consumidor também são restringidas a aqueles alimentos mais lucrativos (portanto, escaláveis) à indústria. Nesse sentido, Ortigoza (1997) aponta que foram os Estados Unidos que semearam ao mundo o “comer formatado”, disseminando também o conceito de *fast food*. Para a autora, esse ritmo combina muito bem com a sociedade atual e com as necessidades que lhe são impostas pelo modo de produção, pois o *fast food* é um sistema de massa e tem como objetivo principal atender à nova necessidade do mundo atual, “a velocidade” e, para isso, acaba impondo um modo de vida normatizado.

Entretanto, a agricultura empresarial não é a única forma de conceber o cultivo dos alimentos, existem outras formas de relações com campo e cultura alimentar. as mesmas serão expostas no próximo capítulo.

2.1.2 Agricultura Alternativa

Como explicitado no capítulo anterior, ao longo da segunda metade do século passado, os países latino-americanos engajaram-se na Revolução Verde, replicando as práticas propostas e implementadas nos países mais desenvolvidos, com o objetivo principal de aumentar o volume e a produtividade das atividades agrícolas. Para que tais metas fossem atingidas, o uso intensivo de insumos químicos, das variedades geneticamente melhoradas de alto rendimento, da irrigação e da motomecanização foi o caminho trilhado. Além disso, políticas públicas nacionais foram criadas, tendo a pesquisa agrícola e a extensão rural – aliadas geralmente ao crédito agrícola subsidiado – como os principais instrumentos para a concretização dessas políticas (ALMEIDA, 2004).

A partir de meados da década de 1980, no Brasil, com a inviabilização dos subsídios ao crédito, tornam-se gradativamente perceptíveis as consequências inglórias do padrão de agricultura introduzido com a Revolução Verde. A contestação à agricultura e às formas de organização produtivas pertencentes a tal sistema reflete em uma série de manifestações sociais que passam a adquirir crescente importância e legitimidade nos anos mais recentes (ALMEIDA, 2004).

No mesmo período, o ambiente contestatório da chamada contracultura (explicada mais detalhadamente no tópico 3.2) se manifestava no Brasil. A estratégia de modernização da agricultura, que vinha sendo implementada pelo regime militar, começou a ser questionada por intelectuais, estudantes e políticos progressistas (HODGES, 1983 apud EHLERS, 1999). A exemplo do que ocorrera nos EUA e em alguns países da Europa, discutiam-se os impactos sociais, econômicos e ambientais da intensificação do padrão convencional. Essa postura desafiava, ao mesmo tempo, os setores produtivo, industrial e agrícola, os órgãos governamentais comprometidos com esse processo e até a opinião pública, satisfeita com os resultados do "milagre econômico" (EHLERS, 1999).

Na linha crítica ao modelo dominante, Altieri (2004) destaca fatos que intensificaram os movimentos pela mudança de paradigma em torno de novas formas de agricultura e de desenvolvimento. A crise generalizada nas periferias do capitalismo, evidenciavam que o progresso não é uma virtude natural que todos os sistemas econômicos e todas as sociedades humanas possuem, implicando também na crise do industrialismo e da idéia de que o desenvolvimento é igual a progresso material – o qual, por sua vez, traz o bem-estar social –, ou que o desenvolvimento técnico-científico implica em desenvolvimento socioeconômico, progresso e crescimento (ALTIERI, 2004).

Além disso, a crise social é expressa pela discrepância na concentração de renda, riqueza e terra, o êxodo rural e a violência em todos os sentidos. A crise ambiental, manifestada também de diferentes e graves formas, como, por exemplo, a degradação e a escassez dos “recursos naturais”, a contaminação dos alimentos etc. Uma crise econômica, a partir da diminuição dos níveis médios de renda e pela constatação de que a maioria dos produtos incentivados pela modernização agrícola deixou de ser atrativa sob esse aspecto, inclusive algumas *commodities* (ALTIERI, 2004).

No ano de 2008 surgem fortes as discussões sobre a “crise alimentar” mundial, com vários argumentos em debate e uma hipótese “de fundo” na cabeça de muitos: se uma crise alimentar existe é porque existiria também uma crise do padrão de desenvolvimento imposto à agricultura nos últimos quarenta anos. Ainda que se ostente o aumento espetacular da produtividade nesses anos em alguns cultivos e atividades agropecuárias, fato é que as mencionadas crises geram problemas e impasses que gradualmente começam a ganhar *momentum*, indicando crescentes dificuldades de manutenção do padrão produtivo “moderno” implantado no período pós-guerra. No plano econômico, especialmente, destaca-se, como tendência geral histórica nas décadas recentes, a elevação dos custos de produção associada à queda real dos preços pagos aos agricultores. Essa falta de sintonia ocorre, por certo, nos países nos quais os governos não conseguem manter subsídios aos agricultores e assegurar “preços sociais” dos alimentos compatíveis com o nível de renda dos consumidores. Esse padrão de produção insustentável, a falta de acesso dos produtores menos favorecidos a insumos caros, bem como questões básicas de igualdade socioeconômica, obstaculizaram, em muito, a modernização da agricultura nos países em desenvolvimento (ALMEIDA, 2008, p. 02).

Segundo Ehlers (1999), ao longo dos anos 80, um grande número de pesquisadores e produtores norte-americanos motivados pelas evidências da degradação ambiental e a ineficiência energética dos sistemas produtivos, começaram a repensar os fundamentos da agricultura moderna. Além disso, aumentava a pressão pública sobre órgãos governamentais responsáveis pela salubridade dos alimentos e pela defesa do meio ambiente. Neste período foi fundamental a participação de entidades protetoras dos direitos dos consumidores e

entidades ambientalistas, as ONGs - organizações não-governamentais que se colocavam, junto com o setor público e com o privado, como o terceiro agente nos processos de decisão (EHLERS, 1999).

Neste período surgiram pesquisas interessadas em desenvolver práticas culturais que melhorassem a eficiência dos sistemas produtivos e diminuíssem os impactos sobre o meio ambiente. Vertentes alternativas ganham força, porém foram hostilizadas nos redutos convencionais, como fica evidente na frase do Secretário de Agricultura dos EUA, Earl Butz, em 1971:

"Se necessário, podemos retroceder para a agricultura orgânica neste país, pois sabemos como praticá-la. No entanto, antes de ir nessa direção, alguém precisa decidir quais serão os cinquenta milhões de norte-americanos que morrerão de fome" - Earl Butz (YOUNGBERG, 1993 apud EHLERS, 1999)

Apesar das reações contrárias, Ehlers (1999) conta que os "alternativos" continuavam tentando provar que, ao invés de uma volta ao passado, suas práticas poderiam ser a "agricultura do futuro". O primeiro conceito que permeia a esfera da Agricultura Alternativa é o da palavra sustentabilidade.

Michael Brklaich citado por Ehlers (1999) faz uma revisão da literatura sobre o assunto e oferece uma série de definições de agricultura sustentável, todas incorporam os seguintes itens:

- Manutenção a longo prazo dos recursos naturais e da produtividade agrícola;
- O mínimo de impacto adverso ao ambiente;
- Retornos adequados aos produtores;
- Otimização da produção das culturas com o mínimo de insumos químicos;
- Satisfação das necessidades humanas de alimentos e renda;
- Atendimento das necessidades sociais das famílias e das comunidades rurais.

Altieri (1989) reconhece a importância de integrar a produtividade dos sistemas agrícolas a aspectos econômicos, sociais e ambientais: "Sustentabilidade refere-se à

habilidade de um agroecossistema em manter a produção através do tempo, face a distúrbios ecológicos e pressões socioeconômicas de longo prazo".

Ehlers (1999) mostra em seu livro a definição apresentada no *Alternative Treaty on Sustainable Agriculture* (tratado alternativo sobre agricultura sustentável):

Um modelo de organização social e econômico baseado em um desenvolvimento equitativo e participativo. [...] A agricultura é sustentável quando é ecologicamente equilibrada, economicamente viável, socialmente justa, culturalmente apropriada e fundamentada em um conhecimento científico holístico (GLOBALACTION, 1993 apud EHLERS, 1999).

Já a Embrapa traz um conceito utilizado pela instituição brasileira como:

A agricultura alternativa é um conjunto de sistemas de produção que busca maximizar os benefícios sociais e a auto-sustentação do sistema produtivo, minimizar e até eliminar a dependência de fertilizantes químicos, agrotóxicos e energia não renovável, preservar o meio ambiente através da utilização dos recursos naturais e socioeconômicos disponíveis (Embrapa).

Nesse sentido, surgem diversos movimentos e propostas para um modelo de agricultura alternativa sustentável. Entre eles, duas possuem maior relevância no presente estudo, são eles: Agroecologia e Agricultura Familiar.

2.1.2.1 Agroecologia

Entre as propostas de agricultura alternativa iniciamos pela proposta de Agroecologia. Um dos pioneiros nos estudos que desenvolveram a agroecologia, o professor Miguel Altieri define a agroecologia como sendo uma estrutura metodológica de trabalho para a compreensão mais profunda tanto da natureza dos agroecossistemas como dos princípios segundo os quais eles funcionam. Ela trata de uma nova abordagem que integra os princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo. Ela utiliza os agroecossistemas como unidade de estudo, ultrapassando a visão unidimensional, incluindo dimensões ecológicas, sociais e culturais (ALTIERI, 2004).

Os agroecossistemas são considerados a unidade fundamental de estudo, nos quais os ciclos minerais, as transformações energéticas, os processos biológicos e as relações sócio-econômicas são vistas e analisadas em seu conjunto. Sob o ponto de vista da pesquisa agroecológica, seus objetivos não são a maximização da produção de uma atividade

particular, mas a otimização do agroecossistema como um todo, o que significa a necessidade de uma maior ênfase no conhecimento, na análise e na interpretação das complexas relações existentes entre as pessoas, os cultivos, o solo, a água e os animais (ALTIERI, 2004).

A agroecologia segundo Pinheiro (1986)

não é uma volta ao passado, nem uma atividade de pequenas propriedades ou de movimento hippies. Ela é o retorno ao futuro. As práticas da agricultura ecológica são a retomada dos conhecimentos da árvore agrônômica, que busca utilizar racional e diversificadamente os insumos e as fontes de energia [...]. Na agricultura ecológica busca-se corrigir as causas e não apenas atacar os efeitos depois que os sofremos (PINHEIRO, 1986 apud ZAMBERLAM, FRONCHETI, 2001).

Altieri (2004) afirma que a agroecologia pode servir como um "paradigma científico" capaz de guiar a estratégia de desenvolvimento rural sustentável, pois essa disciplina estuda os sistemas agrícolas por uma perspectiva ecológica e socioeconômica.

Nesse sentido, Altieri (2004) aponta os desafios e impactos em cada uma das três esferas:

"a) O *desafio ambiental* – ao considerar que a agricultura é uma atividade que causa de impactos ambientais, conseqüentes da mudança de uma vegetação naturalmente adaptada por outra que exige a contenção do processo de sucessão natural, tendo em vista ganhos econômicos, o desafio constitui-se na busca por sistemas de produção agrícola adequado ao ambiente, de maneira que a dependência de insumos externos e de recursos naturais não-renováveis seja mínima (ALTIERI, 2004).

b) O *desafio econômico* – partido do pressuposto que a agricultura é uma atividade capaz de gerar lucro através de produtos de valor comercial, o desafio consiste em adotar sistemas de produção e de cultivo que minimizem perdas e desperdício, resultando na produtividade compatível com os investimentos feitos, para assim estabelecer mecanismos que assegurem a competitividade do produto agrícola e garantir a economicidade da cadeia produtiva e a qualidade do produto (ALTIERI, 2004).

c) O *desafio social* – uma vez que a capacidade da agricultura de gerar empregos diretos e indiretos e de contribuir para a moderação de fluxos migratórios, que incidem na aceleração da urbanização desorganizada, o desafio esta em utilizar sistemas de produção que

assegurem geração de renda para o trabalhador rural e que este disponha de condições dignas de trabalho, com remuneração compatível com sua importância no processo de produção. Além disso, ainda que o contexto social não seja uma consequência de curto prazo do processo produtivo e, portanto, do desenvolvimento, é necessário elaborar novos padrões de organização social da produção agrícola por meio da implantação de reforma agrária compatível com as necessidades locais e da gestão de novas formas de estruturas produtivas (ALTIERI, 2004).

Como observa Santos (2002), o êxito dessas alternativas de produção e de organização comunitária no que diz respeito à realização de seu potencial emancipatório depende, em boa medida, de sua capacidade de integrar processos de transformação econômica e mudanças culturais, sociais e políticas, construindo redes de colaboração e apoio mútuo e estabelecendo laços com um movimento social mais amplo (SANTOS, 2002).

Para que a estratégia de promoção da harmonia entre seres humanos e a natureza aconteça, o Relatório da Comissão Mundial Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (1994) coloca as seguintes premissas:

- Um sistema político que assegure a participação efetiva dos cidadãos nas tomadas de decisão;
- Um sistema econômico capaz de gerar excedentes e conhecimentos técnicos em bases auto confiáveis e constantes;
- Um sistema social capaz de prover soluções para as tensões provocadas pelo desenvolvimento desarmonioso;
- Um sistema de produção que respeite a obrigação de preservar a base ecológica do desenvolvimento;
- Um sistema técnico capaz de pesquisar sempre novas soluções;
- Um sistema internacional que possa fomentar padrões sustentáveis de comércio e finanças;
- Um sistema administrativo flexível e capaz de autocorrigir-se (CMMAD, 1991 apud EHLERS, 1999).

No mesmo sentido, o Dossiê da ABRASCO sugere as políticas a serem adotadas pelo governo brasileiro para a promoção efetiva da agroecologia e da produção de alimentos saudáveis:

- a) Criação de zonas livres da influência dos monocultivos, agrotóxicos e transgênicos;
- b) Seguro para agroecologia e produção orgânica;
- c) Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER)/Assistência Técnica, Social e Ambiental à Reforma Agrária (ATES) para agroecologia e produção orgânica;
- d) Fomentar a pesquisa para agroecologia e produção orgânica;
- e) Criação de um Fundo Nacional de Apoio e Fomento à Agroecologia e Produção Orgânica e readequação dos fundos e programas de fomento já existentes;
- f) Adequação da legislação de vigilância sanitária às características da agricultura familiar camponesa e de povos e comunidades tradicionais.

Apesar de tantas propostas positivas, devido a suas peculiaridades, a agricultura alternativa ainda possui algumas dificuldades no meio científico.

A multidisciplinaridade da área também é apontada. Dessa maneira, profissionais de diferentes áreas como ecologia, biologia, agronomia, economia, sociologia, administração, entre outras, devem aliar conhecimentos específicos em seus diversos componentes sistêmicos. A reunião de profissionais com diferentes interesses científicos, diferentes visões de mundo e estilos de pesquisa se faz produtiva (EHLERS, 1999).

Essa abordagem sistêmica pode, sem dúvida, propiciar um tipo de conhecimento mais abrangente e mais complexo. Tal complexidade metodológica e operacional é muito maior do que na agronomia convencional, principalmente quando se pensa em incorporar os componentes substantivos.

Outro ponto de atenção é a capacidade de atendimento da demanda alimentar hoje suprida pela produção em larga escala no curto prazo. Para Ehlers (1999) a contribuição mais efetiva é a geração de práticas culturais que, além de melhorarem a eficiência dos sistemas produtivos, alimentam o construtivo debate sobre os possíveis futuros da produção agrícola.

Em função disso, um dos fatores de maior destaque no fornecimento de alimentos bons, limpos e justos é o acesso da população aos produtos detentores valor substantivo. Bossetti (2013) destaca que a venda dos alimentos orgânicos com preço superior ao dos convencionais não é uma condição natural. A sobrevalorização monetária se deve a que esse segmento de mercado evolui como um nicho estruturado para vincular comercialmente poucos produtores a poucos consumidores. (BOSSETTI, 2013)

2.1.2.2 Agricultura Familiar

A Agricultura Familiar pode ser a ponte de transição entre o modelo de produção convencional e disseminação da agroecologia. Segundo Azevedo *at al* (2011) "Dados do Censo Agropecuário (IBGE, 2006) demonstram que a Agricultura Familiar, com apenas 24,3% da área agrícola, é responsável pela produção de quase 80% dos alimentos consumidos no país."

Segundo Ehlers (1999) para transição a um padrão sustentável é imprescindível a adoção de políticas públicas que promovam a expansão e o fortalecimento da agricultura familiar. "Na estratégia modernizadora adotada no Brasil e em outros países em desenvolvimento, as propriedades patronais foram consideradas mais adequadas para a implantação do padrão convencional."

A agricultura familiar foi relegada a segundo plano, principalmente no que se refere a incentivos e acesso a crédito. "Mesmo produzindo quase toda a alimentação da população brasileira, a AF conta com menos recurso público como suporte de suas atividades: recebeu mediante as políticas públicas cerca de 13 bilhões de reais em 2008, em relação aos mais de 100 bilhões obtidos pelo agronegócio" (AZEVEDO *AT AL*, 2011).

Dessa maneira, os sistemas produtivos baseados no trabalho familiar são um contraponto à chamada agricultura patronal, que se caracteriza pelas grandes propriedades e pelo emprego de mão-de-obra assalariada (EHLERS, 1999).

Ehlers (1999) diz que entre as vantagens da produção familiar é possível destacar a escala - geralmente menor - pela maior capacidade gerencial, pela mão-de-obra mais qualificada, por sua flexibilidade e, sobretudo por sua maior aptidão à diversificação de culturas e à preservação dos recursos naturais.

Além disso, Azevedo *at al* (2011) destaca os estudos de caso sobre associações de agricultores feitos por Rigon (2005) e Navolar (2006). Os autores registraram que com a prática da Agroecologia pelas famílias produtoras rurais houve a retomada de uma produção maior e mais diversificada de alimentos para o autoconsumo familiar e para o fornecimento ao consumidor; aumento da autonomia dos agricultores; obtenção de um incremento na renda monetária familiar; manutenção do modo de vida rural; resgate ou incorporação de práticas alimentares mais saudáveis e registro de uma percepção positiva sobre o estado geral de saúde da família após um determinado tempo de conversão da propriedade rural à Agroecologia.

2.2 A PERSPECTIVA SUBSTANTIVA DAS ORGANIZAÇÕES

2.2.1 Economia Substantiva

Neste momento do trabalho, dá-se início à apresentação de um conceito que exige do leitor atenção especial, uma vez que a base que o compõe possui valores diferentes da Economia Mercantil preponderante atualmente. O entrelaçamento da sociologia e economia propõem uma forma de (re)pensar as relações interpessoais e de consumo.

Assim, para compreender este modelo é preciso, a partir da desconstrução, refletir sobre o comportamento de tudo aquilo que permeia a sociedade centrada no mercado, na qual estamos inseridos.

Segundo Polanyi (1975;1983 apud Andion 2006) a economia pode ser interpretada através de dois sentidos: o formal e o substantivo. O autor constata que a economia vista pelo viés formal advém do caráter lógico da relação entre fins e meios, este sentido – que reenvia a uma situação de escolha entre diferentes meios – é fundado numa visão de escassez de recursos e foi a principal fonte de inspiração para a teoria econômica, o capitalismo. Em relação ao sentido substantivo, o mesmo tem origem na interdependência do homem em relação ao seu ambiente natural e social, nesta noção a relação entre o homem e a natureza fornece os meios para satisfazer suas necessidades materiais.

A compreensão substantiva da economia pode, em resumo, associar a idéia de economia a toda forma de produção e de distribuição de riqueza – o que significa assumir o pressuposto básico de uma definição plural de economia. Como as formas de “fazer economia”, de produzir e distribuir riquezas, variaram historicamente nas diferentes culturas humanas, pode-se reconhecer diferentes economias, o que Polanyi (1983) denomina de diferentes princípios do comportamento econômico: o mercado auto- regulado, a redistribuição, a reciprocidade e a domesticidade. (FRANÇA FILHO, 2007)

Neste sentido, o pensamento de Polanyi converge com a ideia de economia substantiva de Mauss (1923 apud Lavelle, 2009) quando Lavelle (2009) aponta que

A propriedade, o direito, a organização de funcionamento são fatores sociais, fatores reais, que correspondem à estrutura real da sociedade. Mas estes não são fatores materiais; eles não existem fora dos indivíduos e sociedades que os criam e lhes fazem viver, não são vivos. Eles existem apenas nos pensamentos dos

homens reunidos em sociedade. São fatores psíquicos. Os próprios fatores econômicos são também fatores sociais (moeda, valor etc.), logo fatores psíquicos, assim como os fatores sociais que estão à eles relacionados, condicionados, o direito de propriedade por exemplo (MAUSS, 1923 apud LAVILLE, 2009).

Enquanto ao que se refere à definição de economia formal Rosanvallon (1989) adverte

a redução do comércio ao mercado como única forma "natural" da relação econômica. O intercâmbio, necessariamente igualitário, é considerado como o arquétipo de todas as outras relações sociais. A harmonia natural dos interesses basta para acertar a evolução do mundo; a mediação política entre os homens é considerada inútil, e até indesejável (ROSANVALLON, 1989 apud LAVILLE, 2009).

Nesse sentido, Mance (2000) propõe a criação de um modelo alternativo ao mercado capitalista, em que um sistema em forma de redes interligadas e interdependentes poderia viabilizar uma nova racionalidade econômica pautada nos princípios da cooperação e da solidariedade. Afinal, não há um modo único de organização da economia que seria a expressão de uma ordem natural, mas um conjunto de formas de produção e de distribuição que coexistem (LAVILLE, 2009).

Santos (2002) corrobora com a ideia quando aponta que outra globalização começa a se fazer presente como resposta a neoliberal. O autor defende a ideia da emancipação social, que se sustenta nos movimentos e organizações sociais de diferentes naturezas, mas com objetivos comuns, de recriar uma nova forma de sociedade, mais justa e humanizante, partindo de um novo modelo de desenvolvimento focado na inclusão.

O panorama exposto por Santos (2002) corresponde a lacuna que é preenchida através dos Convívios *Slow Food*, uma vez que suas atividades se configuram como movimento social. Além disso, existe também a relação interdependente com a agricultura familiar e agroecologia, atuando em redes de colaboração. Assim, os Convívios *Slow Food*, objetos de análise deste estudo possuem traços organizacionais relacionados à atuação substantiva na economia.

Uma vez configurados novos espaços socioeconômicos e que as organizações fazem parte da economia, a próxima seção abordará uma nova teoria organizacional, que leva em consideração conceito.

2.2.2 A Nova Ciência das Organizações

A obra *A nova ciência das organizações*, de Guerreiro Ramos (1989) propõe, de maneira crítica, uma diferente formulação da teoria organizacional convencional. Segundo o autor, o desenvolvimento do pensamento sobre as organizações é limitado por uma teoria nascida e desenvolvida a partir de um modelo específico de sociedade, tendo ao centro o mercado.

Assim, o objetivo do autor é “contrapor um modelo de análise de sistemas sociais e de delineamento organizacional de múltiplos centros ao modelo atual centralizado no mercado, que tem dominado as empresas privadas e a administração pública nos últimos 80 anos” (GUERREIRO RAMOS, 1989, p.XI).

Nesse sentido, França Filho (2010) coloca a delimitação organizacional como uma tentativa sistemática de superar o processo contínuo de unidimensionalização da vida individual e coletiva. Para o autor, a unidimensionalização é um tipo específico de socialização, através do qual o indivíduo internaliza profundamente o caráter do mercado, e age como se tal caráter fosse o supremo padrão normativo de todo o espectro de suas relações interpessoais.

Neste capítulo iremos abordar alguns conceitos desta obra de Guerreiro Ramos que, corroboram em racionalidade, com as concepções já apresentadas. São eles: a Paraeconomia e a Lei dos Requisitos Adequados.

2.2.2.1 Paraeconomia

O conceito de paraeconomia foi idealizado pelo autor como “proporcionadora da estrutura de uma teoria política substantiva de alocação de recursos [...] necessários à estimulação qualitativa da vida social dos cidadãos” (RAMOS, 1989, p.177). Para o autor, esse conceito leva em consideração não apenas a termodinâmica da produção, mas também seus aspectos sociais e ecológicos (RAMOS, 1989).

Nesse sentido, acredita-se que existam três pressupostos básicos inerentes a qualquer teoria social e, sendo assim, é a tarefa da paraeconomia, ou da nova ciência da administração, desconstruir esses pressupostos relacionados à: razão, natureza humana e sociedade.

Em relação ao primeiro conceito, segundo Ramos (1989) a razão constitui um elemento básico na compreensão das condutas individuais e coletivas, entretanto este conceito, nas sociedades modernas, incorpora outro sentido, como um “cálculo utilitário de consequências”, resultando na racionalidade instrumental ou funcional.

Na concepção do autor, no lugar da razão como equilíbrio, ela passa a ser vista como uma capacidade de maximização de resultados - capacidade que possuem os meios para atingir os objetivos pré-fixados (FRANÇA FILHO, 2010). Nesse sentido, Guerreiro Ramos faz uso da proposta de racionalidade de Polanyi, a substantiva, onde avalia-se a qualidade intrínseca de cada ação empreendida e assim, os fins definem-se como valores (FRANÇA FILHO, 2010).

No que se refere ao segundo pressuposto, sobre a concepção particular da natureza humana, Guerreiro Ramos utiliza o conceito de síndrome comportamentalista, que surgiu segundo o autor “como consequência de um esforço histórico sem precedentes para modelar uma ordem social de acordo com critérios de economicidade” (RAMOS, 1989, p.52).

Para o autor, nas sociedades modernas o indivíduo ganhou melhora material em sua vida e pagou por ela com a perda do senso pessoal de auto-orientação. Assim, o homem moderno é uma fluida criatura calculista, que se comporta, essencialmente, de acordo com regras objetivas de conveniência (RAMOS, 1989 p.53,54). Ainda nesse sentido, o autor reforça que a síndrome comportamentalista é

uma consequência da interior acríica, pelo indivíduo, da auto-representação da sociedade moderna, que se define como um precário contrato entre indivíduos que maximizam a utilidade, na busca da felicidade pessoal, entendida como uma busca de satisfação de uma interminável sucessão de desejos (RAMOS, 1989, p. 56).

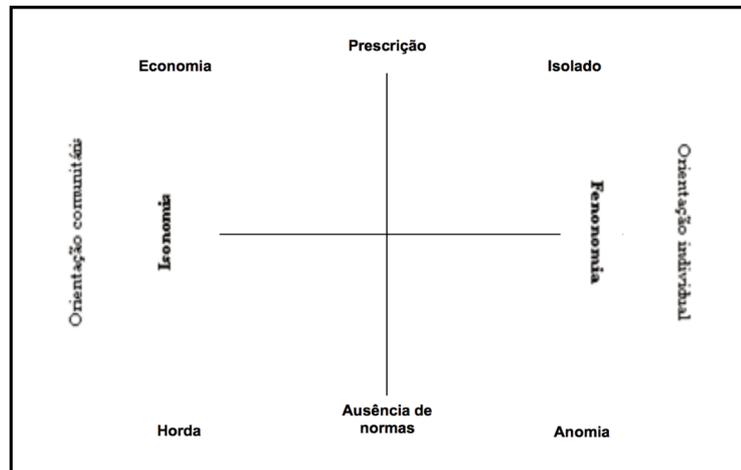
Em relação à concepção ou projeto de sociedade, Guerreiro Ramos considera que o conhecimento mobilizado pela teoria organizacional convencional está baseado em pressupostos da sociedade centrada no mercado, dificultando assim a atualização de possíveis novos sistemas sociais, necessários à superação de dilemas básicos de nossa sociedade (RAMOS, 1989).

Após a desconstrução dos pressupostos concebidos pela perspectiva de uma sociedade unidimensional, Ramos (1989) apresenta a ideia de uma sociedade onde, a escolha dos caminhos para autorrealização do indivíduo acontece por diferentes padrões de interação

social. Para elucidar tal teoria, ele desenvolve nos últimos capítulos do livro *A nova ciência das organizações*, três argumentos articulados por outra lógica.

O primeiro argumento refere-se à proposição de uma teoria da delimitação de sistemas sociais, apresentada como modelo de "Sociedade Multicêntrica". Para a análise de tais sistemas, Ramos (1989) o qualifica como "Paradigma Paraeconomico" (RAMOS 1989). Esta "visão de sociedade como sendo constituída de uma variedade de enclaves (dentre os quais, o mercado é apenas um) permite a dedicação de outras formas de atividades integrativas. Os outros dois argumentos desse paradigma paraeconomico são "orientação individual e comunitária", em um eixo, e "prescrição contra ausência de normas" noutro.

Figura 1 - O Paradigma Paraeconômico



Fonte: Guerreiro Ramos (1989, p. 141)

Tonet (2004) resume o pensamento de Ramos (1989) de maneira clara quando diz que a orientação individual e a orientação comunitária refere-se aos ambientes convencionais de busca pela autorrealização do indivíduo. Nesses espaços diferem o tamanho da comunidade em número de pessoas, variando de grande ou moderado tamanho - mais de cinco pessoas, e outros de pequenas dimensões - de uma à quatro pessoas.

Guerreiro Ramos (1989) cita em seu livro a obra de Slater - *The Pursuit of loneliness: American culture at the breaking point*. Nesta citação é possível perceber a relação dos estudos da nova teoria organizacional com os propósitos emergentes do *Slow Food* e do objeto de investigação do presente trabalho.

No passado, como tantos já salientaram, houve em nossa sociedade muitos casos em que uma pessoa podia fugir da emulação frenética de nosso sistema econômico - instituições como a família numerosa e a vizinhança estável, nas quais podia se encontrar um prazer diferente daquele que se experimenta ao conquistar uma vitória simbólica sobre um companheiro. Mas desapareceram, esses casos, um a um, deixando o indivíduo, mais e mais, numa situação em que se precisa tentar satisfazer suas necessidades gregárias e hostis no mesmo lugar - o apelo da vida cooperativa fez-se mais sedutor e a necessidade de suprir o desejo que temos dela se fez mais aguda" (SLATER, 1971 apud GUERREIRO RAMOS, 1989 P. 143).

Nesse sentido Ramos (1989) justifica a defesa de uma variedade de ambientes organizacionais em que os diferentes objetivos de atualização humana, assim como com a eficiência na produção de bens e na prestação de serviços, possam ser mais ou menos atendidos (GUERREIRO RAMOS, 1989).

Quanto à prescrição *versus* ausência de normas, Ramos (1989) coloca que, no modelo unidimensional é preciso haver o cumprimento de normas operacionais para que se consiga a execução de qualquer trabalho. Tendo em vista que a auto realização está diretamente relacionada à autonomia do indivíduo, a oportunidade de atualização pessoal é inversamente proporcional ao caráter econômico do trabalho prescritivo, uma vez que ocorre uma oportunidade mínima de escolha pessoal. Guerreiro Ramos (1989) fala sobre a super organização e a despersonalização do indivíduo totalmente imerso no mercado (TONET, 2004).

Guerreiro Ramos surge com o termo "superorganização" referindo-se à operacionalização exacerbada da sociedade moderna, onde cada objeto ou pessoa tem uma finalidade específica, uma função definida. Consequente à superorganização da sociedade está à despersonalização do indivíduo o qual, deve sujeitar-se ou conformar-se à funções esperadas dele. Muito embora a prescrição de normas seja necessária em uma vida moderna complexa, o excesso acaba por limitar as possibilidades e opções individuais (TONET, 2004).

Muito embora, Ramos (1989) frise que a sua teoria multidimensional de desenhos sociais não procura eliminar a prescrição, pois as mesmas são indispensáveis à manutenção e ao desenvolvimento do sistema de apoio de qualquer coletividade. Apesar disso, o interesse está na maneira e nos enclaves onde tais prescrições tornam-se legítimas aos indivíduos, sendo elas mínimas, estabelecidas com o consentimento dos interessados, flexíveis para estimular o senso pessoal de ordem e de compromisso com os objetivos fixados, sem transformar os indivíduos em agentes passivos (RAMOS, 1989. p , 145-146).

[...] o formador de um sistema social não é encarado como uma espécie de benfeitor ou de Pigmalião, que modela um ambiente e diz a seus membros como

nele devem viver. É, antes, imaginado como um agente, capaz de facilitar o desenvolvimento de iniciativas livremente geradas pelos indivíduos, passíveis de se amalgamarem, sob a forma de configurações reais. Nessa qualidade, pode ele desempenhar alguns dos papéis que caracterizam a rede gerencial de Donald Schon, tais como o de facilitador, de negociador [...]. Outros títulos podem acrescentar a estes, como o de construtor de equipe, o de especialista em dinâmica de grupo [...] (RAMOS, 1989. p ,146).

Nessa perspectiva o autor desenvolve a concepção de tipos ideais de sistema sociais apresentados no paradigma. São eles:

Anomia e Motim

A anomia é uma situação estanque, em que a vida pessoal e social do indivíduo desaparecem. Eles são desprovidos de normas e raízes, sem o compromisso com prescrições operacionais, mas são incapazes de modelar suas vidas de acordo com um projeto pessoal. O motim refere-se à coletividades desprovidas de normas, onde os membros não possuem noção de ordem social. (GUERREIRO RAMOS, 1989. p , 146-147).

Economia

Na economia encaixam-se as organizações que possuem como claros objetivos a produção de bens e/ou serviços e são altamente ordenadas. Nessas organizações os preceitos de produtividade são intensamente aplicados e estão inseridas em um ambiente competitivo regido pelo mercado. Neste ambiente predomina uma racionalidade do tipo instrumental e o modelo de organização se aproxima da burocracia weberiana. Podem ser empresas privadas, públicas, organizações sem fins lucrativos, agências, entre outras. (GUERREIRO RAMOS, 1989; TONET, 2004).

Segundo Guerreiro Ramos (1989), as economias possuem as seguintes características:

1. Prestam seus serviços a fregueses e/ou clientes;
2. Sua sobrevivência é em função da eficiência com que se produz os bens ou serviços e os presta à alguém. A eficiência pode ser avaliada em termos de lucros e/ou custo benefício, envolvendo mais que a simples consideração de lucros diretos;
3. Geralmente assumem grandes dimensões de tamanho (conjunto de pessoas, escritórios, etc.) e complexidade (diversidade de operações, deveres, etc.)

4. Seus membros são detentores de empregos e são avaliados dessa maneira. As qualificações profissionais para o desempenho dos cargos determinam a contratação, promoção, dispensa, etc.;
5. A informação circula irregularmente entre os membros internos e externos. As pessoas situadas nos vários níveis estruturais condicionam a prestação de informações aos seus interesses pessoais e profissionais. (GUERREIRO RAMOS, 1989; TONET, 2004).

Isonomia

São contextos onde todos os membros são iguais. Ramos (1989) faz uma analogia a *pólis* grega (como concebeu Aristóteles), uma associação de iguais, constituída "por amor a uma boa vida" (*A Política*, I, ii, 125b, §8 apud GUERREIRO RAMOS, 1989. P, 150).

Segundo o autor as principais características das isonomias são:

1. Permitem a atualização de seus membros independentemente das prescrições impostas. Assim, as prescrições são mínimas e, quando necessárias, são estabelecidas em consenso. "Espera-se dos indivíduos que se empenhem em relacionamentos interpessoais desde que contribuam para a boa vida do conjunto."
2. Altamente autograticante, onde os indivíduos associam-se espontaneamente e a própria participação na atividade é recompensadora. Em uma isonomia, não busca-se 'ganhar a vida', mas sim participar de um generoso relacionamento social de trocas.
3. Os trabalhos são movidos principalmente pelas vocações, desassociando a atividade ao emprego, onde existem ocupações e não labuta. Assim, a recompensa básica está na realização e experimentação intrínseca da ação empreendida. O lucro ou renda eventual resultante surge como um efeito colateral, conseqüentemente sendo de menor - ou nenhuma - importância a maximização da utilidade;
4. A tomada de decisão e fixação de diretrizes políticas é ampla e todos participam de maneira igualitária, num plano ideal de comunidade. A autoridade é atribuída por deliberação de todos conforme a natureza dos assuntos, os problemas em foco e as habilidades da pessoa.

5. É importante que se preze por relações interpessoais primárias entre seus membros. Ela extrapola suas dimensões de tamanho no momento em que relações de segunda, terceira e quarta ordem passam a ocorrer e acaba por se tornar uma democracia, oligarquia ou burocracia. (GUERREIRO RAMOS, 1989; TONET, 2004).

Para Guerreiro Ramos (1989) os modelos de organizações isonômicas estão se tornando mais recorrentes no mundo social, apesar não serem encontradas em seu estado mais puro. O autor cita como exemplo as associações estudantis e de minorias, comunidades urbanas, empresas autogestionárias, associações locais de consumidores, grupos de cidadãos interessados em assuntos e problemas da comunidade, e organizações nas quais "as pessoas buscam estilos de vida que transcendem os padrões normativos que dominam a sociedade como um todo." (GUERREIRO RAMOS, 1989. p, 151).

Nesse sentido, Ivan Illich em *Tools for Conviviality* (1973), apresenta instrumentos que constituem uma área sistemática de assunto, de crescente interesse para os tecnólogos e reformadores sociais, pois na palavras do autor "além de da obtenção de coisas, as pessoas precisam, acima de tudo, da liberdade de fazer coisas entre as quais eles possam viver, dar forma a elas de acordo com seus próprios gostos, e para utilizá-las para benefício de outrem." (ILLICH, 1973).

Illich (1973) comenta que prisioneiros em países ricos geralmente têm acesso a mais coisas e serviços do que os membros das suas famílias, mas eles não têm voz à respeito de como as coisas são feitas e não pode decidir o que fazer com eles. Sua punição é a privação do que chamarei de "convivência". Eles são degradados à condição de meros consumidores.

Illich (1973) também reflete que

eu escolhi o termo "convívio" para designar o oposto da produtividade industrial. Pretendo que ela signifique um intercurso autônomo e criativo entre as pessoas, e a relação das pessoas com seu ambiente; e isto em contraste com a resposta condicionada de pessoas para as exigências que lhes são feitas por outros, e por um ambiente feito pelo homem. Considero a convivialidade como a liberdade individual realizada em interdependência pessoal, bem como, possui um valor ético intrínseco. Acredito que, em qualquer sociedade, como convívio é reduzido abaixo de um certo nível, nenhuma quantidade de produtividade industrial efetivamente pode satisfazer as necessidades que ela cria entre os membros da sociedade (ILLICH, 1973, p, 18. Tradução das autoras).

Fenonomia

Ambiente onde um único indivíduo ou pequeno grupo unem-se de maneira mais ou menos estável ou esporádica a fim de obter máximo aproveitamento da opção pessoal em um sistema de baixa subordinação a prescrição operacional formal.

Entre suas características, a partir do pensamento de Guerreiro Ramos é possível apontá-las como: um ambiente para liberação e estímulo da criatividade; realização de obras automotivadas; detentoras de critérios econômicos incidentais e de membros conscientes sociais. São exemplos de fenomenias: oficinas de artistas, escritores, artesãos, etc. Em resumo, são pessoas que trabalham por conta própria.

2.2.2.1.1 QUADRO TEÓRICO PARA ECONOMIA

Com o intuito de facilitar o entendimento do leitor, elaboramos um quadro resumo com as principais características dos três tipos ideais de sistemas sociais concebidos por Guerreiro Ramos (1898): Economia, Isonomia e Fenonomia:

Quadro 1 - Quadro Teórico Características X Tipos Ideais de Sistemas Sociais

Características	Economia	Isonomia	Fenonomia
Atores	Empregados e Clientes	Membros e Sociedade	Indivíduo
Parâmetros	Eficiência por Lucros e Custos	Autogratificação e Delegação por vocações	Liberação da Criatividade
Relação Laboral	Detentores de Emprego	Associação Espontânea	Obras Pessoais Automotivadas
Tomada de Decisão e Ação	Níveis Hierárquicos de Responsabilidade	Igualdade de Poder e Responsabilidades	Age Individualmente

Fonte: Elaborado pelas autoras

Às vistas do exposto até o momento, é pelas diretrizes de uma nova ciência organizacional que se busca, no presente trabalho, o entendimento das diferentes realidades operativas dos convívios *Slow Food* pertencentes à uma sociedade multicêntrica. Para tal investigação, serão utilizados os requisitos adequados apresentados no próximo tópico.

2.2.2.2 Lei dos Requisitos Adequados

Um tópico fundamental da nova ciência das organizações, na concepção de Guerreiro Ramos (1989), é a lei dos requisitos adequados. De modo específico, esses requisitos procuram estabelecer as qualidades essenciais dos sistemas sociais sensíveis às necessidades básicas de atualização de seus membros, e que cada um desses sistemas sociais determina seus próprios requisitos de planejamento [...] em sintonia com uma sociedade multicêntrica (RAMOS, 1989).

Este conjunto de regras funciona como parâmetro para o planejamento prático de sistemas organizacionais e possibilita o sucesso de tais empreendimentos. Apesar de amplas e, em geral, generalistas, as dimensões apresentadas por Ramos (1989) envolvem completa e participante observação do planejador e seus membros.

Apresentaremos a seguir as dimensões da lei dos requisitos adequados: tecnologia, tamanho, espaço, cognição e tempo.

Tecnologia

Consiste numa estrutura de apoio [...] e existe no conjunto de normas operacionais e de instrumentos através dos quais se consegue com que as coisas sejam feitas (RAMOS, 1989 p. 157). Seu uso deve propiciar o atendimento das metas e seu sucesso está atrelado a atenção sistemática da harmonia entre a tecnologia do sistema social e seus objetivos específicos. Para Tonet (2004, p. 39) são tecnologias, por exemplo: escritórios e fábricas para a Economia, bem como associação para Isonomia e oficina para Fenonomia.

Tamanho

No ambiente mercadológico vigente, tem-se como medida de desenvolvimento ou sucesso, a máxima "quanto maior, melhor". Segundo Tonet (2004) para Guerreiro Ramos, tal premissa não consegue medir a eficiência dos sistemas sociais, uma vez que o tamanho deve ser limitado em consonância com seus objetivos. Ramos (1989) enuncia:

- Primeiro: *a capacidade de um cenário social para fazer face e para corresponder, eficazmente, às necessidades de seus membros, exige limites mínimos e máximos a seu*

tamanho. Isso pois, o sistema social arrisca sua própria preservação na perda da capacidade de atingir suas metas e de conseguir de seus membros o mínimo consenso.

- Segundo: *nenhuma norma geral pode ser formulada para determinar, com precisão, antecipadamente, o limite de tamanho de um cenário social; a questão do tamanho constitui sempre um problema concreto, a ser resolvido mediante investigação ad hoc, no próprio contexto.*
- Terceiro: *a intensidade das relações diretas entre os membros de um cenário social tende a declinar na proporção direta do aumento de seus tamanho* (GUERREIRO RAMOS, 1989. p , 159).

O autor ressalta que “as economias de caráter isonômico, isto é, certos tipos de cooperativas e de organizações em que a administração e a propriedade são coletivas, preceituam tamanhos bastante moderados” enquanto as Fenonomias são o menor tipo concebível, uma vez que perde sua capacidade de sobrevivência se excede o número de cinco membros (RAMOS, 1989).

Cognição

Baseando-se em Gurvitch e Habermas, Guerreiro Ramos salienta a correlação direta entre as formas de conhecimento e a natureza de cada sistema social e classifica os sistemas cognitivos de acordo com os interesses dominantes (FRANÇA FILHO, 2010). Assim, estabelece que

um sistema cognitivo é essencialmente funcional quando seu interesse dominante é a produção ou o controle do ambiente; é essencialmente político, quando seu interesse é o estímulo dos padrões de bem estar social, em seu conjunto; é essencialmente personalístico, quando o seu interesse é o desenvolvimento do conhecimento pessoal. Um sistema cognitivo deformado é aquele desprovido de um único interesse central (GUERREIRO RAMOS, 1989, p. 160-161).

Espaço

O espaço tem sido cuidadosamente examinado pelos especialistas de organização sobretudo como uma dimensão do processo de produção e distribuição de bens e de prestação de serviços (RAMOS, 1989). Entretanto, o autor aponta que “o espaço pode ser um fator que facilite ou que iniba a descarga de tensões, assim como um determinador de estresse” (RAMOS, 1989, p. 163).

Outro ponto abordado por Guerreiro Ramos é que o tratamento adequado do espaço em relação aos sistemas sociais constitui certamente, um dos meios de estimular a atmosfera psicológica apropriada a seus objetivos específicos. Para Steele (1973), essa competência ambiental é resultante de:

(a) a capacidade da pessoa de percepção do meio-ambiente e de seu impacto sobre a própria pessoa, e (b) a habilidade desta para usar ou modificar o ambiente que a cerca, de modo que o mesmo a ajude a conseguir seus objetivos, sem erradamente destruir este ambiente ou reduzir o próprio senso de eficiência, ou o daqueles que tem em redor de si” (STEELE, 1973, p.113 apud RAMOS, 1989).

Steele (1973) concebe a competência ambiental como uma capacidade obtida através de treinamento já que a mesma tem fatores operacionais correlativos que podem ser aprendidas sistematicamente.

Nesse sentido, Guerreiro Ramos (apud. Hall, 1966, p.101) diz que o espaço pode ser definido em duas perspectivas: o primeiro é denominado como sócio-aproximador, pois encoraja e facilita a convivência e o segundo, sócio-afastador pois, mantém pessoas separadas. Hall (1966, p. 103-4 apud Ramos, 1989, p. 164) afirma que "é necessária a flexibilidade entre plano e função, de modo que haja uma variedade de espaços e que as pessoas possam ou não ser envolvidas, conforme o exijam a ocasião e o estado de espírito". França Filho (2010) aponta que Isonomias e Fenonomias apropriam-se de espaços sócio-aproximadores, bem como Economias de sócio-afastadores.

Segundo Ramos (1989), os planejadores de espaços dos sistemas sociais do tipo isonomia e fenonomia e de suas possíveis formas mistas, devem assimilar que a adequada consideração do espaço é uma condição essencial para o bem-sucedido funcionamento de tais sistemas. Dessa maneira, o autor conclui que "a recuperação de espaços para a vida comunitária deveria constituir meta prioritária de cidadãos e de governos, pela exigência de adequada delimitação do sistema de mercado" (RAMOS, 1989, p. 162).

Tempo

O tempo, como uma categoria do planejamento organizacional, tem sido tema da teoria convencional de organização (RAMOS, 1989 p. 167). Para o autor, o conceito de tempo, tanto em medida quanto em sensação, difere em cada ambiente de acordo com a atividade do indivíduo, a convivência e a reciprocidade interpessoal e seus objetivos

(RAMOS, 1989 p. 167). Assim, ele denomina a partir do ponto de vista paraeconômico a tipologia temporal relacionada a cada sistema organizacional de forma sucinta como: serial, convival e de salto.

O tempo serial é predominante nas economias, é o tempo do cronômetro, das horas marcadas e da produtividade medida em peças por hora. Esse tipo de tempo é uma mercadoria ou um aspecto da linearidade do comportamento organizacional. Já o tempo convival prevalece nas isonomias, sendo uma experiência de tempo onde vale o que o indivíduo ganha em relacionamento com as pessoas e assim não pode ser quantificado. É um tempo altamente gratificante por evitar as pressões que impedem a realização pessoal.

No que se refere ao tempo de salto, o mesmo é prevaletente em fenomenias e é um tipo muito pessoal de experiência temporal, pois a qualidade e o ritmo refletem a intensidade do anseio que o indivíduo ganha, em seus relacionamentos com as outras pessoas, e que não é medido quantitativamente.

Guerreiro (1989) também aponta, em forma de crítica, que a sincronização da vida humana às exigências do mercado, dominante nas sociedades industriais contemporâneas, é fator crítico de uma patologia normal muito bem identificada, isto é, a alta incidência de apatia, alcoolismo, vício de drogas, insônia, colapso nervoso, estresse, suicídio, ansiedade, hipertensão, úlceras e doenças cardíacas (RAMOS, 1989 p. 172). O autor pondera que no passado, as pessoas tinham numerosas oportunidades de se entregar a formas genuínas de convivência e a à busca de esforços pessoais, completamente livres de qualquer relação de mercado.

Assim, semelhante sincronização deveria ser ao reverso, ajustando o mercado para funcionar em consonância com as exigências dos sistemas sociais que elevam a qualidade da vida comunitária em geral, da convivência e da atualização pessoal dos indivíduos (RAMOS, 1989 p. 173).

2.3 QUADRO TEÓRICO PARA ECONOMIA X REQUISITOS ADEQUADOS

Com o intuito de síntese, apresentamos a seguir um quadro-síntese do pensamento de Guerreiro Ramos (1989) relacionando os tipos de organização na concepção do autor com os requisitos que se encaixam em cada um deles.

Quadro 2 - Quadro Teórico Paraeconomia x Requisitos Adequados

Req. Tipos de Organização	Tecnologia	Tamanho	Cognição	Espaço	Tempo
Economia	Fábrica/escritório	Grande	Funcional	Sócio-afastador	Serial
Isonomia	Associação	Moderado	Político	Sócio-aproximador	Convival
Fenonomia	Oficina/Atelier	Pequeno	Personalístico	Sócio-aproximador	Salto

Fonte: Guerreiro ramos (1989); Tonet (2003)

3 OBJETO EMPÍRICO

Nesse momento do trabalho apresentaremos o objeto de estudo desta pesquisa: os convívios do *Slow Food* na Grande Florianópolis. Para tanto, primeiramente abordaremos os seguintes pontos: o Movimento e os Valores do *Slow Food*. Num segundo momento, as organizações do movimento serão expostas, sendo essas as estratégias do *Slow Food* e por fim, os Convívios.

3.1 O MOVIMENTO *SLOW FOOD*

O *Slow Food* é considerado por seus participantes como um movimento social, uma vez que se caracteriza como uma forma de ação coletiva onde as dimensões da solidariedade, do conflito e da ruptura com a lógica do sistema social se inter-relacionam. Scherer-Warren (1989, p. 20 apud Jesus, 2012) definem os movimentos sociais por:

[...] uma ação grupal para transformação (a práxis) voltada para a realização dos mesmos objetivos (o projeto), sob a orientação mais ou menos consciente de princípios valorativos comuns (a ideologia) e sob uma organização diretiva mais ou menos definida (a organização e sua direção).

Segundo Gentile (2016), as análises dos movimentos sociais são focadas no funcionamento do movimento social em si (objetivos, força, coesão, recrutamento, capacidade propositiva, de iniciativa etc.) e as trilhas analíticas mencionadas, assim como a maioria dos trabalhos, segue dentro das esferas da sociologia e antropologia sobre redes dos movimentos sociais.

Gentile (2016) sintetiza o pensamento de Alberto Melucci e Escobar (MELUCCI, 1980, 1984, 1985, 1988a, 1988b, 1989) para a compreensão dos movimentos e redes sociais e entender sua função simbólica e profética. Para a autora:

[...] eles são *new media*, que anunciam à sociedade a existência de algum problema fundamental em uma determinada área. A partir dessa denúncia, a ação coletiva adquire a forma de redes submersas na vida cotidiana. Dentro dessas redes, as pessoas experimentam e praticam molduras alternativas de significados (inovação cultural) como consequência do envolvimento pessoal. O movimento emerge apenas em áreas limitadas e durante épocas específicas, em forma de momentos de mobilização (GENTILE, 2016 p. 30).

Dentro do escopo dos movimentos sociais, surgem os com características de contracultura. Com maior ou menor intensidade, a contracultura esteve presente ao longo da história, produzindo fortes oposições ao modo estabelecido (SOUZA, 2013). Theodore Roszak foi o principal responsável por popularizar a expressão na sua obra *The making of a counter culture*, de 1968. Oliveira (2014) coloca que

[...] uma das principais características desse movimento, nas décadas de 1960 e 1970, foi a valorização da natureza, da vida comunitária, da paz, contra as guerras e qualquer tipo de repressão, do vegetarianismo, das minorias culturais e raciais, da experiência com drogas psicodélicas, da liberdade nos relacionamentos amorosos e sexuais, do anticonsumismo, da discordância em relação aos princípios do capitalismo e da crítica aos meios de comunicação de massa, principalmente a televisão. Há também uma aproximação com as práticas religiosas orientais, principalmente o budismo. (OLIVEIRA, 2014. P. 14)

Gentile (2016) apresenta que, pertencendo à mesma efervescência política e cultural ocorrida nos anos 60 e 70, emerge na Europa e, mais especificamente na Itália, movimentos de estudantes e operários, jovens e intelectuais de esquerda que deram início a ações de protesto político e social que visam encontrar caminhos alternativos aos dos partidos políticos constituídos, criando estruturas de base, associações, organizações e formas de ação mais autônomas e diretas (ANDREWS, 2008; REVELLI, 1995; SALARIS e ECHAURREN, 1999 apud GENTILE, 2016).

Entre esses jovens rebeldes, estavam "três carismáticos ativistas de esquerda, que brotaram as raízes daquele que, futuramente, se tornará o movimento *Slow Food*. Eles eram Carlo Petrini, Azio Citi e Giovanni Ravinale, os três nativos de Bra, uma vila da região do Piemonte (norte da Itália), famosa pela produção de vinhos e do precioso *tartufo bianco*. Inicialmente próximos ao PCI (Partido Comunista Italiano, na época o maior partido comunista da Europa ocidental), Petrini, Ravinale e Citi circularam por diversos grupos, como *Manifesto* e PDUP (*Partito di Unità Proletaria*) (ANDREWS, 2008 apud GENTILE, 2016).

Inspirados por ideais comuns, nos anos setenta, Petrini, Ravinale e Citi começaram a dedicar-se a iniciativas sociais e cívicas de cunho popular. Entre diversos experimentos de cunho político-social, curtos ou que perduram até hoje, os amigos operavam ativamente na região, realizando iniciativas destinadas às classes proletária e camponesa. As atividades eram organizadas de uma maneira com que a gestão ocorresse autônoma e coletiva, o que permitira ampliar cada vez mais a rede de trocas com grupos e movimentos afins de outras regiões da

Itália, especialmente da Toscana e de Roma (PETRINI, 2005; PETRINI e PADOVANI, 2005; ANDREWS, 2008 apud GENTILE, 2016).

Gentile (2016, p. 34) explica que

Na visão de Petrini e de seus amigos, a célebre frase “o privado é político”, dominante nos debates das décadas de 1960 e 1970, conectava temas como a liberdade, o interesse pelas artes, o uso do tempo livre, o direito de todos não apenas das classes burguesas à cultura, aos prazeres e a uma boa qualidade de vida. Justamente a qualidade de vida, incluindo o acesso a alimentos de qualidade e a sua valorização, ia se tornando uma questão de democracia, portanto uma questão de natureza e abrangência políticas (GENTILE, 2016).

Entretanto, um enfraquecimento dos ideais e da vitalidade política e cultural que caracterizaram as duas décadas anteriores estava por vir. Ao final do século XX, como resultado da conjuntura internacional, a Itália alcança e supera o ápice da fase de crescimento, do *boom* econômico e industrial do pós-guerra. Da mesma maneira, foi superada toda a efervescência e a alta taxa de politização em detrimento de um maior e melhor acesso a bens de consumo, instrução e serviços para aqueles trabalhadores e estudantes que formariam a nova classe média.

O neoliberalismo desencadeia mudanças sociais e econômicas, caracterizadas pela afirmação de fórmulas e valores mais individualistas, focados na afirmação e no sucesso profissional e financeiro do indivíduo ou do núcleo familiar, que podiam finalmente desfrutar de bens e de um bem-estar difuso, que as gerações precedentes não conheceram (ou lutaram para conquistar). A indústria do entretenimento e do lazer acompanhava essa evolução nos valores caracterizado por uma oferta de entretenimento extremamente fácil, embutida de propaganda e estímulos ao consumismo (ANDREWS, 2008).

A “superficialidade” cultural da época ia se expandindo também ao âmbito alimentar: chegavam à Itália os primeiros *fast food*, acompanhados por práticas de consumo e tipologias de produtos totalmente alheios à cultura nacional e pela obliteração de receitas, ingredientes e hábitos alimentares da tradição. Em 1986, próximo da histórica praça Piazza di Spagna em Roma, ocorreu uma manifestação contra a abertura de um restaurante McDonald’s, tratava-se de uma atitude que pretendia defender a tradição culinária local contra a “invasão dos americanismos bárbaros” (FISCHLER, 1998). Nesse momento foi utilizado, pela primeira vez, o termo “*slow food*”. A expressão, que em breve se tornaria o nome do movimento fundado por Petrini e seus colaboradores, apareceu no Manifesto do *Slow Food*, redigido pelo

poeta e intelectual Folco Portinari, na época da manifestação “anti-McDonald’s” (ANDREWS, 2008).

Contestando os valores que guiavam aquela que foi definida como "vida veloz", o Manifesto *Slow Food* criticava a confusão entre eficiência e frenesi, e exaltava as virtudes de uma vida lenta, baseada nos valores e nos prazeres dos sentidos e da sabedoria (ANDREWS, 2008; PETRINI, 2009; PETRINI e PADOVANI, 2005 apud GENTILE, 2016).

Nascia assim um movimento internacional, destinado a crescer a cada ano, a se estender e a difundir mundo afora suas filosofias e práticas:

O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.

Somos escravizados pela rapidez e sucumbimos todos ao mesmo vírus insidioso: a *Fast Life*, que destrói os nossos hábitos, penetra na privacidade dos nossos lares e nos obriga a comer *Fast Food*.

O Homo Sapiens, para ser digno desse nome, deveria libertar-se da velocidade antes que ela o reduza a uma espécie em vias de extinção.

Um firme empenho na defesa da tranquilidade é a única forma de se opor à loucura universal da *Fast Life*.

Que nos sejam garantidas doses apropriadas de prazer sensual e que o prazer lento e duradouro nos proteja do ritmo da multidão que confunde frenesi com eficiência.

Nossa defesa deveria começar à mesa com o *Slow Food*. Redescubramos os sabores e aromas da cozinha regional e eliminemos os efeitos degradantes do *Fast Food*.

Em nome da produtividade, a *Fast Life* mudou nossa forma de ser e ameaça nosso meio ambiente. Portanto, o *Slow Food* é, neste momento, a única alternativa verdadeiramente progressiva.

A verdadeira cultura está em desenvolver o gosto em vez de atrofiá-lo. Que forma melhor para fazê-lo do que através de um intercâmbio internacional de experiências, conhecimentos e projetos?

Slow Food garante um futuro melhor.

Slow Food é uma ideia que precisa de inúmeros parceiros qualificados que possam contribuir para tornar esse (lento) movimento, em um movimento internacional, tendo o pequeno caracol como seu símbolo (Folco Portinari, em 9 de Novembro de 1989, Manifesto *Slow Food*, apud *SLOW FOOD*, 2013, p. 69).

Como movimento social, Gentile (2016) propõe que o caso do *Slow Food* e de suas iniciativas, não se configura por ações demonstrativas, de protesto, de ativismo militante revolucionário ou reformista, e sim de uma organização que trabalha pela difusão de seus princípios por meio de programas educacionais, da sensibilização e informação, pelo apoio a pequenos e grandes projetos de produção e consumo “alternativos” e valorização das produções locais, todos estes realizados localmente e de forma concreta.

O seu objetivo inicial era apoiar e defender a boa comida, o prazer gastronômico e um ritmo de vida mais lento. Mais tarde, esta iniciativa foi ampliada para abranger a qualidade de vida e, como consequência lógica, a própria sobrevivência do planeta em que vivemos.

Além disso, Oliveira (2014, p. 22) indica que "o *Slow Food* se configura dentro de um conjunto de movimentos sociais que questiona a lógica da produção agroalimentar do sistema capitalista." Dentro desse conjunto de propostas e movimentos sociais, destaca-se os movimentos de comércio justo e economia solidária e, ainda, as certificadoras de orgânicos e de produtos com qualidade diferenciada (OLIVEIRA, 2014) .

3.1.1 Os valores do movimento

Quanto aos valores que orientam as ações do *Slow Food*, Oliveira (2014) reforça que o Movimento é contrário ao que considera um processo de racionalização e padronização alimentar e portanto, possui valores que operam no conceitos contrários à estes citados.

Carlo Petrini, descreve em seu livro "*Slow Food: princípios da nova gastronomia*" valores que fundamentam e são o *slogan* do Movimento. Estes valores serão expostos a seguir.

O Lento - *Slow*

A questão do tempo está fortemente enraizada ao movimento *Slow Food*. Nesse sentido, Fischler (1998) contextualiza o assunto apontando que é fonte constante de espanto para os europeus, a forma como os americanos se relacionam com a alimentação: o tempo de comer não é isolado, delimitado; não existe necessariamente por si mesmo, como tal. Na velha Europa, a refeição era um tempo e um espaço ritualizados, protegidos contra as desordens e as intrusões: o decoro proibia, por exemplo, telefonar na hora das refeições ou, mais ainda, fazer uma visita - era (em grande parte continua sendo) impensável comer na rua, dirigindo, ou num elevador. (FISCHLER, 1998).

Dessa maneira, o *Slow Food* tem como fonte de significação a valorização do tempo reservado para a alimentação, a convivência em torno do alimento. Os pressupostos mais importantes do Movimento passam pela ressignificação da dimensão temporal da vida de seus membros. (OLIVEIRA, 2014, p. 70).

O Bom

Segundo Petrini (2009 p. 98) “dois fatores subjetivos são determinantes para se definir bom: o sabor (pessoal, ligado à esfera sensorial individual) e o saber (cultural, ligado à história das comunidades e o know-how)”.

Nesse sentido, o Manual do *Slow Food* aponta que o sabor e o aroma de um alimento reconhecível por sentidos bem treinados e educados, são o resultado do bom trabalho do produtor e da escolha de matérias-primas e métodos de produção, que não devem alterar a sua naturalidade. (SLOW FOOD, 2013). No que tange aos aspectos biológicos, Carlo Petrini (2009) destaca o caráter político-cultural da perspectiva do "bom":

Pode-se dizer que qualidade é um empenho do produtor e do comprador, uma procura constante, um ato político e cultural. Para sair do impasse de sua relatividade, a qualidade necessita de uma permanente educação alimentar e do paladar, assim como de respeito pela terra, pelo ambiente e pelas pessoas que produzem o alimento (PETRINI, 2009, p. 95-96).

Ainda no que se refere à este aspecto do *Slow Food*, o fundador do movimento assegura que a política função do bom é como o empenho para melhorar a qualidade da vida. Além disso, reforça a seriedade da proposta, "Se alguém estiver tentando nos responder que política é coisa séria, que não tem a ver com essas questões, responderemos tranquilamente que o bom também é coisa muito séria. Não é uma heresia, não há razão para envergonhar-se." (PETRINI, 2009, p. 110).

O bom é o respeito pelos outros e por si mesmo. Trabalhar para que seja um direito de todos é parte de nossa missão civilizadora. Reivindicar o bom implica respeitar a Terra e suas diferentes culturas. Trata-se de felicidade (PETRINI, 2009, p. 110).

O Limpo

O *Slow Food* configura seu conceito de alimento limpo a partir da proposição de que o meio ambiente precisa ser respeitado, devendo ser implementadas práticas sustentáveis de cultivo, criação, processamento, marketing e consumo. Cada etapa da cadeia de produção agroindustrial, incluindo-se o consumo, deve preservar os ecossistemas e a biodiversidade, defendendo a saúde do consumidor e do produtor. (SLOW FOOD, 2013)

É em torno da palavra “sustentável” que gira toda definição de limpo do Movimento (PETRINI, 2009 p. 114). Neste sentido o mesmo autor explica que “Um produto é definido como *limpo* na medida em que não polua e que não desperdice os recursos naturais, ou seja, que possua uma “produção sustentável”, apesar de destacar que a própria definição de sustentável é relativa (PETRINI, 2009 p. 114)

Um produto é *limpo* na medida em que é sustentável do ponto de vista ecológico: portanto são necessários conhecimentos diversos para avaliar todas as consequências de sua produção e processamento sobre o meio ambiente. É preciso saber se os produtos estão entre aqueles fortemente comerciais, que reduzem a biodiversidade; se as técnicas de criação e cultivo não empobrecem os solos com pesticidas [...] com rações e remédios; [...] se nós mesmos prejudicamos o ambiente para encontrá-los ou adquiri-los (PETRINI, 2009, p. 115).

Desta forma, a sustentabilidade poderia ser avaliada pelo consumidor através de um conjunto de informações, tais como métodos de produção agrícola, processos agrícolas que respeitem a biodiversidade dos ecossistemas locais, processamento e meios de transportes. Para Petrini (2009, p. 117) “trata-se de uma batalha de extrema responsabilidade social, compartilhada por todos: agricultores, processadores (industriais ou artesanais), legisladores e cidadãos, que todos os dias, enquanto fazem compras, podem influenciar a produção com suas decisões”.

O Justo

Na produção alimentícia, “justo” se refere a “justiça social, ao respeito pelos trabalhadores e seu *know-how*, a ruralidade e vida no campo, a compensações adequadas ao trabalho, a gratificação ao produzir bem, o resgate definitivo da figura do camponês, cuja posição na sociedade, historicamente, sempre foi considerada a última” (PETRINI, 2009 p. 134)

Assim, na concepção do Movimento *Slow Food*, é importante que haja justiça social, adotando condições de trabalho que respeitem o ser humano e seus direitos, capazes de gerar remunerações adequadas; uma economia global equilibrada; a prática da compaixão e da solidariedade; o respeito pela diversidade cultural e pelas tradições (SLOW FOOD, 2013).

Petrini (2009) comenta sobre os dois tipos de sustentabilidade que permeiam o conceito justo, a social que segundo o autor “significa garantir equidade e democracia, dar a todos o direito de viver acima da linha da pobreza em um mundo que pode produzir o bastante para todos” (PETRINI, 2009 p. 135). Ao que se refere à sustentabilidade econômica:

A justa remuneração para os camponeses é a premissa básica. Se um litro de azeite de oliva custar menos que 5 ou 6 euros, o camponês não recebe uma quantia justa, pois o custo de produção é superior ao preço final. Alguma injustiça ocorreu na cadeia de produção. [...] O mercado *equitativo e solidário* (*fair-trade*) faz um grande trabalho ao introduzir uma maneira diferente de pensar a economia do alimento. [...] O mundo das finanças, campo de batalha de multinacionais e comércios iníquos, tornou o dinheiro uma entidade esquivada e decididamente imaterial. Os capitais não são pacientes, não se fazem

investimentos em empresas que garantem a justiça social e o resgate dos camponeses, nem que tenham baixo impacto ambiental (PETRINI, 2009, p. 137).

Oliveira (2014) corrobora com o exposto quando discorre sobre como o emprego do justo propicia que os outros valores do movimento aconteçam, principalmente no que se refere ao direito à qualidade de vida e empregos dignos. Dessa maneira, a seguridade de sustento daqueles que trabalham na terra, além da possibilidade de garantir equidade e democracia, dando a todos o direito de decidir sobre o próprio futuro acontece. Trata-se também de uma forma de incentivar a produção local para a subsistência como modo de garantir a soberania alimentar.

3.2 AS ESTRATÉGIAS DO MOVIMENTO

As estratégias são os meios pelos quais o movimento *Slow Food* atua. É por meio delas que os objetivos globais de defesa da biodiversidade, educação do gosto e conexão de produtores e consumidores acontece. No que tange a defesa da biodiversidade, as estratégias utilizadas estão relacionadas com a valorização do bioma e dos produtos típicos, além da catalogação destes a fim de preservar a biodiversidade.

Em relação à educação do gosto, é despertando e treinando os sentidos que o *Slow Food* ajuda na redescoberta do prazer de saborear um alimento além disso, também existe o incentivo para a compreensão da importância de conhecer as origens do alimento, quem o produz e como é feito.

Já no que se refere à conexão de produtores e consumidores, o *Slow Food* organiza feiras, mercados e eventos locais e internacionais para apresentar produtos de excelência e para oferecer tal interação. Segundo o próprio *site*, o *Slow Food*, devido à sua rede, aproxima produtores de consumidores não apenas durante os eventos, mas também facilita a venda direta. Os Grupos de Compra são organizados por membros, e algumas vezes diretamente através do *Slow Food* nacional, facilitando o contato direto entre produtores e consumidores, normalmente dentro de uma mesma região ou estado.

A seguir iremos abordar de maneira mais profunda, as principais estratégias do Movimento analisado:

Arca do Gosto

A Arca do Gosto é um catálogo mundial do *Slow Food* que identifica, localiza, descreve e divulga sabores quase esquecidos de produtos ameaçados de extinção, mas ainda vivos, com potenciais produtivos e comerciais reais. O objetivo é documentar produtos gastronômicos especiais, que estão em risco de desaparecer. Desde o início da iniciativa em 1996, mais de 1000 produtos de dezenas de países foram integrados à Arca.

Assim, a Arca do Gosto registra a existência destes produtos, denuncia o risco de extinção, convida todos a fazerem alguma coisa para protegê-los. Em alguns casos, pode ser comprando e comendo os produtos; em outros, divulgando-os para apoiar seus produtores. Ou ainda, quando os produtos forem espécies selvagens em grave risco de extinção, é melhor comer menos ou mesmo não comê-los, para preservá-los e estimular a sua reprodução.

Alguns dos critérios de inclusão dos produtos na Arca do Gosto devem ser: de interesse alimentar (espécies domésticas ou selvagens), de qualidade, apresentar vínculo do produto com um território (memória, identidade e capacidades locais), realizar produção limitada e apresentar risco de extinção.

Convívios

Os convívios são as células locais do *Slow Food*, é através deles que os associados realizam as atividades do Movimento. Todos os membros do *Slow Food* devem necessariamente participar de algum convívio, de preferência naquele que estiver mais próximo geograficamente do participante. Os convívios possuem em seu centro a valorização de um produto e assim, normalmente concentram suas atividades no produto escolhido. As ações também variam conforme a configuração do convívio, algumas delas são: participação em cursos e visitas às áreas rurais e mercados, eu trabalho com escolas e produtores locais, na organização de conferências com autores e especialistas, etc. Os convívios também tem a função de disseminar os valores do Movimento para à sociedade.

Educação Alimentar

A Educação Alimentar *Slow Food* atua ciente de que as instituições, sozinhas, não podem responder a todas as necessidades de formação das novas gerações, considerando assim, necessário oferecer uma formação mais ampla, envolvendo, de forma sinérgica, os demais sujeitos presentes localmente. Sendo assim, o Movimento se propõe, através dos

Convívios, realizar atividades de educação sensorial do gosto. Estas atividades são realizadas normalmente, com crianças de até 7 anos, nas escolas. O propósito é despertar nelas o gosto pelos alimentos naturais e provenientes da região em que ela vive.

Fortalezas

As Fortalezas *Slow Food* são projetos dedicados a auxiliar grupos de produtores, técnicos e entidades locais no desenvolvimento da qualidade dos produtos artesanais, com o objetivo de conservação dos produtos tradicionais em risco de extinção (como no caso de produtos que já integram a Arca do Gosto), preservar uma técnica de produção tradicional em risco de extinção, ou conservar paisagens rurais ou ecossistemas em risco de extinção.

As estratégias das Fortalezas variam conforme os projetos e os produtos, e vão desde aproximar produtores, coordenar a promoção e estabelecer guias de autenticidade, a um investimento direto em equipamentos para os produtores.

Mercados da Terra

Os Mercados da Terra são feiras de produtores administradas pela comunidade, são importantes pontos de encontro social, onde produtores locais vendem alimentos de qualidade diretamente ao consumidor, por preços justos e produzidos com métodos ambientalmente sustentáveis. Elas são estabelecidas de acordo com diretrizes que seguem a filosofia do *Slow Food*, preservando a cultura alimentar da comunidade local e contribuindo para a defesa da biodiversidade. Além disso, os Mercados da Terra recebem regularmente os produtores das Fortalezas e comunidades do alimento locais e convidam Fortalezas de outras áreas para eventos especiais.

Após a exposição das estratégias, a próxima seção contemplará a descrição do objeto deste estudo, os Convívios *Slow Food*, em maior profundidade.

3.3 OS CONVÍVIOS

Segundo Petrini (2009) o consumidor nasce com a sociedade de consumo, mas não consome apenas as mercadorias que adquire: consome a terra, o ar, a água. Esse consumo, se

mantido com as características atuais, levará à destruição. A própria atividade de produção comporta um consumo; com frequência, calculando todos os tipos de custo possíveis (PETRINI, 2009)

Entretanto, o autor pondera que

o consumo é o ato final do processo e da cadeia produtivos; deve ser visto como tal, não mais estranho ao processo. O velho consumidor deve sentir-se, de alguma maneira, parte do processo produtivo, em conhecendo-o, influenciando-o com suas preferências, apoiando-o se estiver em dificuldades e recusando-o se equivocado ou insustentável” (PETRINI 2009, p. 160).

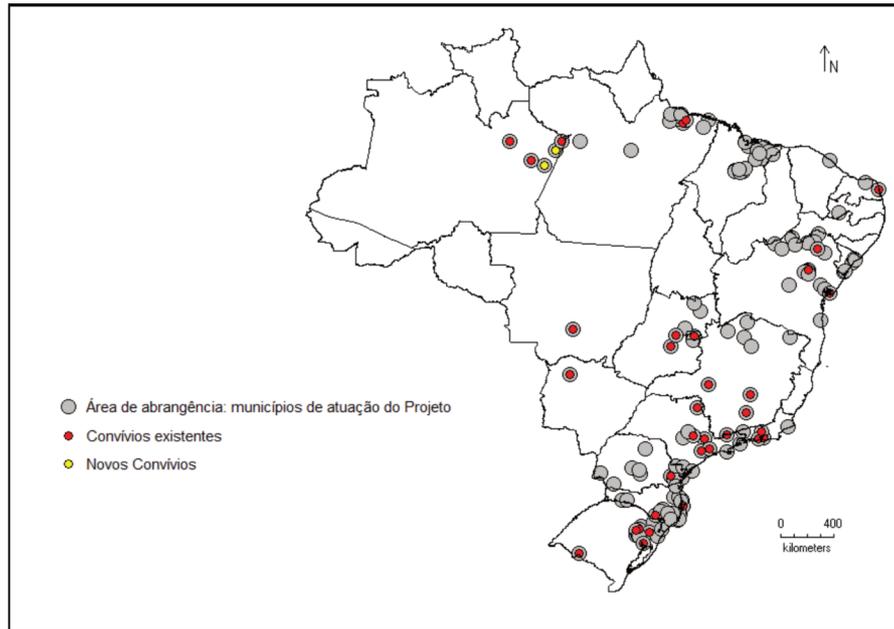
É nesse sentido que os Convívios do *Slow Food*, “a expressão local da filosofia do Movimento” também são considerados espinha dorsal deste. Os convívios se tornam possíveis por meio do trabalho dos associados que, voluntariamente, se dispõem a usar seu tempo e energia para realizar os ideais do *Slow Food*, ressignificando o ato de consumo de alimentos.

Os participantes articulam relações com os produtores, fazem campanhas para proteger alimentos tradicionais, organizam degustações e palestras, encorajam os chefs a usar alimentos regionais, indicam produtores para participar em eventos internacionais, etc [...] e, o mais importante: cultivam o gosto ao prazer e à qualidade de vida no dia-a-dia, convivem (SLOW FOOD, 2014).

Atualmente são mais de 1500 convívios *Slow Food* pelo mundo afora: de Dublin à Nova Deli, de Nairobi à Nagoya. As atividades dos convívios divulgam pelo mundo todo a filosofia do movimento e conectam os produtores de alimentos à grande rede *Slow Food*. Cada um dos nossos 100.000 associados ao redor do mundo faz parte de um Convívio. Todos os associados podem participar nos eventos dos convívios em qualquer parte do mundo."

No Brasil, hoje em dia existem 58, distribuídos pelas cinco regiões:

Figura 2 - Convívios *Slow Food* no Brasil



Fonte: Slow Food Brasil (2013)

Quando a associação no *Slow Food* é realizada, automaticamente o membro deve escolher um convívio, de preferência o mais próximo geograficamente. Os benefícios da filiação variam de país para país, mas de maneira geral, segundo o *site*, incluem:

- Um cartão de sócio pessoal;
- Manual *Slow Food* (para os associados de primeira viagem);
- Um exemplar do Almanaque *Slow Food*, que contém um panorama anual de tudo o que acontece no mundo *Slow Food*;
- Newsletter eletrônica internacional *Slow Food* e Terra Madre;
- Participação em grupo de e-mail;
- Descontos em eventos *Slow Food* locais, nacionais e internacionais - desde banquetes sazonais a festivais de cinema, de visitas por áreas agrícolas até laboratórios do gosto - e também em mercadorias *Slow Food*

A estrutura e a organização do Convívio são explicados em detalhe no *Protocolo de abertura de Convívio Slow Food*, um documento que é enviado pelo *Slow Food* quando existe a intenção de abertura de um Convívio.

Este protocolo determina que um Convívio pode iniciar suas atividades com cinco associados fundadores porém, só considerado ativo quando tem mínimo 20 associados ativos

e organiza pelo menos três eventos por ano, incluindo a assembleia-geral de associados. O primeiro encontro pode ocorrer a qualquer momento e sob quaisquer configurações, com a participação de um qualquer número de pessoas. Elas não precisam ser membros do *Slow Food* mas devem estar interessadas em integrar o Convívio.

Outro ponto abordado é a estrutura da tomada de decisão desta estratégia do *Slow Food*, um Comitê coordenado por um líder de Convívio (ou co-líderes), um ou mais vice-líderes, um secretário e um tesoureiro. Na fase inicial uma pessoa poderá acumular as funções de líder de Convívio, tesoureiro e secretário entretanto, quando o Convívio atingir um determinado número de associados, estas funções devem ser repartidas dentre os membros do comitê.

De acordo com o Estatuto Internacional *Slow Food*, o papel do convívio é definido da seguinte forma:

- a) Promover a filosofia do movimento e buscar novos associados;
- b) Desenvolver a rede Terra Madre e Comunidades do Alimento dentro de sua região;
- c) Desenvolver e promover projetos de educação alimentar;
- d) Desenvolver e promover projetos que protejam comunidades locais produtoras de alimentos;
- e) Estabelecer relações e colaborações com entidades públicas, cooperativas e associações de produtores, que contribuam para o desenvolvimento e aumento da consciência sobre a produção de alimentos;
- f) Colaborar com outras associações ou entidades na proteção do meio ambiente e respeito a natureza, condição necessária para a salvaguarda do patrimônio gastronômico e a defesa e a promoção de diversas tradições culturais e história locais;
- g) Relacionar-se com outros convívios;
- h) Desenvolver atividades para a captação de recursos para apoiar projetos próprios ou da Associação nos níveis regional, transregional, nacional e internacional;

- i) Constituir, sempre que possível, um comitê consultivo formado por especialistas com a tarefa de opinar e sugerir iniciativas a serem tomadas.

Na primeira reunião do Convívio, algumas são questões propostas para o debate: sobre os objetivos do convívio, as atividades e eventos que pretendem ser realizadas, os produtores, restaurantes e organizações locais que são possíveis parceiros e, principalmente, o produto (ou produtos) que será valorizado pelo grupo.

O nome do Convívio pode conter uma referência geográfica, ou então pode fazer referência a uma peculiaridade que caracteriza a sua área. No caso de desejar dar vida a um Convívio numa cidade grande (isto é, com mais de 300.000 habitantes) deve acrescentar uma denominação qualquer que indique alguma especificidade ao nome da cidade (por exemplo “Convívio Bordeaux-Aquitane” e “Convívio Les Bitourges Vivisques-Bordeaux”) dado que é possível que surjam outros Convívios no futuro.

As atividades dos Convívios são uma parte fundamental da Associação *Slow Food*, pois permitem aos associados encontrar-se e partilhar interesses em comum. Algumas das atividades sugeridas pelo *Slow Food* são: Hortas em escolas de Ensino Básico; Educação Sensorial do Gosto para crianças, jovens e adultos; Tours gastronômicos locais: visitas a produtores locais, produtores artesanais, loja especializadas e vinícolas; Degustações e jantares com produtos da Arca e das Fortalezas e Conferências ou aulas sobre questões alimentares.

Assim, após a apresentação do objeto empírico, o próximo capítulo deste estudo é responsável pela exposição dos métodos empregados nesta pesquisa.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A fundação da metodologia, em um nível mais geral, teria a função de segundo Latorre (et al., 1996, p.87) “velar pelos métodos, assinalar os seus limites e alcance, clarificar e valorizar os seus princípios, procedimentos e estratégias mais adequadas para investigação. Em suma a “metodologia” tem sempre um sentido mais amplo que o “método”, porque questiona o que está por trás, os fundamentos dos métodos, as filosofias que lhe estão subjacentes e [...] influem sempre sobre as escolhas que faz o investigador (Coutinho, 2014).

O presente capítulo, apresenta as escolhas metodológicas adotadas para conduzir a realização deste trabalho. Estão descritos neste capítulo a classificação da pesquisa quanto à sua natureza e abordagem, quanto aos seus objetivos e quanto aos procedimentos técnicos empregados. Também estão descritas as informações sobre as unidades de análise escolhidas e as técnicas de pesquisa empregadas para a coleta de dados.

4.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA QUANTO À SUA NATUREZA E ABORDAGEM

A natureza deste trabalho caracteriza-se como uma pesquisa aplicada, porque visa a utilização de conhecimentos produzidos e a verificação de modelos teóricos aplicados a determinados fenômenos observados no campo empírico (CHIZZOTTI, 2006). Nesta pesquisa, em geral, buscou-se compreender, pela observação não-participante e através de entrevistas, as origens dos Convívios Slow Food da Grande Florianópolis e como eles se organizam a fim de realizar seus objetivos .

Em relação a forma de abordagem, a que caracteriza esta pesquisa é a abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa visa compreender perspectivas de fatos ou fenômenos, e lida diretamente com as pessoas envolvidas e o conhecimento cognitivo (KERLINGER, 1991).

Segundo Granger (1982), a realidade social é qualitativa e os acontecimentos nos são dados primeiramente como qualidades em dois níveis: a) em primeiro lugar, como um vivido absoluto e único incapaz de ser captado pela ciência; e b) em segundo lugar, enquanto experiência vivida em nível de forma, sobretudo da linguagem que a prática científica visa transformar em conceitos.

Assim, no sentido contrário à quantificação, a abordagem qualitativa “implica uma ênfase nos processos e significados que não são examinados ou medidos em termos de quantidade, intensidade ou frequência” (GARCIA; QUEK, 1997:451), na concepção de Granger (1982), um verdadeiro modelo qualitativo descreve, compreende e explica, trabalhando exatamente nesta ordem.

4.2 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA QUANTO AOS SEUS OBJETIVOS

A pesquisa pode ser caracterizada, através dos seus objetivos, como exploratória, descritiva ou explicativa. As pesquisas exploratórias, diferentemente das descritivas ou explicativas, segundo Gil (1999), são realizadas quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. Esse tipo de pesquisa têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores (GIL, 1999 p. 27).

Sendo assim, a presente pesquisa, classifica-se como exploratória uma vez que investiga procedimentos organizacionais em associações pouco exploradas e portanto, com pouca informação disponível para análises prévias. Outro ponto que caracteriza o estudo como de natureza exploratória, é relacionado com a pouca estrutura formal dos procedimentos estudados já que os mesmos possuem traços de caráter subjetivo e podem ser considerados em formação e desenvolvimento.

4.3 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA QUANTO AOS PROCEDIMENTOS TÉCNICOS UTILIZADOS

Segundo Gil (1999) no que tange a pesquisa, surge grande variedade de delineamento próprio, peculiar, determinado pelo objeto de investigação [...] o elemento mais importante para a identificação de um delineamento é o procedimento adotado para a coleta de dados. Assim, podem ser definidos dois grandes grupos de delineamentos:

aqueles que se valem das chamadas fontes de "papel" e aqueles cujos dados são fornecidos por pessoas. No primeiro grupo estão a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. No segundo estão a pesquisa experimental, a pesquisa ex-post-facto, o levantamento, o estudo de campo e o estudo de caso (GIL, 1999 p. 50).

O autor pondera que “esta classificação não pode ser tomada como absolutamente rígida, visto que algumas pesquisas, em função de suas características, não se enquadram facilmente num ou noutro modelo” GIL 1999. p. 50). Sendo assim, neste estudo os procedimentos metodológicos serão empregados através de um conjunto típico de procedimentos da abordagem qualitativa e exploratória.

Dados os conceitos apresentados até o momento, busca-se compreender o caso específico dos Convívios *Slow Food* da Grande Florianópolis, sua origem e suas formas de organização, tendo como lente de análise a Lei dos Requisitos Adequados, de Guerreiro Ramos.

4.3.1 Unidades de Análise e Técnicas de Coleta de Dados

Birochi (2015) apresenta que no estágio da coleta de dados é necessário delimitar o campo no qual serão realizadas as análises dos dados empíricos. Isto é, “qual será o recorte da realidade que irá guiar as análises?”. Para o autor o objeto de estudo é, em geral, dividido em três dimensões de análise: os níveis micro; meso e macro. As unidades de análise, como são chamados estes níveis, procuram delimitar as análises relativas ao objeto estudado.

Nessa perspectiva, a unidade de análise utilizada para circundar os resultados desta pesquisa é o nível meso, uma vez que se refere à uma organização específica e que "delimita-se à compreender as práticas estratégicas adotadas no nível organizacional." (BIROCHI, 2015, p. 90). No caso deste trabalho, a 'organização específica' são os grupos de Convívio do Movimento *Slow Food* e as 'práticas estratégicas adotadas' foram analisadas pelas dimensões dos sistemas sociais de Guerreiro Ramos, a Lei dos Requisitos Adequados. As análises deste trabalho são realizadas com base nas falas dos representantes e nas ações dos Convívios (nível meso); e não com base nas atividades individuais dos membros do *Slow Food* Brasil (nível micro).

Quanto às técnicas de coletas de dados, Marconi e Lakatos (2010) mostram duas grandes divisões: a documentação indireta e a documentação direta. Na realização da presente pesquisa, a técnica adotada foi a documentação direta do tipo intensiva, nos quais dados foram obtidos por meio de observação não participante e entrevistas focalizadas semi-estruturadas.

Na observação não participante, o pesquisador “toma contato com a comunidade, grupo ou realidade estudada, mas sem integrar-se a ela: permanece de fora”. Na entrevista focalizada semi-estruturada, o pesquisador utiliza somente uma breve lista de tópicos e questões a serem cobertos ao longo da entrevista, podendo variar a ordem das perguntas, dependendo do fluxo da conversa, para que o entrevistador tenha a liberdade de fazer

perguntas que sondem razões e motivos, deem esclarecimentos e que não obedeçam, necessariamente, a uma estrutura formal (BIROCHI, 2015; MARCONI; LAKATOS, 2010).

Uma vez que as respostas associadas às abordagens qualitativas de pesquisa devem ser gravadas ou anotadas, para o registro dos aqui apresentados, foram utilizados os recursos de gravação de voz e caderno de campo (BIROCHI, 2015; SAUNDERS; LEWIS; THORNHILL, 2009).

Assim, por meio dessas duas técnicas adotadas, a coleta dos dados foi realizada por meio de três instrumentos de coleta de dados: Entrevista não-estruturada, entrevista semi-estruturada, observação das atividades promovidas pelos Convívios. As entrevistas foram realizadas presencialmente em cinco ocasiões e uma vez através do aplicativo Skype, quatro delas realizadas durante o mês de outubro e duas de novembro de 2016. A análise de documentos de texto permeou todo o processo de fundamentação, coleta e análise de dados.

No que se refere às entrevistas, coletamos os depoimentos de dois membros de cada convívio: um líder e um membro. O motivo de tal amostra se deu pela quantidade e disponibilidade dos membros ativos. A primeira conversa foi realizada com Fabiano Gregório, 33 anos, advogado por formação, gastrônomo e micro empresário por profissão, ativista do *Slow Food* por vocação e membro desde 2008 do Convívio Mata Atlântica e líder do mesmo desde de 2014 (Entrevistado 1). A condução da entrevista se deu por parte das autoras em formato de conversa, portanto não estruturada, durante pouco mais de duas horas. Esse primeiro contato, aconteceu em um café e teve como objetivo a familiarização das autoras com a realidade que viria ser estudada. O diálogo foi bastante rico uma vez que trouxe desde o histórico do movimento no mundo, passando pela estrutura nacional brasileira, até a atual realidade dos convívios da Grande Florianópolis.

As entrevistas subsequentes ocorreram de maneira mais rápida, com média de 50 minutos, e com o escopo focalizado, tendo como base o quadro teórico de Guerreiro Ramos (1989), elaborado pelas autoras, assim, foram desenvolvidas perguntas abertas que se relacionam diretamente com as teorias do autor sobre os enclaves sociais e a lei dos requisitos adequados. Todas as entrevistas foram gravadas e, posteriormente, analisadas pelas autoras.

A segunda entrevista aconteceu durante um almoço em um restaurante de *Slow Food* nas proximidades da UFSC com o ex-líder do Convívio Mata Atlântica (2008-2014) e atual

Facilitador da Região Sul do movimento SF, Bernardo Simões, 33 anos, gastrônomo, micro empresário e ativista do *Slow Food* (Entrevistado 2).

A entrevista 3 aconteceu na própria Universidade Federal de Santa Catarina, na qual conversamos com a agrônoma, mestrande e ativista da agroecologia Flora Castellano, membro do Convívio Engenho de Farinha desde 2010 (Entrevistada 3). A entrevista seguinte ocorreu por meio virtual, através do aplicativo Skype com a Gabriela Pieroni, 33 anos, historiadora e mestrande no IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e ativista do *Slow Food* (Entrevistada 4).

A respeito do Convívio Diamante entrevistamos o líder Remy Narciso Simão, 46 anos, Agrônomo e Extensionista Rural da EPAGRI (Entrevistado 5) e também a Michelle Carvalho, 36 anos, especialista em ciência e tecnologia de laticínios, consultora e pesquisadora de laticínios. As duas conversas aconteceram na Universidade Federal de Santa Catarina.

Com o intuito de simplificar o entendimento do trabalho, a tabela 1 codifica os membros dos Convívios *Slow Food* da Grande Florianópolis.

Tabela 1 - Entrevistados

Ocupação	Número da Entrevista	Duração da Entrevista	Modalidade
Líder Convívio Mata Atlântica	Entrevistado 1	2 horas	Presencial
Ex-líder do Convívio Mata Atlântica	Entrevistado 2	52 minutos	Presencial
Membro do Convívio Engenheiros de Farinha	Entrevistado 3	1 hora	Presencial
Ex -líder do Convívio Engenheiros de Farinha	Entrevistado 4	1 hora e 10 minutos	Virtual (Skype)
Líder do Convívio Diamante	Entrevistado 5	53 minutos	Presencial
Membro do Convívio Diamante	Entrevistado 6	20 minutos	Presencial

Fonte: Elaborado pelas autoras

Além das entrevistas, as autoras do trabalho participaram de duas atividades realizadas pela UFSC em conjunto com os convívios. Elas aconteceram na forma de oficinas: uma relacionada à "Cadeias curtas de comercialização e produtos da Agroecologia", no Centro de Ciências Agrárias da UFSC e um mini-curso de extensão referente a "Diálogos entre UFSC e *Slow Food* sobre os alimentos Bons, Justos e Limpos", no Centro Socioeconômico da UFSC, durante a Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão (SEPEX) desta universidade.

A primeira atividade contou com a presença da participante do Convívio Engenhos de Farinha - Flora Castellano e foi coordenada pelo prof. Renê Birochi e ministrada pela professora Maria das Graças Brightwell, além destas houve a presença de 15 pessoas de diversas áreas e campos de atuação (agroecologia, biologia, engenharia química, publicidade, administração) com um objetivo em comum: refletir sobre as cadeias de comercialização dos produtos da agrobiodiversidade, relacionando aos critérios 'bom, limpo e justo' da filosofia *Slow Food*. Nesse momento, houve por parte dos participantes o consenso da importância entre as atividades de produção e consumo no sentido de valorização de cadeias mais curtas para a comercialização dos produtos referidos, onde em exercícios teóricos e práticos instigou-se o entendimento de todos os fatores relacionados ao tema.

Já no que se refere à segunda oficina, os líderes dos três convívios, membros do SF nacional, membros do projeto de extensão UFSC/MDA/SF e 30 pessoas da comunidade (das áreas de design, educação no campo, agronomia, economia, gastronomia, ciências sociais, geografia e administração) discutiram sobre a proposta de valor do movimento SF, as dimensões 'Bom, Limpo e Justo' e sobre as metas e ações que a parceria universidade/governo/*Slow Food* se propõe a cumprir. Estava na agenda de debate as possíveis maneiras de atuação dos Convívios na comunidade, mas pelo escasso tempo, não foi possível cobrir tal tópico.

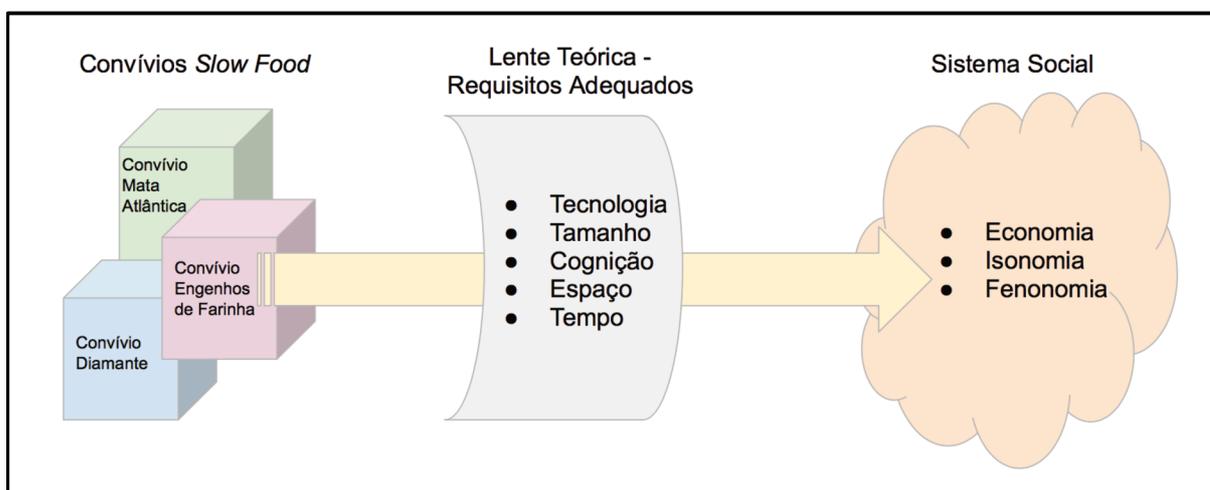
Foram também utilizados dados secundários na forma de documentos, dentre os quais: o *website* e arquivos indexados do *Slow Food* Brasil, as páginas dos Convívios nas redes sociais, o manifesto do movimento, o projeto de extensão UFSC/MDA/SF, o livro '*Slow Food* - princípios da nova gastronomia', além de trabalhos científicos nas áreas de agronomia e ciências sociais produzidos sobre o movimento.

4.3.2 Modelo de Análise

Para a análise dos dados coletados foram utilizados, como lente teórica de análise, as dimensões organizacionais descritas pela teoria de Ramos (1989). Na sequência, foram comparadas as características encontradas com as descritas como adequadas de cada sistema social, onde emergiram os traços organizacionais mais marcantes e que levaram à conclusão deste estudo.

A figura a seguir representa graficamente o modelo de análise utilizado pelas autoras.

Figura 3 - Modelo de Análise



Fonte: Elaborado pelas autoras.

5 RESULTADOS

Este capítulo apresenta ao leitor as respostas para o problema de pesquisa e os objetivos propostos nesta investigação. Para tanto, inicialmente é feita uma contextualização sobre a origem dos Convívios *Slow Food* da Grande Florianópolis, no momento seguinte, serão analisadas as especificidades da organização através da Lei dos Requisitos Adequados. Por fim, serão relacionadas as características encontradas com o mais adequado dos tipos organizacionais do paradigma paraeconômico de enclaves sociais.

5.1 A ORIGEM DOS CONVÍVIOS *SLOW FOOD* DA GRANDE FLORIANÓPOLIS

O Movimento *Slow Food*, como já retratado em capítulos anteriores, foi fundado na Itália em 1986. Segundo Oliveira (2014), o primeiro Convívio do *Slow Food* no Brasil, foi criado em 2000, pela chef de cozinha Margarida Nogueira, no Rio de Janeiro. O autor relata, a partir da chef, que na época o *Slow Food* no Brasil não era considerado uma entidade jurídica e portanto a administração do dinheiro das inscrições era enviado para a Itália e, logo após, parte do valor retornava para o Convívio.

Esta situação mudou quando, em 2013, o *Slow Food* Brasil tornou-se independente do *Slow Food* Itália, passando a não receber mais diretrizes específicas do movimento italiano e adquirindo autonomia operacional e tática. Ainda assim, quanto aos objetivos estratégicos de expansão e capilarização das ações, influências da movimentação global persistem.

O primeiro convívio de Santa Catarina foi o, agora extinto, *Convivium*² Sabor Selvagem, na cidade de Balneário Camboriú. Ele surgiu em 2008, dentro da faculdade de Gastronomia da Univali, através do professor Ofir Oliveira, engajado no movimento SF há mais de 20 anos. O professor ministrava aulas de cozinha amazônica que “é a mais autêntica do Brasil, ela te desperta a identidade cultural do país, não se mistura com os imigrantes; têm forte relação com a mandioca, que influenciou as civilizações antigas” conta o Entrevistado 1.

Assim, a partir da iniciativa em sala de aula, surgiu a ideia de montar um Convívio em Balneário Camboriú que trabalhasse com os produtos da Floresta Amazônica a partir do intercâmbio cultural geográfico. As práticas aconteciam na forma de viagens, as quais os membros iam até o norte do país para conhecer a culinária local e na sequência realizaram

² O termo, em latim, *Convivium*, era utilizado quando o Convívio estava ativo. A terminologia foi adaptada ao português em 2013, quando o Movimento brasileiro tornou-se independente do italiano.

eventos de comida amazônica no sul do Brasil - As Expedições Culinárias. Essas atividades aconteceram por quatro anos e, após, por motivos pessoais, o professor não pode continuar com o *Convivium* Sabor Selvagem. Como a marca 'Sabor Selvagem' era registrada no Pará por Ofir, o convívio teve que de seu abdicar de nome e líder.

Nesse momento, conforme o Entrevistado 1, aluno e membro do Convívio "A gente (aluno) ficou desabrigado - *pô*, trabalhamos quatro anos nisso - *daí* como a gente trabalhava muito com os elementos da mata atlântica, pensamos em montar um com o tema do nosso bioma aqui, *daí* a gente fez o Convívio Mata Atlântica".

5.1.1 Convívio Mata Atlântica

Em 2012, formado por ex-membros do Convívio Sabor Selvagem e participantes das expedições anteriores, nasce o Convívio Mata Atlântica. O auto-denominado grupo de amantes da Mata Atlântica reúne, segundo o Entrevistado 1, principalmente chefs e cozinheiros, mas seu espectro é composto também por pessoas ligadas à diferentes segmentos da sociedade, como advogados, biólogos, *designers*, empreendedores, estudantes, fotógrafos, produtores e apreciadores da gastronomia brasileira.

As Expedições Culinárias continuaram a ser desenvolvidas, agora pelo Convívio Mata Atlântica. A primeira ação desse Convívio, além das expedições, foi relacionada ao Palmito Juçara (logomarca do Convívio) e a valorização do Açaí Juçara. Assim, os produtores que antes cortavam as árvores para vender o palmito, passaram a cultivar o açaí, melhorando e consolidando a renda de suas famílias, além da preservação do bioma.

Conforme o Convívio Mata Atlântica foi ganhando maturidade, atividades dos programas globais do *Slow Food* passaram a ser desenvolvidas. O "Educação do Gosto" faz parte dos programas escolares do *Slow Food* que vão desde o treinamento de professores e colaboração no currículo, até a melhora da merenda escolar e organização de programas extra-classe. Unindo esforços ao projeto "Horta na Escola" do Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo - CEPAGRO, o Convívio realizou mais de 10 edições da oficina até o início de 2016. Tendo como público-alvo crianças na faixa etária dos 7 anos, tinha como objetivo o estímulo da análise sensorial dos alimentos cultivados pelos mesmos.

Após movimentações internas, o Convívio Mata Atlântica teve sua sede alterada por duas vezes. Além disso, sendo um dos convívios mais antigo de Santa Catarina, alguns de

seus membros passaram a integrar a organização nacional do movimento e a liderar o desenvolvimento das diretrizes e princípios no país.

5.1.2 Convívio Engenhos de Farinha

O Convívio Engenhos de Farinha teve sua origem em 2007, quando realizou sua primeira atividade oficial dentro do *Slow Food* em novembro deste ano, o “Iº Encontro do Convívium de Engenho de Farinha”. O encontro aconteceu no Engenho dos Andrades, na propriedade do primeiro líder do Convívio, Cláudio Andrade, em Santo Antônio de Lisboa, Florianópolis, promovendo a bandeira da valorização dos engenhos de farinha de mandioca.

No início, o Convívio era centrado em Florianópolis, no Engenho dos Andrades entretanto, com o passar dos anos, as atividades se expandiram para outros engenhos na região litorânea do estado. Essa expansão aconteceu a partir de 2010 por meio do projeto do Ministério de Cultura do governo brasileiro, “Ponto de Cultura: Engenhos de Farinha”, em parceria com a CEPAGRO - Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo, ONG localizada dentro do Centro de Ciências Agrárias da UFSC.

Esse projeto causou grande impacto na estrutura do Convívio, pois tinha como objetivo principal a “ressignificação dos engenhos de farinha de mandioca do litoral catarinense através da agroecologia”. Sendo assim, segundo a Entrevistada 4, “era meio inseparável as coisas naquela época, as pessoas que faziam parte do convívio eram as mesmas que realizavam o Ponto de Cultura e outras atividades relacionadas ao SF”.

A Entrevistada 4 também comentou que as atividades, como articulação da rede, acolhimento de novos membros e engajamento, tomaram maiores proporções, o antigo líder passou a responsabilidade para ela - em 2012 - e assim “o convívio ganhou uma outra cara, se misturou muito ao Ponto de Cultura Engenho de Farinha e virou tudo a mesma coisa, pois a *gente* tinha o recurso para fazer as atividades [...] e a gente achava que não iria terminar, mas terminou por questões de política pública”. O projeto teve duração de quatro anos, finalizando suas atividades em 2014 e tendo como resultado além da valorização dos produtos e saberes dos engenhos de farinha de mandioca da região litorânea de Santa Catarina, dois documentários e um livro de relatos sobre as atividades desenvolvidas. Outro resultado do projeto foi a criação da Rede Catarina *Slow Food*, onde

Atualmente, o Engenhos de Farinha está em fase de “rearticulação da rede”, e não há projetos ativos até o momento e nem uma liderança definida. Segundo a Entrevistada 3, na segunda semana de dezembro de 2016 está programado um encontro para que um novo líder seja escolhido e sejam definidos os rumos do Engenhos de Farinha em 2017.

5.1.3 Convívio Diamante

O Convívio Diamante é o mais recente dentre os analisados, tendo realizado seu primeiro encontro em abril de 2016 no município de Major Gercino, na região da Grande Florianópolis, onde está localizado. O objetivo desse Convívio é o de valorizar e resgatar a importância do queijo tradicional produzido nas comunidades há mais de um século, bem como o conhecimento e o modo de fazer (*know how*) que é passando de geração em geração e atualmente corre sério risco de extinção.

A comunidade em que o Convívio está inserida é bem articulada politicamente, contando com o apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Major Gercino, da Prefeitura Municipal, do Banco do Brasil, da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, e da Epagri. Assim, a partir do entendimento de que os objetivos do *Slow Food* abrangem a cultura do Queijo Diamante, o Entrevistado 5 e a Entrevistada 6, juntamente com os produtores - criaram o convívio. Uma das primeiras atividades do Convívio em relação ao *Slow Food* foi a participação do Entrevistado 5 e de um produtor do queijo no Terra Madre, evento internacional do movimento que aconteceu na Itália em setembro deste ano.

5.2 LEI DOS REQUISITOS ADEQUADOS

Para a investigação da forma organizacional dos Convívios do *Slow Food* anteriormente apresentados, utilizaremos a Lei dos Requisitos Adequados. Esse conjunto de regras se aplica como lente teórica, uma vez que serve como parâmetro prático para análise de sistemas sociais e possibilita a sistematização e o aprofundamento de características organizacionais de tais empreendimentos.

A seguir, serão analisados os dados coletados sobre os convívios como um conjunto de características de organizações semelhantes. Dessa maneira, os tópicos serão divididos pelas dimensões da Lei dos Requisitos Adequados: tecnologia, tamanho, espaço, cognição e tempo.

5.2.1 Tecnologia

A ideia de tecnologia está nos mecanismos pelos quais os objetivos são atingidos. Dessa maneira, é o conjunto de normas operacionais e de instrumentos através dos quais se consegue que as atividades sejam realizadas na prática.

Tomando como norma operacional e instrumento inicial de contato, o Formulário de Associação se configura como tecnologia, pois é através dele que, formalmente, um indivíduo passa a integrar o convívio. Neste formulário, quatro tópicos são abordados: 1. Tipo de associação (estudante e pequenos produtores; individual; familiar; apoiador); 2. Tempo de validade da associação (1, 2 ou 3 anos); 3. Convívio próximo; 4. Dados Pessoais. Neste último campo, informações como dados pessoais, de contato e profissionais são coletados. Além disso, o campo: "Tem interesse em atuar como voluntário em eventos do *Slow Food*? Se sim, com quais tipos de atividades?" O formulário procura extrair do membro a sua disponibilidade, nível de envolvimento e afinidades.

Tal forma de associação formal ao Movimento é ponderada pela Entrevistada 4. A líder do Convívio Engenhos de Farinha relata que, por vezes, as pessoas em geral gostam da proposta do *Slow Food* e querem se associar à rede, mas para isso precisam, obrigatoriamente, escolher um convívio para participar. Ainda segundo a entrevistada, apesar de o líder iniciar o contato, esse tipo de associado muitas vezes não interage com o Convívio local.

Segundo o Entrevistado 1, líder do Convívio Mata Atlântica, após o preenchimento do formulário, um e-mail é enviado ao líder, que o notifica e o direciona para a plataforma online '*Leader Area*'.

Sobre a plataforma, a Entrevistada 4 comenta que "Quando a pessoa se torna líder, ganha uma senha para acessar a plataforma [...] onde ela pode gerar uma planilha de excel com o contato e o nome de todas as pessoas que se associaram no site" e assim facilitar a gestão das informações de seus membros.

No que se refere à gestão do conhecimento das atividades empreendidas, além do '*Leader Area*', o Google Drive funciona como banco de dados, tanto no Convívio Engenhos de Farinha quanto no Mata Atlântica. Apesar disso, o Entrevistado 1 pondera que tal prática é um tanto quanto falha pois os projetos não são compartilhados com todos os membros do grupo.

Os meios de comunicação são considerados igualmente como tecnologias, uma vez que são formas pelas quais ocorre a mobilização dos membros para que as ações sejam realizadas. Os Entrevistados 1 e 2 comentam que a comunicação interna do Convívio Mata Atlântica, bem como a articulação com a rede, acontece principalmente através de grupos de e-mail e, atualmente, também pelo *Whatsapp*. Com relação aos e-mails, todos os entrevistados apontaram esse aplicativo como a principal forma de comunicação interna e com a rede.

Para a comunicação externa, o entrevistado 5, do Convívio Diamante, comentou que a página do *Facebook* (conta com 249 *likes*) ajudou bastante para a disseminação das atividades do grupo e que ele mesmo alimenta a página com frequência. Um exemplo apresentado foi o do registro de um dos produtores (juntamente com o líder do Convívio e Entrevistado 5) ao *Terra Madre Day*, na Itália - situação que chamou a atenção da comunidade, pela valorização do produto e do produtor catarinenses. Ele também comentou sobre a ideia de criação de um folder sobre o produto, pois acredita que o registro é importante para a transmissão do conhecimento, já que o mesmo é empírico.

O convívio Engenho de Farinha em seu período mais ativo contava com uma boa estrutura de comunicação. A líder comentou que por ter dois jornalistas como membros, as mídias sociais como a página do *Facebook*, o *Twitter* e o *blog* eram constantemente atualizados. O entrevistado 1 comenta a proximidade com a revista mensal Prazeres da Mesa, que possui uma seção do *Slow Food*, “inclusive nesse mês (outubro) eu fiz uma entrevista por telefone sobre a reserva extrativista do berbigão” Entrevistado 1.

Um ponto interessante a ponderar é a fala da Entrevistada 4, quando ela relata que uma das maiores dificuldades de atendimento das demandas do Convívio pelo líder anterior era justamente a comunicação digital, “O líder anterior é uma pessoa prática, não usa muito o computador, então para ele ficou pesado essa questão (da gestão digital)” - assim, como instrumento de comunicação, ela relata que era utilizado o telefone e o contato direto com os membros para as atividades de liderança.

As reuniões presenciais e atividades dos convívios também podem ser considerados como tecnologias, uma vez que estão atrelados a sinergia da organização com o atingimento dos objetivos.

Como exemplo disso, o Entrevistado 5 conta que foi durante uma reunião do Ponto de Cultura/Engenhos de Farinha na CEPAGRO que conheceu o *Slow Food*. Assim, com a ideia

de criar um convívio, reuniu-se com os produtores de Queijo Artesanal de Leite Cru. Ele conta que “mostramos o vídeo de *Slow Food*, eles acharam legal, gostaram da ideia mas eles não tem muito a noção do que é a instituição do *Slow Food* [...] eles estão mais limitados aos produtos deles” (Entrevistado 5).

No intuito de dinamizar as atividades, o *Slow Food* global inseriu recentemente outra tecnologia, o SF Planet, um aplicativo patrocinado pelo LAVAZZA, que tem três funções “Tempo para comer, Tempo para mim e Tempo para comprar” visando aproximar o consumidores dos estabelecimentos que atuam por meio dos princípios do Movimento.

Observando o exposto neste tópico, podemos observar a presença marcante de quatro tecnologias presentes nos convívios. São elas: Formulários de Associação; Ambiente virtual (*Drive*, *leader area*, Grupos de e-mail, grupo no *Whatsapp*); Meios de comunicação; Atividades dos convívios.

5.2.2 Tamanho

A filosofia do *Slow Food* atua “do nível global ao local”, sendo constituída de Convívios, células do Movimento. Esses grupos, como já relatado em outras partes desta pesquisa, desempenham atividades de valorização da sociobiodiversidade e de disseminação dos valores do Movimento por meio de relações locais diretas.

Nesse sentido, Kohr (1957 apud RAMOS, 1989) adverte que a intensidade das relações diretas entre os membros de um cenário social tende a declinar na proporção direta do aumento de seu tamanho e também que a capacidade de um cenário social para fazer face e para corresponder, eficazmente, às necessidades de seus membros exige limites mínimos ou máximos no seu tamanho. Porém, nas diretrizes dos convívios do SF, não existe número limite para a associação dos membros.

Quando indagado sobre quantas pessoas fazem parte do Convívio Mata Atlântica, o Entrevistado 1 e atual líder respondeu que hoje em dia existem 35 associados, entretanto apenas dois deles são ativos - ele e o Entrevistado 2.

Entretanto, no início quando foram realizadas as expedições, uma delas chegou ao máximo de 25 pessoas e "a mais populosa, que deu até problema logístico". Esse ponto reforça a ideia de tamanho do convívio como moderada, confrontando o típico “quanto maior, melhor” dos sistemas sociais econômicos

Em relação ao Convívio Engenho de Farinha, a Entrevistada 4 comentou que o tamanho tem em média 30 membros. Ela comentou que nunca houve problema em relação ao tamanho, exceto no que tange a reunião de todos os membros. A entrevistada aproveitou para abordar a questão da participação do membro

todas as pessoas que iam aos encontros e ajudavam, pessoas que estavam mobilizadas pelo tema, a gente considerava que eram do convívio, independente se a pessoa estava associada ou não [...] até porque muita gente começou a se associar de outras cidades, a pessoa entra no site e ela é obrigada a escolher um convívio, *ai* ela vai pelo tema, acha bonitinho e escolhe o Engenho e depois não responde email e não participa dos encontros" (ENTREVISTADA 4).

Ainda nesse sentido, o Entrevistado 1 aborda outra perspectiva do assunto

o cara que fez a expedição em 2012 se associou, *dai tá*, o cara absorve um pouco a filosofia, ele se diz *slow* mas não vê a necessidade de renovar." É difícil, e sou eu quem faz esse papel, eu tenho que mandar um e-mail pro cara tipo 'o sua mensalidade venceu, vamo renova?'" (ENTREVISTADO 1).

Em relação ao mais recente dos convívios estudados, o Diamante, o Entrevistado 5 relatou outra realidade em comparação às abordadas acima. Ele nos contou que quando criou o convívio com a Entrevistada 6 associou além deles, alguns produtores e a própria esposa - atingindo o número mínimo exigido pelo *Slow Food*. O Entrevistado relatou que não fez um trabalho para que todos os produtores se associassem, pois "o importante é que eles participem, que eles gostem da ideia".

Ele também conta que os produtores não entendem direito o que é o Movimento "a gente fez uma reunião com eles, mostramos o vídeo de *Slow Food*, eles acharam legal, gostaram da ideia mas eles não tem muito a noção do que é a instituição do SF [...] eles estão mais limitados aos produtos deles". Essa realidade também é apontada pela Entrevistada 4.

Dessa maneira, é importante perceber as diferenças significativas do número de membros associados e aqueles que realmente participam das atividades. Sendo assim, as autoras identificaram três tipos de membros nos convívios analisados: associados e ativos, associados e inativos e não associados e ativos. Esta configuração difere de convívio para convívio

Em dois dos três analisados, a grande maioria dos membros é composta por "associados e inativos", um dos motivos para essa situação acontecer, como já relatado nesta conclusão, se dá por motivos de inatividade dos próprios convívios. Além disso, também existe desconexão sobre a questão espacial, uma vez que pessoas se inscrevem e não residem perto dos convívios. Em relação aos membros "não associados e ativos", eles foram

justificados por alguns entrevistados por meio de concepções sobre a falta de importância da associação ou seja, não existe a cultura, o incentivo para a prática.

Os limites de tamanho dos convívios é ainda influenciada pela relação inter-convivial gerada pela rede. A entrevistada 4 comenta que os *chefs* de cozinha do Convívio Mata Atlântica participaram de diversas atividades do Convívio Engenhos de Farinha. A entrevistada 4 diz que "sentia que eles eram parte do evento".

Considerando que para um convívio ser considerado *Slow Food*, segundo o “Protocolo de Fundação do Convívio” deve ter 20 membros ativos (e associados), atualmente os convívios são concebidos como inativos, pois se tratando de membros associados o tamanho é moderado, mas no que se refere aos membros ativos, o tamanho é definido como pequeno.

5.2.3 Cognição

O *Slow Food* configurado como um Movimento social de ativismo, pois busca a disseminação de uma filosofia que, como já abordado nesta pesquisa, promove a valorização do alimento. Sendo assim, a filosofia do *Slow Food* se identifica fortemente com a categorização de Ramos (1989) como um sistema cognitivo político pois “seu interesse é o estímulo dos padrões de bem estar social em seu conjunto”.

O Entrevistado 2 reforça a conexão do Movimento quando aponta que

[...] o alimento é política, é cultura, é igualdade social, é prover ou desprover igualdade social, pode promover ou frear o êxodo rural, pode preservar ou destruir ecossistemas, é uma ferramenta. As redes de *fast food* começaram a utilizar isso para enriquecimento próprio e de poucos, cresceram muito e tem uma destruição absurda sendo causada por isso, então tem que ter um contraponto, o *Slow Food* é um começo (ENTREVISTADO 2).

Nesse sentido, e agora na perspectiva de transmissão e estímulo dos valores do *Slow Food*, o Entrevistado 1 comenta acerca da expressão do chef em relação ao Movimento: “se você for ver, é um marketing pessoal ser do *Slow Food*”, mas também em contrapartida, existe a divulgação do *Slow Food* para pessoas que não conhecem. Eu divulgo o Movimento. É uma via de duas mãos.”

Entretanto, são nas atividades práticas que os convívios expressam o sistema de cognição político, valorizando os produtos da sociobiodiversidade através de ações que promovem o bem estar da sociedade em que está inserido. Nessa lógica, o Entrevistado 1 relata algumas dessas atividades realizadas pelo convívio como palestras em relação ao meio

ambiente e alimentação agroecológica para estudantes (IFSC e Faculdade de Gastronomia de Joinville), capacitação com agricultores (no sentido de valorização do alimento através de receitas). Um desses projetos, foi a Oficina do Gosto:

[...] um projeto conjunto com a CEPAGRO/Ponto de Cultura, com crianças de 6 a 7 anos, onde esta ONG fazia a horta na escola (pública), a criança trabalhava na horta e depois realizava a análise sensorial. Essa análise - projeto do SF - tinha o intuito de incitar a lembrança dos gostos reais do alimento na memória gustativa da criança, pois com o advento dos alimentos industrializados as crianças começaram a comer muita coisa industrializada [...] na bolacha de morango, por exemplo não tem nada de morango lá, mas no inconsciente deles é esse o sabor que o morango tem (ENTREVISTADO 1).

Outro exemplo é a capacitação com agricultores no que se refere a valorização e o desenvolvimento de novas receitas a partir do produto cultivado, um exemplo dado é o de Lages:

[...] em 2015 realizamos uma capacitação com 25 mulheres extrativistas para valorizar e desenvolver novas receitas a partir do pinhão, foi desenvolvido uma cartilha junto com elas, buscando quebrar essa ideologia de padronizar a alimentação [...] na Itália, por exemplo, eles saborizam a carne do porco que vai ser feito o prosciutto com pinholi (que é o pinhão deles) daí a gente falou 'por que vocês não faz um porco alimentado exclusivamente do pinhão?' vai valorizar o seu produto e criar uma coisa nova, essas coisas que a gente tenta fazer nas capacitações (ENTREVISTADO 1).

Em relação às atividades do Convívio Engenhos, a maior parte destas foram realizadas por meio do projeto “Ponto de Cultura”, abordado anteriormente, onde houve a valorização dos engenhos da região litorânea de Santa Catarina através de encontros com diversos atores, fortalecendo a rede e também disseminando os saberes através de um blog, livro, documentários, etc. Outro ponto positivo do projeto “Ponto de Cultura” foi a conexão entre os convívios, reforçando o caráter de rede do *Slow Food*, a situação é relatada pela Entrevistada 4, quando a mesma aponta a conexão entre os convívios Engenho e Mata Atlântica: “tinha uma turma dentro do Convívio Mata Atlântica que também era do Engenho de Farinha”. O Entrevistado 1 também comenta sobre as atividades em parceria, quando relata que realizava as atividade de Oficina do Gosto nos engenhos participantes do outro Convívio.

Além disso, o projeto Ponto de Cultura também teve como resultado a “Rede Catarina” uma rede que tinha como objetivo conectar/articular pessoas que estavam próximas como o “Convívio do Pinhão de Lages, a Comunidade do Alimento do Butiá, o Engenho de Farinha, o Convívio Mata Atlântica.”

Já no que se refere ao Convívio Diamante, no que tange seu objetivo principal é desprovido de um único interesse central. Segundo o Entrevistado 5 até dois anos atrás, existia uma lei que permitia a legalidade de queijo de leite cru - caso tivesse 60 dias de cura. Entretanto, "as exigências de infraestrutura sempre foram muito grandes, o serviço de inspeção estadual é grande, não é flexível - uma planta pela CIDASC deve custar uns R\$ 250.000/300.000, o agricultor não tem esse dinheiro e nem interesse em financiar."

Nesse sentido, é possível perceber que o objetivo do convívio pode ser considerado político, semelhante aos outros convívios, tendo em vista o alinhamento com ação sugerida pelo Dossiê ABRASCO sobre a adequação da legislação de vigilância sanitária às características da agricultura familiar camponesa e de povos e comunidades tradicionais. Ao mesmo tempo, ele também tem como interesse "a produção ou o controle do ambiente" sendo assim considerado com traços de um sistema cognitivo funcional.

O Entrevistado 5 complementa que a ideia é de que "o próprio município seja beneficiado como um local que se produz queijo, um queijo de excelente qualidade, que tenha uma identidade, já passou pela ideia de ter uma identificação geográfica, uma denominação de origem"

O Entrevistado 5 também demonstra o desejo da comunidade em integrar o Convívio: "depois que a gente formou o convívio, apareceu um monte de pessoas interessadas, algumas entraram em contato comigo para eu mandar o queijo, queriam conhecer, fizemos uma página no *facebook* e começamos a divulgar", valorizando assim o espaço sócio-aproximativo virtual.

Sendo assim, este Convívio possui forte articulação política com a comunidade: "a EPAGRI e a Prefeitura de Major Gercino participam, tem o sindicato dos trabalhadores rurais que é parceiro, tem o Banco do Brasil também".

A partir das análises expostas, é possível perceber, nos três convívios, o caráter cognitivo político quando é enfatizada a motivação dos participantes pela causa, bem como o objetivo de cada atividade realizada - que envolvem educação, valorização e promoção. Outro ponto visível é a abordagem da rede entre os convívios, demonstrada nas análises como resultado da cultura dos membros.

5.2.4 Espaço

Para Ramos (1989) "a recuperação de espaço para a vida comunitária deveria constituir, agora, meta prioritária de cidadãos e de governos". Indo ao encontro de tal recuperação, o modelo de formação para a atuação do *Slow Food* tem como base a convivência. O Entrevistado 2 denomina a convivência como "estar junto, compartilhando momentos" porém, a relação com os espaços convívios *Slow Food* não é fixa, uma vez que os membros exercem suas atividades pontualmente.

Todavia, tal condição pode ser considerada proposital, uma vez que a questão espacial se relaciona com os dois valores do Movimento: o "bom, limpo e justo" quando possibilita interação entre os consumidores e produtores. Nesse sentido, o Entrevistado 2 discorre sobre os tipos de espaço de convivência

eu acho que atualmente Santa Catarina vive uma crise de convívios, porque falta convívio entre as pessoas, porque as grandes lideranças que puxavam de forma positiva esse convívio não se reuniam só pra ter reunião quadrada, fechada, numa sala - isso é horrível *cara*, isso é um martírio, isso é o modelo das escolas que a gente fugiu, a gente não se forma, a gente foge da escola - esse é o modelo antigo, a *galera* não vai mais se encontrar num bar, num restaurante, na praia, no produtor, não dedica mais tempo pra isso (ENTREVISTADO 2)

Ainda nessa perspectiva espacial, o Entrevistado 1 comenta que são os cozinheiros que fazem a reconciliação entre o consumidor e o produtor, promovendo o encontro entre os participantes de diversos cenários:

em relação ao alimento, nós transformamos e promovemos, por exemplo, se no meu restaurante eu sirvo açaí jussara e eu conto a *histórinha* toda, se eu valorizo e passo isso para o meu cliente, ele vai conhecer essa história toda e *pô*, se ele se sensibilizar ele vai começar a comprar do produtor, o cozinheiro tem essa função de fechar o ciclo do consumo (ENTREVISTADO 1).

Já no Convívio Engenhos de Farinha, a Entrevistada 4 relatou que durante o projeto "Ponto de Cultura" os encontros do convívio se misturavam e, como já apontado em alguns momentos desta pesquisa, não tinha distinção com o projeto em si. Ela também expôs que normalmente os mesmos aconteciam nos próprios engenhos: "A gente se reunia no Cláudio (Santo Antônio de Lisboa), no CEPAGRO e também na casa Dona Catarina (Angelina), Zézinho (Garopaba), etc". A Entrevistada 4 aprofunda relatando que

tinha de tudo, tinha reunião mais séria para pensar o encontro, tinha reunião mais descontraída quando a gente ia visitar algum espaço e tinha também no próprio encontro. Às vezes a gente chegava um dia antes na casa do engenho, ia embora um dia depois, ficava ali convivendo com a família, sempre foi tudo misturado. (ENTREVISTADA 4)

No que tange a realidade espacial do Convívio Diamante, nas palavras do Entrevistado 5 as reuniões do grupo acontecem normalmente na casa dos produtores “com um café da tarde com bastante comida”. A primeira delas, registrada no *site* do *Slow Food* Brasil aconteceu na comunidade do Diamante. Quando indagada sobre este assunto, a entrevistada 6 afirmou que se reúne virtualmente com os membros do convívio.

Sendo assim, a partir do apresentado acima, é possível perceber que os espaços compreendidos pelos entrevistados, corrobora com o aporte teórico da dimensão espaço da Lei dos Requisitos Adequados, pois reforça espaços sócio-aproximadores em detrimento dos sócio-afastadores. Segundo o autor, os espaços sócio-aproximativos são aqueles que facilitam e encorajam a convivialidade, contrapondo os espaços sócio-afastadores, que mantêm as pessoas separadas.

5.2.5 Tempo

Segundo Carlo Petrini, fundador do Movimento *Slow Food* “ é inútil forçar os ritmos da vida, a arte de viver consiste em aprender a dar o devido tempo as coisas”. Nesse sentido, o Entrevistado 1 aprofunda o tema comentando sobre o Movimento “o nome é inglês para ser uma marca mundial e para fazer frente com o *fast food*”, além disso ele também aponta que a problemática “falta de tempo” é resultante da vida corrida da cidade, onde não se tem muito tempo e nem se importa com o que está comendo, simplesmente se come para satisfazer a fome, não se questiona sobre a nutrição ou a origem do alimento, resultando em uma alimentação sem informação.

Sendo assim, a dimensão temporal - na teoria da Lei dos Requisitos Adequados de Guerreiro Ramos corrobora com o apontado acima quando destaca que a maior parte dos estudos trata o tempo apenas como uma mercadoria, ou um aspecto da linearidade do comportamento organizacional. O autor - como já abordado anteriormente - prescreve uma abordagem multidimensional do tempo.

Posto isto, nesta pesquisa indagou-se os entrevistados sobre a percepção que os mesmos possuem em relação ao tempo despendido nas atividades nos seus respectivos convívios.

O entrevistado 2 constatou que “a questão do tempo no trabalho no *Slow Food* é difícil de medir porque ele não separa em horas e sim em dias”, ele também apontou que “participar de um convívio é doar parte do seu tempo para algo que não envolve só você [...] é abrir mão de você em um determinado momento para trabalhar só pelo outro”. Além disso, este mesmo entrevistado relatou com empolgação algumas experiências de trocas de saberes com os produtores.

No mesmo sentido, a Entrevistada 3 quando indagada sobre quanto tempo um líder deveria se dedicar semanalmente respondeu que “o tempo varia, ao menos 10 horas”. E quando questionamos o tempo necessário de dedicação de um membro, a entrevistada comentou que “um encontro a cada 15 dias seria o suficiente para as pessoas irem, comerem e comprarem direto do produtor”. No entanto, a entrevistada ponderou a relação do voluntariado com o tempo pois na sua concepção “é preciso muitas pessoas ou tempo e dinheiro sobrando para poder se dedicar”, ela também usou exemplos de membros que possuem rotinas bastante atarefadas e por este motivo não se fazem mais presentes nas atividades.

A Entrevistada 4, comentou como os demais, sobre a dificuldade de mensurar o tempo: “as vezes *a gente ia* fazer um evento e ao invés de passar um dia, que era o que eu tava recebendo, eu passava cinco, *ia* dois antes e saia dois depois”. Ela nos relatou que, assim como os demais envolvidos no Convívio, sempre gostou muito do tema e foi muito militante e assim, como os outros membros não media esforços para trabalhar um pouco mais, doar um pouco mais do seu tempo.

Já o Entrevistado 5 afirmou que o tempo que ele utiliza para realizar suas atividades do convívio varia bastante, tem uma média de mais ou menos um dia por semana e que é o trabalho que ele faz com mais prazer, que dá ânimo para trabalhar. A Entrevistada 6 afirmou que utiliza suas horas de lazer para realizar o trabalho do convívio, demonstrando gosto pelas atividades.

Conforme a exposição anterior, o requisito temporal relatado por todos os entrevistados foi entendido pelas autoras como sendo 'tempo convival'. Tal raciocínio surge do pensamento de Ramos (1989) que o coloca como uma experiência de tempo em que aquilo que o indivíduo ganha em seus relacionamentos com as outras pessoas e portanto, não é medido quantitativamente.

5.2.6 Quadro de Resumo dos Resultados

Com o intuito de facilitar o entendimento dos elementos encontrados na análise anterior, foi elaborado o Quadro Resumo - Resultado da Análise. A partir do quadro teórico apresentado no item 2.5.2.2 foram relacionados os requisitos adequados, identificados no conjunto dos convívios por meio das entrevistas, relacionando com os tipos ideais de sistemas sociais Economia, Isonomia e Fenonomia.

Quadro 3 - Resumo dos Resultados

Requisitos	Resultado das Entrevistas	Caracterização	Tipos de Organização
Tecnologia	Formulário de Associação; <i>Leader Area</i> ; Redes Sociais	Associação	Isonomia
Tamanho	Membros Associados>Ativos (Mata Atlântica e Engenhos de Farinha) Membros Associados<Ativos (Queijo Diamante)	Pequeno/Moderado	Fenonomia/Isonomia
Cognição	Expedições Culinárias; Valorização dos alimentos por meio de receitas	Político	Isonomia
Espaço	Propriedade dos agricultores;Escolas;Universidades;Ambientes virtuais	Sócio-aproximador	Isonomia
Tempo	Dificuldade de mensuração, prazer em realizar as atividades	Convivial	Isonomia

Fonte: Elaborado pelas autoras

Observando os resultados da análise, é possível identificar um acúmulo de requisitos básicos atendidos pelas características das Isonomias. Vale ressaltar que Ramos (1989)

descreve tipos ideais de organizações, dessa maneira os Convívios possuem traços de economias e fenonomias, porém possuem uma aderência maior ao modelo isonômico.

Nessa perspectiva, se faz necessário refletir sobre os pontos de convergência e divergência entre o modelo ideal teórico e o objeto de estudo. Tal relação será apresentada na próxima seção.

5.3 OS CONVÍVIOS COMO ISONOMIA

Como evidenciado anteriormente, os convívios *Slow Food* possuem em sua maioria, os requisitos adequados de uma Isonomia. No intuito de investigar as causas de tal caracterização, as autoras, a partir do resultados das entrevistas, irão apresentar dois tópicos - um de convergência com as isonomias e outro de divergência. Os tópicos abordados são: Motivação e Voluntariado e Liderança - relações de igualdade e responsabilidade representando o nível de prescrição e orientação comunitária, ainda que de maneira heurística.

5.3.1 Motivação e Voluntariado

Segundo Illich (1973), o termo "convívio" incorpora o significado de intercuro autônomo e criativo entre as pessoas, e a relação entre essas e seu ambiente. Tal discurso possui sinergia com a proposta de *Slow Life* quando contempla a forte crítica ao ritmo de vida que é percebido na sociedade contemporânea e a censura ao abandono de hábitos tradicionais. A negação do Movimento com relação ao modo *Fast* de viver e de comer é apontada como uma possibilidade de resgate do prazer frente a um mundo percebido como utilitarista.

Sendo assim, a motivação, o porquê cada entrevistado e membro de seu respectivo convívio participa do grupo e das atividades, interfere no como as mesmas são realizadas. Ramos (1989) confirma tal situação quando aponta que na racionalidade substantiva, avalia-se a qualidade intrínseca da ação empreendida, onde os fins definem-se como valores.

Nesse sentido, o Entrevistado 2 menciona a sua vontade de *ser slow*. Segundo ele, "Fazer o *Slow* é abrir um restaurante e trabalhar esses conceitos, é organizar grupos de compra coletiva e comprar, escolher o que vai comprar, é visitar os produtores para comer com eles, para ajudar eles".

A Entrevistada 4 comenta sobre o assunto “a gente tinha facilidade para mobilizar o pessoal, sempre foi muito natural porque o tema dos Engenhos é um tema que atrai muito as pessoas, desde pessoas que viveram isso na sua infância e tem uma nostalgia, tanto pessoas que chegam na cidade e descobrem essa história toda”. A Entrevistada 3 também afirma identificação com os valores do Movimento, ela acredita que a participação no convívio é inerente a organização, ratificando a teoria de que onde os indivíduos associam-se espontaneamente e a própria participação na atividade é recompensadora, a atividade é auto gratificante (RAMOS, 1989)

No que se refere a motivação do Convívio Diamante, ela está em valorizar e resgatar a importância do queijo tradicional produzido nas comunidades de Major Gercino há mais de um século. Esse conhecimento e modo de fazer passa de geração em geração e, segundo Entrevistado 5, alguns agricultores acreditam que os filhos voltem para casa, por ter uma indústria rural que valorize a produção deles família deles.

Em relação ao ponto ‘voluntariado’, ele marca a característica de um convívio como isonomia pois, como define Ramos (1989) "em uma isonomia, não busca-se 'ganhar a vida', mas sim participar de um generoso relacionamento social de trocas". Nesse sentido, o Entrevistado 2 corrobora com o autor quando afirma que "Trabalhar aqui não é atividade profissional, é atividade voluntária, minha atividade profissional tá sendo como microempreendedor e presto serviço de formação e assistência técnica”.

Entretanto, o Entrevistado 1 pondera que o voluntariado torna as atividades menos profissionais, fazendo com que os processos ocorram de maneira mais lenta. Ele expressou uma analogia ao nome "Só que como o *Slow Food* é voluntariado, as coisas demoram mais, é *slow* mesmo".

Sendo assim, a partir das concepções apresentadas nesta seção, é possível perceber que tanto a motivação, quando o voluntariado - ambos inerentes aos Convívios *Slow Food* - estão presentes de fato nesses grupos, convergindo com a caracterização de um sistema organizacional isonômico.

5.3.2 Carisma e Liderança

Apesar de os Convívios aturem em uma rede descentralizada e muitas vezes de maneira remota, a dependência de uma liderança é um ponto forte de atenção. Tal característica pode ser atribuída de maneira sistêmica às raízes do Movimento italiano. Oliveira (2013) mostra em sua tese o carisma e a dependência que a rede *Slow Food* possui de Carlo Petrini, o fundador do Movimento.

[...] O *Slow Food* é a imagem e a semelhança do líder italiano, guardadas as especificidades nacionais e regionais, bem como as estruturas locais dos *Convívios*. O Movimento desenvolveu-se por meio da figura de Petrini e, hoje, se juntam a ele as figuras não menos carismáticas de Alice Waters e Vandana Shiva, vice-presidentes do *Slow Food*, um reforço para o apelo global do Movimento (OLIVEIRA, 2013, p. 138).

Essa interdependência é exemplificada no fato de que, segundo o Entrevistado 1, os Convívios possuem a sede onde o líder vive. O Convívio Mata Atlântica, por exemplo, surgiu após a mudança do antigo professor (que era líder do outro convívio), e ao longo da sua história teve sua sede em Balneário Camboriú, Blumenau e Florianópolis, todas originadas da mudança do indivíduo líder.

Como consequência de tal fenômeno, os líderes de convívios assumem um papel hierárquico, onde acabam por acumular tarefas e responsabilidades em demasia, prejudicando assim os princípios isonômicos de igualdade de poder e engajamento dos membros. O Entrevistado 2 comenta que

A liderança do convívio tem que ser mais secretário do que qualquer coisa, tem que manter a galera constantemente oxigenada de informação, motivadas. Se você fica um mês sem falar com as pessoas, elas esquecem, elas não convivem [...] (ENTREVISTADO 2).

A Entrevistada 4 comenta sobre tal sobrecarga e as consequências no engajamento tanto do grupo, quanto do próprio líder. Segundo a líder, são demandas do líder: a comunicação, articulação das redes, o acolhimento de novos membros, a organização e convocação de reuniões periódicas. Segundo relatos, tais atividades tomam tempo e dedicação que ultrapassam os limites da disposição para um trabalho voluntário.

A situação se aproximada da atividade econômica pela sobrecarga e distancia-se da isonomia pela dissociação da vocação. Ramos (1989) aponta que nas isonomias, os trabalhos são movidos principalmente pelas vocações, desassociando a atividade ao emprego, onde existem ocupações e não labuta.

Quando indagados sobre sentir-se à vontade na posição ocupada, o Entrevistado 5 acredita que o líder "não seja eu, seja um produtor". Com um posicionamento próximo, a Entrevistada 4 coloca que

Eu não queria assumir a liderança, eu queria que permanecesse alguém que fosse proprietário de Engenho. Como eu estava com dedicação exclusiva para o Ponto de Cultura e o ex-líder não tinha mais tempo para ficar respondendo e-mail e recebendo as pessoas que queriam saber do Convívio, eu assumi (ENTREVISTADA 4).

Ramos (1989) diz que as Isonomias são contextos onde todos os membros são iguais. Nesse ponto, a falta de distribuição igualitária de responsabilidades é sentida por todos os entrevistados. O Entrevistado 2 diz que por vezes não há um engajamento participativo. A Entrevistada 4 coloca que o Engenhos de Farinha "sempre foi muito orgânico, a gente nunca quis centralizar muito ele".

Ainda sobre o tema, a líder do Convívio Engenhos de Farinha diz que

Eu nem sou de acordo com esse papel do líder, eu acho que a rede do *Slow Food* Brasil, como é uma rede anárquica e transversal, a gente tinha que mudar um pouco essa forma, que funciona em outros países mas não faz muito sentido aqui para a nossa realidade (ENTREVISTADA 4).

Nessa perspectiva, Ramos (1989) coloca que, o interesse está na na maneira e nos enclaves onde as prescrições tornam-se legítimas aos indivíduos, sendo elas mínimas, estabelecidas com o consentimento dos interessados, flexíveis para estimular o senso pessoal de ordem e de compromisso com os objetivos fixados, sem transformar os indivíduos em agentes passivos. A Entrevistado 2 corrobora com Ramos quando expressa sua opinião sobre o tema “tem que ter isso, tem que ter espaço para novas idéias e novos ativistas se expressarem, colocarem um pouco de si. Todos querem dar um pouco sua cara ao Movimento, isso o torna diverso e divertido”

No que se refere às trocas de gestões, o Entrevistado 2 acredita ser recorrente a falta de planejamento das lideranças em relação às estratégia de sucessão, em formar novas lideranças. Ele comenta que esse comportamento resulta em mais trabalho para o próprio líder. As eleições deles acontecem por meio de eleições presenciais - onde todos os membros associados e/ou participantes ativos são convidados. Este processo acontecerá na segunda semana do mês de dezembro deste ano em relação ao Convívio Engenhos de Farinha, pois a atual líder mudou de cidade e portanto, não consegue exercer suas funções.

Sendo assim, é possível perceber, a partir dos relatos apresentados que a figura do líder tem representação central na associação. Tal situação é de certa forma incongruente à proposição do Movimento *Slow Food* que se diz uma rede auto-anárquica. Além disso, a situação também não é condizente com a teoria de isonomia de Guerreiro Ramos (1989) pois fere seu conceito inicial: “de um modo geral, isonomia, pode ser definida como um contexto em que todos os membros são iguais”

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse momento do trabalho, responderemos a pergunta de pesquisa e os objetivos propostos inicialmente. O desenvolvimento de tais respostas acontecerá por meio da reflexão das análises expostas no capítulo anterior e das relações entre os requisitos analisados, a fim de enriquecer o leitor e o campo das ciências da administração.

Uma vez que o presente trabalho teve como objetivo geral a caracterização organizacional de três Convívios do Movimento *Slow Food* da Grande Florianópolis, à luz da teoria da delimitação de sistemas sociais e da Lei dos Requisitos Adequados de Guerreiro Ramos, os seguintes resultados foram encontrados.

Tendo como primeiro objetivo específico a descrição do Movimento *Slow Food* como um sistema organizacional baseado em valores (alimento bom, limpo e justo), a análise dos dados coletados tornou possível descrever que tal proposição é verdadeira.

Nesse sentido, foi possível identificar que os Convívios, enquanto estratégia de atuação, baseia suas atividades na valorização e promoção do alimento 'bom, limpo e justo' por meio das práticas de Educação do Gosto nas escolas, na promoção de palestras e oficinas para a comunidade e na aproximação de consumidores, *chefs* de cozinha e produtores da agricultura alternativa.

Ainda, na proposição de valor do tempo *slow* e a convivialidade, a realização de eventos, expedições e encontros em torno dos alimentos agroecológicos fortalecem os laços de confiança e cumplicidade entre os atores em torno do alimento. Assim, vale ressaltar que tais práticas resultam no achatamento da cadeia do alimento, fortalecendo o ecossistema no qual está inserido.

Já no que se refere ao segundo objetivo específico da pesquisa, foi realizada a análise dos Convívios *Slow Food* da Grande Florianópolis. Tal análise se deu a partir da identificação dos grupo de convivialidade na região e da descrição dos mesmos quanto à sua origem - em torno da salvaguarda de produtos locais, e de suas principais atividades internas e externas.

Houve bastante abertura por parte dos entrevistados, a maioria deles expressou com entusiasmo as histórias vivenciadas dentro do Movimento. Além disso, eles também mostraram-se solícitos com a pesquisa no que tange à disponibilidade para responder

questionamentos em outros momentos do estudo e à entrega de documentos para o melhor entendimento das autoras.

Os três convívios analisados têm origens bastante distintas, uma vez que eles foram concebidos em diferentes momentos. Enquanto o Convívio Mata Atlântica nasceu praticamente dentro de uma universidade de gastronomia, o Convívio Engenhos de Farinha teve como cerne da sua fundação os produtores e, o Convívio Diamante, o mais recente deles, foi idealizado por um engenheiro agrônomo que viu no *Slow Food*, a oportunidade de valorizar um produto e tudo aquilo que nele se relaciona.

Os três convívios, cada um com suas particularidades, exerceram atividades de formas múltiplas. O Mata Atlântica é o mais amplo desses, pois trata-se de um bioma e assim, abrange diferentes tipos de produtos, pulverizando suas atividades gastronômicas independente do local. O Convívio Engenhos de Farinha, diferentemente, está concentrado em um só tipo de cultura alimentar, suas atividades acontecem de forma integrada à todos os atores relacionados à produção artesanal da Farinha de Mandioca do tipo catarinense. Já o Convívio Diamante, ainda que recente, tem como centro de suas atividades a legalização de um produto enraizado na comunidade rural de Diamante, o queijo cru Diamante.

Ao longo do desenvolvimento do terceiro objetivo, a análise dos Convívios estudados em relação à Lei dos Requisitos Adequados (tecnologia, tamanho, cognição, espaço e tempo) e a teoria da delimitação de sistemas sociais (economia, isonomia e fenonomia), de Guerreiro Ramos, culminou em resultados relevantes. Esses resultados foram compilados no Quadro 2 - Resumo de Resultados para o melhor entendimento do leitor.

Cabe destacar que pela comparação dos requisitos presentes nos Convívios e os requisitos adequados de cada sistema social, foi identificado que a organização estudada possui traços marcantes de isonomias. Uma vez a presente pesquisa sendo do tipo exploratória, compete às autoras a problematização dos aspectos divergentes da prática com a teoria.

Entre os primeiros achados, foi identificado que dois dos Convívios analisados sofrem de uma crise organizacional. Durante as análises, foi percebido que, devido à falta de práticas organizacionais específicas para o modelo de organização, as atividades internas e externas estão inoperantes. O Convívio Mata Atlântica, está com somente três membros ativos

envolvidos na rotina do convívio. Ao passo que o Convívio Engenhos de Farinha aguarda a realização de assembléia para a escolha de um novo membro à ocupar a posição de liderança.

Tal situação reflete na perenidade e sazonalidade das atividades realizadas pelos convívios. O fato pode ser consequência de diversas causas como: a dependência de editais de governo, a mudança do líder da cidade em que o convívio está localizado, da falta de estrutura de planejamento das atividades a serem realizadas, falta de comunicação entre os membros, dentre outros.

É possível perceber a relação da teoria de Guerreiro Ramos com os objetos de análise, já na dimensão 'Espaço'. O Espaço se apresenta como meio de encontro e de convivência entre os membros, além de ser por meio dele que as atividades acontecem. Sendo assim, a partir das análises, foi possível identificar que os espaços dos Convívios, de forma geral se propõem a ser sócio-aproximadores, pois visam promover interação e aproximação entre os membros. Outro ponto percebido foi a relação de interdependência com a dimensão tecnologia.

No que se refere à tecnologia, foram identificados conjuntos de normas operacionais e de instrumentos através dos quais, os membros exercem suas atividades - interna ou externamente e assim, expressam os valores do movimento. Nesse ponto, percebeu-se dificuldade da maioria dos produtores em acessar os espaços tecnológicos - diferentemente dos membros da zona urbana - pois eles não possuem acesso ou habilidades com os recursos tecnológicos de comunicação (computadores, internet).

Essa situação impacta na questão da liderança, pois dois dos três líderes entrevistados relataram que gostariam que tal função fosse executada por um produtor, para maior inserção da comunidade nas atividades. Entretanto, como a função do líder é basicamente, como relatado, de “secretário”, utiliza-se fortemente os meios tecnológicos para gestão. O resultado desse cenário é que dificilmente os produtores exercem a função de líder.

Partindo da identificação de que os Convívios possuem os requisitos adequados de uma isonomia, é possível questionar dois fatos que possuem uma mesma origem. Uma vez que em uma isonomia os membros ocupam posições por afinidades, cabe o questionamento: por que os líderes não sentem-se confortáveis com a posição atribuída a eles? A plausível resposta traz como origem o fato de que os possíveis líderes "ideais" não conseguem realizar todas as tarefas atribuídas ao cargo. Resgatando novamente o conceito da isonomia, onde a

autoridade é atribuída por deliberação de todos. De maneira ideal, a autoridade, passa, continuamente, de pessoa para pessoa, de acordo com a natureza dos assuntos, com os problemas em foco e com as qualificações dos indivíduos para lidar com eles. Assim, os produtores possíveis de exercer a posição de liderança devem tomar para si apenas as atividades que são capazes de realizar e as outras tarefas devem ser tomadas por aqueles que sentem afinidade com tal responsabilidade.

Na prática foi possível perceber que naturalmente algumas dessas situações acontecem, porém como existe a prescrição da atribuição oficial necessária ao cargo, as ações tornam-se menos flexíveis.

Considerando que para um convívio ser classificado *Slow Food*, segundo o “protocolo de fundação do convívio” deve ter 20 associados ativos (e associados), atualmente dois dos convívios são concebidos como inativos. Nesse sentido, é importante perceber as diferenças significativas do número de membros associados e aqueles que realmente participam das atividades.

Sendo assim, as autoras identificaram que, nos Convívios mais antigos, a grande maioria dos membros é composta por “associados e inativos”. Um dos motivos para essa situação acontecer, como já relatado nesta conclusão, se dá por motivos de inatividade dos próprios convívios. Além disso, também existe desconexão sobre a questão espacial, uma vez que pessoas se inscrevem e não residem perto dos Convívios. Em relação aos membros “não associados e ativos”, eles foram justificados, por alguns entrevistados por meio de concepções sobre a falta de importância da associação ou seja, não existe a percepção de valor e o incentivo para a prática.

Dessa maneira, pela perspectiva formal e no que tange a realidade dos Convívios Mata Atlântica e Engenhos de Farinha, o número de associados é de tamanho moderado, condizente com o tipo ideal de sistema social Isonomia. Entretanto, atualmente no que se refere aos membros ativos, o tamanho é definido como pequeno, típico de fenomenias. Essa situação é bastante delicada, visto que é a partir da associação que se estabelece o vínculo formal com o Movimento, além de ser uma forma de organização do Movimento, no que se refere à prática da ação política pelas atividades. Nesse momento, entende-se a relação de interdependência entre as dimensões tamanho e cognição

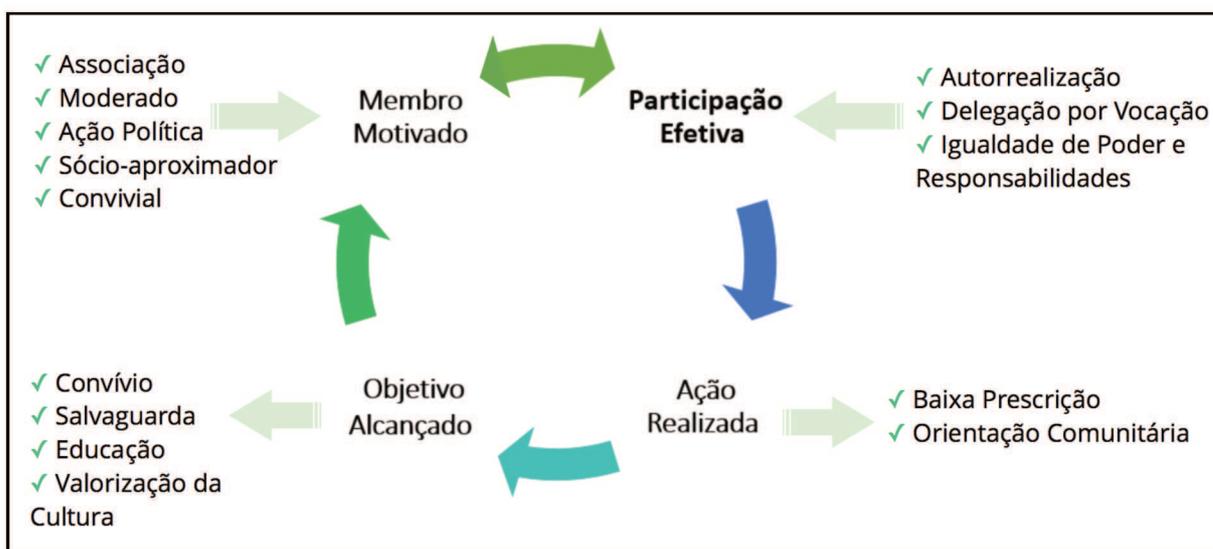
Ainda nesse sentido, no que se refere à cognição, os principais apontamentos direcionam para um sistema cognitivo político, pois “seu interesse é o estímulo dos padrões de bem estar social em seu conjunto”, seu impacto é mensurado mesmo que qualitativamente, pela realização das atividades que por sua vez depende dos membros ativos.

A dimensão tempo também foi abordada nesta pesquisa, percebida pelos entrevistados como tempo convivial, uma vez que trata-se de atividades voluntárias. Outros argumentos apontados pelos entrevistados e que comprovam a relação são: a dificuldade de mensuração do tempo - “medido em dias e não em horas” -, e o prazer identificado nele, como “atividades de lazer”.

Já a relação estímulo - motivação - engajamento, está diretamente relacionada aos sistemas cognitivos da organização, e principalmente ao paradigma paraeconômico. Tal relação se apresenta no seguinte encadeamento: uma vez o membro motivado intrinsecamente pela proposta de valor do movimento, contanto que tenha a possibilidade de se expressar e imprimir parte de sua identidade na ação, ele se dispõem a participar das atividades. Uma vez acontecendo tal ciclo, os Convívios mantêm sua rotina ativa.

Dessa maneira, a partir do modelo teórico de Ramos (1989) e do modelo de funcionamento ideal dos Convívios proposto pelo Movimento *Slow Food*, foi construído o modelo ideal do sistema social da organização estudada, como como mostra o diagrama a seguir:

Figura 4 - Modelo Ideal de Funcionamento



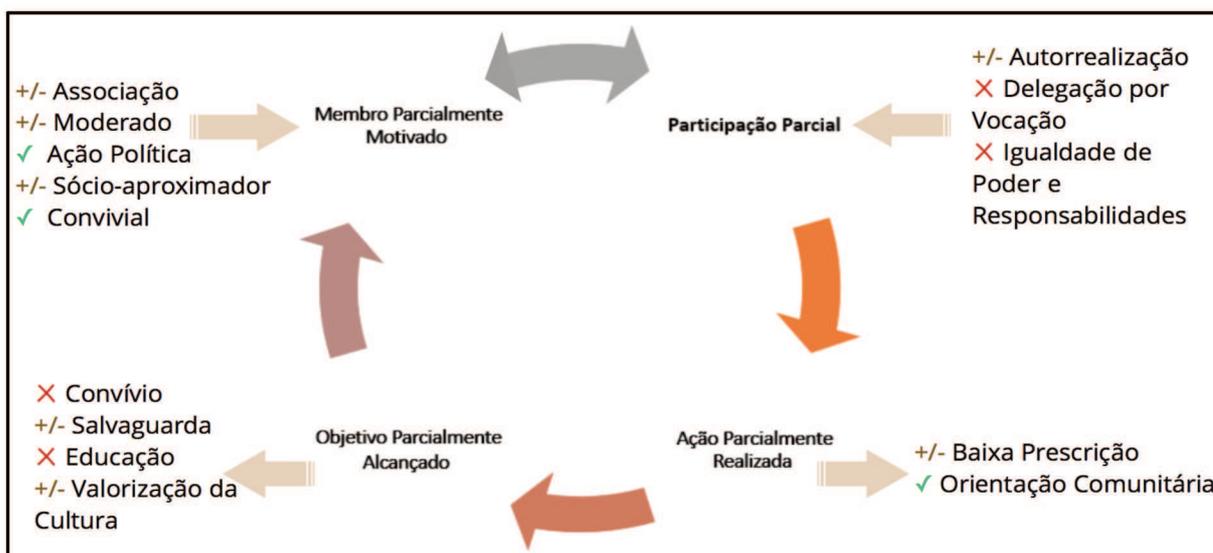
Fonte: Elaboração das autoras.

A figura anterior parte do pressuposto de que o membro adentra a organização motivado intrinsecamente pela proposta de valor do movimento e é estimulado por tal. Uma vez que o sistema social está adequado quanto aos seus requisitos (tecnologia, tamanho, cognição, espaço, tempo) ocorre a participação do membro nas atividades. Contudo que os princípios característicos do tipo organizacional (isonomia) sejam preservados, ocorre a participação efetiva do membro e a ação é realizada com baixa prescrição e de orientação comunitária. Tendo isso acontecido, os objetivos da organização são alcançados, retroalimentando a motivação do membro pela proposta de valor e mantendo ativo o Convívio.

Entretanto, essa não foi a realidade encontrada pela pesquisa. Ao passo que no formato atual dos convívios não ocorre a proporcional distribuição de responsabilidades e que, por vezes, os ambientes de discussão não atingem todos os membros, ocorre a quebra do ciclo referido. Nesse momento, alguns membros ficam aquém das interações, o que reduz o número de membros ativos, e resulta na maior concentração de responsabilidades, bem como na sobrecarga dos membros ativos, que passam a não enviar estímulos à cadeia, e tem seu o número de atividades práticas reduzidas, levando à inatividade do Convívio.

Assim, apesar de as teorias apresentarem sinergia quanto aos seus conceitos, a prática não acontece conforme o ideal. A partir da comparação com o modelo ideal, o diagrama a seguir apresenta o real funcionamento dos Convívios *Slow Food* da Grande Florianópolis:

Figura 5 - Modelo Real de Funcionamento



Fonte: Elaboração das autoras.

A figura 5 parte do pressuposto de que o membro adentra a organização motivado intrinsecamente pela proposta de valor do movimento e é estimulado por tal.

Entretanto, o modelo apresenta a rupturas quanto à adequação dos seus requisitos (tecnologia, tamanho, espaço), como exposto na análise, e, ainda que o membro participe da ação, o engajamento é fragilizado. Uma vez que os princípios característicos do tipo organizacional (isonomia) não são zelosamente preservados (delegação por vocações e igualdade de poder e responsabilidades), prejudica a participação efetiva do membro e a ação é realizada com maior prescrição que o ideal. É importante ressaltar nesse ponto que, como o requisito da cognição é preservado, a orientação comunitária resiste à tais intempéries. Tendo isso acontecido, os objetivos da organização são parcialmente alcançados (perda de convívio e redução em quantidade e qualidade das práticas), retroalimentando de maneira falha a motivação do membro pela proposta de valor e comprometendo a perenidade do Convívio.

Após a reflexão exposta neste trabalho, no bom e no mau funcionamento dos organismos sociais, percebe-se a interdependência dos requisitos, bem como a importância de sua adequação ao enclave social em que se insere.

Uma vez que a presente pesquisa é exploratória, é possível identificar diversas lacunas a serem preenchidas por estudo posteriores. Na concepção das autoras alguns tópicos se fazem de extrema relevância. São eles:

- O estudo dos tipos ideais de liderança dos Convívios e/ou organizações isonômicas;
- A particularidades da articulação dos nós da Rede *Slow Food* que os Convívios representam;
- A relação do vínculo formal entre membros e o Movimento;
- As práticas organizacionais na realização de ações políticas;
- Formas de estímulo e engajamento para membros de organizações isonômicas.

REFERÊNCIAS

- ABRASCO. **Dossiê ABRASCO**, um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde. São Paulo; Expressão Popular. 2015
- ALTIERI, M. A. **Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa**, Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989.
- ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- ANDION, C; SERVA, M; LÉVESQUE. **O Debate sobre a economia plural e sua contribuição para o estudo das dinâmicas de desenvolvimento territorial sustentável**. Eisforia: Ano 4, Volume 4, 2006. P 199-221
- ANDREWS,G. **The Slow Food Story. Politics e Pleasure**. London: Pluto Press, 2008 (Ed. Italiana). Slow Food. Una storia tra politica e piacere. Bologna: il Mulino 2008
- BIROCHI, R. **Metodologia de estudo e de pesquisa em administração**. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2015.
- BOSETTI, C.J. **Perspectivas de desenvolvimento rural em disputa no Brasil**. 2013. 409 f. Tese - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013
- BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre; Zouk 2007
- BRASIL – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – **Programa de Desenvolvimento da Agricultura Orgânica - Pro-orgânico**, Brasília: MAPA, Plano 2004/2007.
- CARMOS, M. S. **A produção familiar como locus ideal da agricultura sustentável, Agricultura em São Paulo**, São Paulo, v. 45, nº 01, p. 01-15, 1998.

- CARNEIRO, H. **Comida e Sociedade: uma história da alimentação**. Rio de Janeiro. Elsevier: 2013
- CHIZZOTTI, A **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2006.
- COUTINHO, C.P. **Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática**. Coimbra; Almedina .2014
- EHLERS E., **Agricultura sustentável: origens e perspectivas de um novo paradigma**. 2ª ed. Guaíba: Agropecuária, 1999. 157 p.
- FRANÇA FILHO, G.C. **Decifrando a noção de Paraeconomia em Guerreiro Ramos: a atualidade de sua proposição**. Salvador, v.17, nº 52 ,175-197 p, 2010.
- GAIGER, L. I. G. **A economia solidária diante do modo de produção capitalista**. Caderno CRH, Salvador, v. 39, p. 181-211. 2003.
- GAIGER, L.I. (Org.). **Sentidos e experiências da economia solidária no Brasil**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- GARCIA; L.; QUEK, F. **Qualitative research in information systems: time to be subjective?** UK: Chapman & Hall, 1997.
- GENTILE, C. **Slow Food na Itália e no Brasil: história, projeto e processos de valorização dos recursos locais**. 412 f., Tese - Universidade de Brasília. Brasília, 2016.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GÓMEZ, J. R. M. **El desarrollo rural contra la reforma agraria: propuestas para el medio rural brasileño en conflicto (1995-2005)**. Conciencia social, v. VI, p. 74-86, 2006
- GOODMAN, D; SORJ, B; WILKINSON, J. **Da lavoura às biotecnologia**. Rio de Janeiro: Campus.1990

GRANGER, G. G.. **Modèles qualitatifs, modèles quantitatifs dans la connaissance scientifique**.In: Sociologie et Sociétés (G. Houle, org.), vol. XIV, n° 1, p. 07-15, Montréal: Les Presses de L'Université de Montréal.1982

GRAZIANO SILVA, J. **A modernização dolorosa** . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982)

RAMOS, G.A. **A nova Ciência das Organizações**. São Paulo: FGV 1989

ILLICH, Ivan. **Tools for Conviviality**. Chapter II Convivial Reconstruction. 1973. Disponível em: <http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/3a_aula/illich_tools_for_conviviality.pdf>. Acesso em 5 de out. de 2016

INCA. **Instituto Nacional do Câncer**. Disponível em <inca.gov.br>. Acesso em: 13 de out. de 2016

JESUS, J.G. **Psicologia social e movimentos sociais: uma revisão contextualizada**. Psicologia e Saber Social, 1(2), 163-186, 2012.

KERLINGER, F, N. **Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais: um tratamento conceitual**. São Paulo: EPU: EDUSP – Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

LAVILLE J.L. **Con Mauss e Polanyi: Rumo a uma teoria da economia plural**. A nova ordem social: Perspectivas da solidariedade contemporânea, Paralelo 15, Brasília, pp. 42-57. 2004

LAVILLE, J.L. **A economia solidária: Um movimento internacional**, Revista Crítica de Ciências Sociais [Online], 84 | 2009, 2014

LAVILLE, J.L. **Economia solidária: uma abordagem internacional**. Porto Alegre: EDUFRGS, 2004.

MANCE, A. E. **Economia solidária: um novo paradigma?** In: SEMINÁRIO CATARINENSE DE ECONOMIA SOLIDÁRIA, IFIL, Florianópolis, maio 2000

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 7 Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 5 Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARTINS, Sergio Roberto. **Agricultura e sustentabilidade: seus limites para a America Latina**, EMATER, 2001

MELUCCI, A. **The new social movements: a theoretical approach**. Social Science Information 19(2): 1980 pp 789-816

MENDONÇA, S, R. **O ruralismo brasileiro (1888-1931)**. São Paulo: Hucitec, 1997

OLIVEIRA, D.C. **Comida, Carisma e Prazer: um estudo sobre a constituição do Slow Food no Brasil**. 2014. 210 f. Tese - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

ORTIGOZA, S.G. **O fast food e a mundialização do gosto**. Revista Cadernos de Debate. Vol V, p. 21-45, 1997.

PETRINI, C. **Slow Food: princípios da nova gastronomia**. São Paulo Editora Senac: 2009.

POLANYI, K. **A grande transformação: as origens da nossa época**. Rio de Janeiro: Campus 1980

SANTOS, L. M. L. **Socioeconomia: solidariedade, economia social e as organizações em debate**. São Paulo: Atlas, 2014.

SERVA, M. **A abordagem substantiva e ação comunicativa: uma complementaridade proveitosa para a teoria das organizações**. Revista de Administração Pública 31.2 (1997) 108-134

SERVA, M. **A racionalidade substantiva demonstrada na prática administrativa**. Revista de administração de empresas 37.2 (1997): 18-30

SLOW FOOD. **Bem-vindo ao nosso mundo**. O manual. Bra (Cn): Slow Food, 2008

SLOW FOOD. **Slow Food Brasil**. Disponível em: < <http://www.slowfoodbrasil.com/>>. Acesso em: jun. de 2016

SANTOS, B. org. **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

TONET, R. S. **Fenômenos, Economia Plural e Desenvolvimento Local**: Um estudo na Feira de Artesanato do Largo da Ordem em Curitiba – PR. 2004. Dissertação (Mestrado em Administração) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

ANEXO – Norteadores das Entrevistas

Durante a realização das entrevistas semi-estruturadas foram abordados os seguintes tópicos, ainda que com variações nos formatos de pergunta e/ou de maneira espontânea pelos entrevistados.

- História do Movimento *Slow Food* e Convívios
 - Por quê;
 - Quando;
 - Como;
 - Quem;
 - Onde;
 - Quantas pessoas;
- Primeira atividades;
- Últimas ações;
- Próximos eventos;
- Estrutura organizacional;
- Tomada de decisão;
- Gestão do conhecimento;
- Relação com a rede;
- Meios de comunicação;
- Divisão de tarefas;
- Ferramentas de comunicação, gestão do conhecimento e controle de atividades;
- Perfil dos associados;
- Como conheceu o *Slow Food*;
- Motivação na aproximação com o Movimento;
- Participação de quais atividades;
- Como aconteciam as atividades;
- Sentimento após a realização das atividades;
- Pontos positivos do Movimento;
- Pontos negativos do Movimento;
- Como chegou ao Convívio;
- Tempo despendido nas atividades do Convívio;
- Objetivo específico do Convívio.